



## Jesuítas. Quem são?

Há 450 anos morria Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, ou seja, dos jesuítas. Este evento é lembrado no mundo inteiro. Celebra-se também o quinto centenário de nascimento de dois companheiros de Inácio: Francisco Xavier e Pedro Fabro.

Nos dias 25 a 29 de setembro, aqui na

Unisinos, na PUC-Rio e na FAJE, em Belo Horizonte, realizar-se-á o Seminário Internacional **A globalização e os jesuítas: origem, história e impactos**. O seminário, que contará com especialistas de várias partes do mundo, será inaugurado por uma conferência do Pe. Peter-Hans Kolvenbach, superior geral da Companhia de Jesus. A íntegra do programa do evento pode ser conferida na página [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).

A revista **IHU On-Line** desta semana descreve algumas figuras de jesuítas: Michel de Certeau, Henrique Cláudio de Lima Vaz, Gerard Hopkins, Matteo Ricci, entre outros. O trabalho dos jesuítas na universidade, na filosofia, na história, na psicanálise, na literatura, na cosmologia e na astrofísica ilustra, de alguma forma, o diálogo, tenso e intenso, da Companhia de Jesus com a contemporaneidade.

Ainda nesta semana, será feito o lançamento do **Simpósio Internacional O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos** a ser realizado de 21 a 24 de maio de 2007, na Unisinos e na PUC-Rio. Na quinta-feira, dia 29 de junho, o Prof. Dr. Mário Fleig, proferirá a conferência *"Ah! Não vai dar nada!..." Patologias da responsabilidade e delírio de autonomia na pós-modernidade*, às 17h30min, na sala IG119. Na ocasião, será apresentado oficialmente o programa do evento.

A todas e todos uma boa leitura e uma ótima semana!

## Leia nesta edição

Editorial **pg. 2**

## Tema de capa

### Entrevistas

- Mario França Miranda:** Inácio, os jesuítas e a modernidade **pg. 3**  
**Elisabeth Roudinesco:** Michel de Certeau ou a erotização da história **pg. 7**  
**Dain Borges:** As heterologias de Michel de Certeau **pg. 12**  
**Nicolas Standaert:** Os jesuítas e a cultura chinesa **pg. 15**  
**William Stoeger:** Astrofísica, cosmologia e a busca de Deus no universo **pg. 21**  
**Mark Ridd:** A sensibilidade poética de Gerard Hopkins **pg. 26**  
**Marcelo Fernandes de Aquino:** Vaz : intérprete de uma civilização arreligiosa **pg. 34**

### Brasil em Foco

- Leda Maria Paulani:** Por uma retomada da economia política **pg. 44**

## Destaques da semana

### Teologia Pública:

- Carlo Maria Martini:** O diálogo entre as religiões **pg. 49**

### Entrevistas da Semana:

- Rolf Jensen:** No futuro o consumo será mais emocional do que racional **pg. 53**  
**Edward O. Wilson:** "A ciência e a religião são as duas forças mais poderosas do mundo **pg. 57**  
**Jorge Ferreira:** "Fraco, inepto, despreparado": os militares desqualificam Jango **pg. 61**

### Frases da Semana:

**pg. 67**

### Destaques On-Line:

**pg. 68**

## IHU em revista

### Eventos

**pg. 71**

### IHU Repórter

**pg. 73**

### Carta do leitor

**pg. 75**

# Inácio, os jesuítas e a modernidade

Entrevista com Mario França Miranda

“Inácio de Loyola já apresenta traços bem típicos do que hoje chamamos de modernidade. Sua conversão pessoal, a experiência que então teve de uma ação direta de Deus em sua vida, situada num contexto eclesial em plena crise institucional, vão levá-lo a valorizar a *subjetividade*”. A afirmação é do jesuíta Mario de França Miranda em entrevista concedida por e-mail à *IHU On-Line*.

França Miranda parte das características de Inácio de Loyola e seu contexto para chegar à Companhia de Jesus, por ele fundada e o contexto atual de globalização. Mario França Miranda é professor no Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Graduado em Filosofia, é mestre em Teologia pela Faculdade de Teologia da Universidade de Innsbruck, da Áustria e doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana, da Itália, com a tese intitulada *A autocomunicação de Deus em Karl Rahner*. É autor de vários livros, entre os quais citamos *Existência cristã hoje*. São Paulo: Loyola, 2005.

## ***IHU On-Line* - Qual a relação de Santo Inácio com a modernidade já nascente em sua época?**

**Mario França Miranda** - Embora tenha tido uma formação familiar e religiosa tradicional, que o ligava mais à época que poderíamos caracterizar como pré-moderna, Inácio de Loyola já apresenta traços bem típicos do que hoje chamamos de modernidade. Sua conversão pessoal, a experiência que então teve de uma ação direta de Deus em sua vida, situada num contexto eclesial em plena crise institucional, vão levá-lo a valorizar a *subjetividade*, como sabemos uma das características marcantes da época moderna. No momento em que a mediação eclesial não inspirava confiança e nem o ajudava em sua busca da vontade de Deus, o santo basco perscruta seu próprio interior para captar como Deus lhe fala, para aprender como desmascarar possíveis ilusões espirituais, numa palavra para discernir

os movimentos da alma que são realmente de Deus.

## **Racionalidade funcional**

Outro traço da modernidade consiste no que poderíamos chamar de *racionalidade funcional*, um uso da razão que busca eficácia e produtividade em suas atividades. Esta característica aparece claramente em suas cartas, em seu desejo de conhecer bem o contexto da ação pastoral dos primeiros jesuítas para que suas orientações atinjam realmente o alvo. Junto com esta característica eu acrescentaria uma outra, também típica da modernidade, a saber, sua *confiança na razão*, no conhecimento humano. Daí a tradição cultural dos jesuítas, sua ligação com universidades e estabelecimentos de ensino para os objetivos da ordem. Daí também a exigência de *qualidade* nas obras empreendidas, fruto não só do *magis* inaciano, mas também do entorno cultural da época.

### **IHU On-Line - Como esta relação repercute na Companhia de Jesus?**

**Mario França Miranda** - O primado da *subjetividade* leva Santo Inácio a ver no jesuíta formado alguém capaz de tomar decisões pessoais, seja no que tange à sua vida espiritual, seja no que diz respeito a suas atividades apostólicas. Naturalmente se pressupõe um momento anterior de conhecer a situação real, seus problemas e os meios mais aptos para enfrentá-los. Na mente de Santo Inácio, o corpo da Companhia devia gozar de grande *mobilidade* para atender às necessidades da Igreja, onde quer que fossem. Previa ele que o jesuíta, muitas vezes, se encontraria completamente só, devendo resolver se continuava com a missão, se voltava para sua comunidade ou se deveria ir adiante para outros lugares que necessitavam de sua presença. Este modo de ver demonstra que a famosa obediência inaciana nada tinha de rígida ou de mecânica. Naturalmente, no jesuíta formado, Inácio pressupunha uma pessoa livre e sensível aos apelos do Espírito e da realidade, sempre em vista da maior propagação do Reino, chamada por ele de maior glória de Deus. A *racionalidade funcional* caracteriza a oração inaciana como uma oração metódica, envolta em “adições” e regras e sujeita a avaliações constantes. Dita também a sua estrutura das próprias Constituições da Companhia de Jesus, seguindo uma formação progressiva com etapas bem definidas em seus objetivos. Na mesma linha, explica-se a existência das orientações pedagógicas próprias dos jesuítas e conhecidas como a *Ratio Studiorum*.

### **IHU On-Line - Em tempos de globalização, como se posiciona a Companhia de Jesus diante deste fenômeno de nossos dias?**

**Mario França Miranda** - Eu diria que a Companhia, pelo seu passado e por

suas características próprias, encontra-se bem equipada para se defrontar com este mundo globalizado e aí desenvolver sua atividade apostólica. Vejamos. Para começar podemos indicar uma certa globalização já *no tempo de Inácio*. A descoberta de novas terras despertou tanto a ambição como o élan evangelizador dos europeus, que em suas caravelas levavam não somente a fé cristã e a cobiça de riquezas, mas ainda a própria cultura ocidental, procurando constituir pequenas “Europas” fora da Europa. Podemos mesmo falar de uma universalização do mundo fundada em valores ocidentais. Esta incipiente globalização se faria primeiramente por meio do *conhecimento*, movido por uma razão que tudo procurava desvendar e explicar. Também se daria por meio do *poder* europeu, como superior e hegemônico, levando a civilização aos povos bárbaros. E, finalmente, por meio de uma universalização de *valores éticos*, baseada na fé cristã, no Iluminismo, na posterior Declaração dos Direitos Humanos, sem dar grande importância à diversidade cultural e contextual.

### **A “globalização” na época de Inácio de Loyola**

Nessa época, nasce a Companhia de Jesus que se vê imediatamente lançada nesta aventura globalizante que permitia grande expansão da atividade missionária fora da Europa e que levou ao afastamento de dois grandes amigos como eram Inácio e Francisco Xavier<sup>1</sup>. Emitir um juízo global sobre o procedimento dos primeiros jesuítas diante dos povos que encontravam é tarefa muito difícil, seja pela

---

<sup>1</sup> São Francisco Xavier (1506-1552): missionário cristão espanhol e apóstolo das Índias, um dos pioneiros e co-fundador da Companhia de Jesus. Morreu na China, onde se preparava para cristianizar essa vasta região. Foi canonizado pelo Papa Urbano VIII. (Nota da *IHU On-Line*)

diversidade de pessoas e situações em jogo, seja pela “consciência possível” daquele tempo, que deve ser levada em conta, se não queremos cair em anacronismos simplórios, julgando-os a partir de nosso próprio horizonte de compreensão. Alguns acertaram mais e seus nomes ficaram na história como Mateus Ricci<sup>2</sup> e Roberto de Nobili<sup>3</sup>, para citar os mais conhecidos. Outros não corresponderam tanto ao que nos parece correto hoje. De qualquer modo as experiências no além-mar, os relatos e as cartas enviadas à Europa, o clima missionário de então, refluíram para dentro da ordem, alargando seus horizontes regionalistas (leiam-se europeus). Esta característica de não temer o diferente, de respeitar a língua e a cultura locais, de abrigar em suas comunidades nacionalidades e etnias diversas, de ter forte consciência de ser uma instituição internacional, plasmou a ordem de então e pode ser observada ainda em nossos dias.

***IHU On-Line - A globalização atual, porém, acontece, sobretudo, no âmbito da economia com as conseqüências perversas que todos sentimos. O que diz isso para a Companhia?***

**Mario França Miranda** - Meus conhecimentos sobre a atual

---

<sup>2</sup> **Matteo Ricci** (1552-1610): missionário que viveu já em sua época os princípios básicos do Vaticano II, especialmente a inculturação e o diálogo inter-religioso. Depois de estudar direito em Roma, entrou na Companhia de Jesus, em 1571. Durante sua formação, interessou-se também por várias matérias científicas, como matemática, cosmologia e astronomia. Em 1577, pediu para ser enviado às missões no Leste da Ásia e, aos 24 de março de 1578, embarcava em Lisboa, chegando a Goa, capital das Índias Portuguesas, aos 13 de setembro do mesmo ano. Alguns meses depois, foi destinado para Macao, a fim de preparar sua entrada na China. Aos 7 de agosto de 1578, chegava a Macao. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>3</sup> **Roberto de Nobili** (1577-1656): missionário jesuíta, um dos pioneiros da Companhia de Jesus. (Nota da *IHU On-Line*)

globalização são bem limitados. No entanto, posso notar que, por um lado, a Companhia se utiliza cada vez mais dos recursos mediáticos que impulsionaram este processo e dos conhecimentos por ele universalizados. Por outro lado, a abertura de mercados provocada pelas nações mais ricas deixa atrás de si também o desemprego, a destruição das economias nativas dos países mais pobres, a canonização da produtividade e da eficiência em detrimento do ser humano, como podemos constatar. É a hegemonia do fator econômico, relegando à periferia os demais valores sociais, como a cultura e a ética. Diante disso, a única atitude coerente, não só numa perspectiva cristã, mas simplesmente humanista, é de *denúncia* e de *crítica*. E, apesar de termos presenciado certa queda na pastoral social dentro da Igreja, com repercussões na própria Companhia nestes últimos anos, constatamos hoje iniciativas importantes neste setor como o serviço internacional aos refugiados e a participação ativa de jesuítas nos eventos internacionais antiglobalização como se deu no Fórum Social Mundial de Porto Alegre. Também a defesa das culturas nativas pelo empenho por uma autêntica inculturação da fé, tal como vem sendo implantada na África e na Ásia com a forte colaboração de jesuítas, vai numa direção contrária à pasteurização cultural empreendida pelas multinacionais para melhor venderem seus produtos.

***IHU On-Line - Pode-se considerar a espiritualidade inaciana, já com mais de 400 anos, ainda atual em nossos dias?***

**Mario França Miranda** - Os Exercícios Espirituais<sup>4</sup> de Santo Inácio, embora

---

<sup>4</sup> LOYOLA, Inácio de. *Exercícios espirituais*. 6ª. ed. São Paulo: Loyola, 1997. (Nota da *IHU On-Line*)

expressos numa linguagem que necessita esclarecimentos hoje, gozam de uma impressionante atualidade. Vivemos uma época de mudanças sucessivas e rápidas. As referências do passado se encontram continuamente ultrapassadas pelas novas problemáticas, as estruturas tradicionais são questionadas e há grande dificuldade por parte das grandes instituições sociais em responder o que delas se espera. Tudo parece instável e passageiro, para não dizer descartável. O cristão sente fortemente este desconforto. Como poderá ele responder a Deus, como deverá ele concretizar em sua vida o seguimento de Cristo? Inácio nos ensina a captar em meio ao redemoinho da vida a vontade de Deus por meio de sua doutrina sobre o *discernimento dos espíritos*. Mais ainda. Numa sociedade secularizada em que o cristão não mais recebe dela apoio para sua fé, ele nos ensina a buscar e *encontrar Deus em todas as coisas*, e não apenas nas realidades religiosas. Sua mística nada tem de fuga do mundo, mas é uma mística da realidade deste mundo, que tudo procura abraçar que possa dar glória a Deus. Também por se tratar de uma ordem apostólica que tem, na atividade pastoral, seu objetivo último sua mística se caracteriza por ser uma *mística de ação*. É no interior da própria ação apostólica, e no bojo da própria entrega pelos semelhantes, é no seio do próprio serviço à Igreja que o ser humano irá experimentar a ação do Espírito, ser por ela fortificado, consolado e reconfortado. Inácio

desconfiava muito de uma mística só de sentimentos, palavras ou belos sonhos. Naturalmente é todo um aprendizado a ser realizado para se chegar a esta sensibilidade espiritual, o qual tem início já nos retiros espirituais marcados pela oração e pelo silêncio.

***IHU On-Line - E a própria Companhia de Jesus poderá enfrentar tais mudanças sem perder sua identidade?***

**Mario França Miranda** - A identidade da Companhia, ou seu carisma como costumamos chamar, vem de sua finalidade apostólica. É um corpo para a missão. Desde o início, ela se estruturou em vista deste objetivo, e o vem fazendo ao longo da história. Como tal, ela não está presa a qualquer atividade concreta. Ela deverá mesmo, para ser fiel a seu carisma, *interrogar-se continuamente* sobre o que, de fato, nas novas e sucessivas circunstâncias de cada época corresponde a seu objetivo. Desse modo, poderá abandonar certas obras e atividades em favor de outras mais condizentes com sua missão, mais urgentes ou de repercussão mais universal. É o que vemos em nossos dias pelas últimas Congregações Gerais que acrescentaram à promoção da fé também a luta pela justiça, o diálogo inter-religioso e a inculturação da fé como objetivos próprios da vocação de um jesuíta. A universalidade do carisma permite concretizações plurais segundo as necessidades da Igreja. Não realizá-las implica não somente estar desatualizado, mas ainda contrariar sua própria identidade.

# Michel de Certeau ou a erotização da história

Por Elisabeth Roudinesco



Ainda sobre o jesuíta Michel de Certeau, a *IHU On-Line* entrou em contato telefônico com Elisabeth Roudinesco, psicanalista e escritora francesa, aluna e companheira intelectual de Certeau. Roudinesco disse à *IHU On-Line* que sua convivência com o jesuíta tinha sido amplamente descrita numa Conferência pronunciada no México, em outubro de 2003, na Universidade Iberoamericana, universidade confiada à Companhia de Jesus, e enviou-nos essa conferência que publicamos na presente edição.

Roudinesco, aluna de Michel de Certeau, é doutora em Letras. Após completar sua formação psicanalítica e literária dedicou-se à teoria freudiana. Abandonou o Partido Comunista em

1979 e foi membro da Escola Freudiana de Paris de 1969 a 1980. Entre suas obras publicadas em português, citamos *História da Psicanálise na França*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989; *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998 e *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

*IHU On-Line* dedicou a edição 58, de 5 de maio de 2003, intitulada *A família em desordem*, repercutindo o livro de nome idêntico, escrito por Roudinesco e traduzido para o português pela Jorge Zahar Editora, em 2003. No original, o livro foi publicado sob o título *La famille en désordre*. Paris: Fayard, 2002. A escritora concedeu entrevista à *IHU On-Line* recentemente, na edição 179, sobre o pensamento de Sigmund Freud, de 8/05/2006 com o título “O pensador das luzes escuras”. Os subtítulos são nossos.

Historiador aberto a todas as transversalidades, jesuíta lúcido e generoso, Michel de Certeau foi um renovador dos estudos sobre a mística. Mas, ele foi também, pelo interesse que mostrava à necessária relevância da mensagem freudiana, um dos fundadores, com Jacques Lacan<sup>5</sup>, da

<sup>5</sup> Jacques Lacan (1901-1981): psicanalista francês. Lacan fez uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor

Escola freudiana de Paris (1964). Por seu ensinamento incisivo e sua escuta rigorosa da palavra alheia, ele deixou uma forte marca em bom número de jovens intelectuais dos anos 1970, e também em mim, que fui sua aluna. Eu

(descartando os impulsos sexuais e de agressividade, por exemplo). Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas este é apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. (Nota da *IHU On-Line*)

lhe devo uma boa parte de minha orientação atual.

Antes de falar da maneira com que ele me marcou, eu gostaria de fazer menção de um diálogo muito surpreendente que ele teve com Jean Marie Benoist<sup>6</sup> para uma emissão radiofônica e onde se descobre uma das facetas mais finas de sua caminhada. Nessa série de entrevistas realizadas em 1975, após a aparição de *L'écriture de l'histoire*, (Paris Gallimard, 1978), Michel de Certeau fala essencialmente de sua relação à historiografia, sublinhando o que o aproxima e o que o diferencia de diversos autores que se interessaram por assuntos idênticos aos seus, notadamente Michel Foucault<sup>7</sup> ou Jacques Derrida<sup>8</sup>. Situando o discurso da história como uma tomada de poder do presente sobre o passado, ele mostra que desde o século 17 a historiografia ocidental se distanciou do vivido subjetivo e social, para fazer dele o

objeto de um saber indissociável do destino da escritura.

### **Escrever a história: uma forma de tomar o poder**

Escrever a história será então, para uma sociedade de tipo estático, substituir uma racionalidade coerente por uma experiência heterogênea, afetiva ou inefável, a fim de melhor enunciar o que devem ser a norma e o progresso. Mas, eliminando o que funda a possibilidade de seu olhar, a história se parece também a um empreendimento de exclusão, já que, à maneira de um relato etnográfico, ela exorciza as tradições orais que ela estuda. Assim, ela honra os atores, os heróis, as testemunhas ou os povos como se honra os mortos: ela os encerra numa tumba.

Mas, ao mesmo tempo, por tais atos de escritura e de tomada de poder, a história se defronta forçadamente com um grande retorno do reprimido. Utilizando os conceitos freudianos, Certeau sublinha que este recalcado retorna em configurações inesperadas ou "impensadas" pelos historiadores: a palavra dos possuídos no século 17, ou ainda o discurso místico, numa ruptura com os enunciados da ordem estabelecida. Para não mergulhar nem no excesso de arquivo – como o fazem os eruditos – nem na rejeição de toda relação ontológica com o vestígio – como o querem os adeptos de uma história reduzida a uma ficção – o historiador deve, pois, manter-se à distância dos dois extremos que o ameaçam. Ele não deve nem favorecer a constituição de um saber absoluto, tendendo a se tornar um reservatório de idéias mortas, nem preconizar a abolição de toda relação à ordem escritural, que faria dele um simples observador de seu tempo.

<sup>6</sup> **Jean-Marie Benoist**, professor assistente de Claude Lévi-Strauss, escreveu *Les Nouveaux primaires*, Hatier, Paris, 1978. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>7</sup> **Michel Foucault** (1926-1984): filósofo francês foi professor no Collège de France. Sua obra tem um enorme impacto na academia, pois perpassa principalmente pelas áreas humanas e das ciências sociais, mas também pelas demais áreas de estudo. É autor de, entre outros livros, *História da loucura*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997. A matéria de capa da 119ª edição da *IHU On-Line*, de 18 de outubro de 2004, foi dedicada a esse pensador. O IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento **Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault**. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>8</sup> **Jacques Derrida** (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973; *L'Éthique du don*, (1992), *Demeure, Maurice Blanchot* (1998), *Voiles avec Hélène Cixous* (1998), *Donner la mort* (1999). Dedicamos a Derrida a editoria *Memória* da *IHU On-Line* edição 119, de 18 de outubro de 2004 (Nota da *IHU On-Line*).



### **Erotização da história**

Procuramos reter um dos grandes momentos desse debate: aquele em que Michel de Certeau explica que na França, após o regicídio de 1793<sup>9</sup>, a língua se torna o novo “corpo do rei”, pelo qual a nação, eliminando os patuás e os dialetos, impõe uma nova ordem simbólica, sem, no entanto, restaurar o antigo poder monárquico perdido para sempre. Por esse gesto, ela inventa um corpus significativo que será ele próprio contestado, dois séculos mais tarde, por não ter sabido refletir sobre a fragilidade de sua própria soberania. Pode-se, evidentemente, confrontar esta posição com a de Certeau sobre a erotização da história e com a citação que eu pusera em destaque de meu livro sobre a psicanálise na França: “Escondido na submissão às regras de uma tarefa e na regularidade das exigências objetivas não escolhidas, pode haver aí uma erotização da história – uma paixão alteradora e alterada, eu ousaria dizer um furor de amar”.

Vê-se aqui aparecer o recalcado ou o impensado, mas também o itinerário complexo deste homem habitado por uma ferida secreta, e que soube transformar sua melancolia numa espécie angélica de fazer nascer no outro uma ruptura existencial, suscetível de torná-lo estrangeiro àquilo que ele acreditava ser.

### **A história de Michel de Certeau**

Sem compaixão nem pieguice, Certeau foi um iniciador tanto mais fascinante, uma vez que ele soube renunciar aos ouropéis de uma maestria de simulação. Ele desdenhava as honrarias, os faustos e as medalhas, preferindo furtar-se sem cessar, e em todos os continentes, à incandescência frágil das

<sup>9</sup> **Regicídio:** matar o rei. O regicídio de 1793 na França foi a execução do rei Louis XVI depois da sentença de morte dada pelo Parlamento. (Nota da *IHU On-Line*)

rebeliões extremas ou cotidianas. Nascido em Chambéry, em 1925, Certeau saíra de uma família católica da pequena nobreza de Savóia, que será marcada por um destino trágico: um suicídio e duas mortes violentas por acidente de estrada. Atraído primeiramente pelo ensinamento do padre Henri de Lubac<sup>10</sup>, ele entra em 1950 na Companhia de Jesus, com a firme intenção de partir para a China. Seis anos mais tarde, ele é ordenado padre e em seguida integra a revista *Christus*<sup>11</sup>, seguindo o seminário de Jean Orcibal<sup>12</sup> na V.ª secção da Escola prática de altos estudos (École pratique des hautes études, EPHE). Em 1960, ele defende sua tese de 3º ciclo sobre Pedro Fabro<sup>13</sup> um savoiense como ele e um dos primeiros companheiros de Inácio de Loyola, que assumira como tarefa, em meados do século 16, reconciliar a Reforma com o Papado. Na mesma perspectiva, ele desenvolve um trabalho sobre o itinerário de Jean-Joseph Surin, jesuíta bordelense do século XVII, que tinha sido enviado em missão ao Loudun, em 1634, para exorcizar as religiosas do convento das Ursulinas, possuídas pelo demônio, apesar de ter sido enviado à fogueira seu superior, Urbain Grandier. Surin os liberta ao preço de ser ele mesmo

<sup>10</sup> **Henri de Lubac** (1896-1991): teólogo jesuíta francês. Foi suspenso por Pio XII. No seu exílio intelectual, escreveu um verdadeiro poema de amor à Igreja que são as suas *Méditations sur l'Eglise*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>11</sup> **Revista Christus:** Criada em 1954, tendo o jesuíta Michel de Certeau como um de seus fundadores e editores. Em 2004, quando completou 50 anos, a Revista foi o centro de uma programação com diversos intelectuais em 16 e 17 de janeiro. É sediada na França. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>12</sup> **Jean Orcibal.** Diretor dos estudos, ciências religiosas do Instituto para pesquisa avançada de Paris. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>13</sup> **Pedro Fabro** (1506-1546): jesuíta francês, primeiro discípulo e companheiro de Santo Inácio de Loyola. Foi ordenado em 1534. Com Francisco Xavier e Inácio de Loyola é reconhecido como um dos fundadores da Companhia de Jesus.

golpeado por mutismo durante vinte anos e convencido de sua própria condenação. Em 1970, em *La possession de Loudun* (Julliard, 1970), que se tornará um clássico, Certeau mostra que nesta questão os médicos herdaram um poder de cura até então reservado aos teólogos. Comparando Surin a um “Dartagnan da mística”, ele sublinha que o mesmo ocupa, no coração deste dispositivo, o lugar de uma espécie de estrangeiro radical, cujo poder escapa à tarefa das três ordens instituídas (o Direito, a Teologia, a Monarquia). Surin inverte, com efeito, segundo Certeau, a relação tradicional entre exorcista e possuído, para se desprender de seu saber e de sua razão em benefício de Jeanne des Anges, a priora do convento, à qual ele dá a entender que as desordens atribuídas ao demônio não são sem cumplicidade de sua parte.

### **A mística como ciência experimental**

Por sua frequência dos grandes místicos, Certeau efetua um triplice gesto iconoclasta. Em primeiro lugar, ele repreende à Igreja do século XX ter abandonado o “pedestal ontológico” do cristianismo. Em seguida, ele reintegra nos estudos históricos, de tendência laica, um recalcado de que somente a teologia se preocupava. Enfim, ele obriga os historiadores a tomar em conta a psicanálise, disciplina violentamente rejeitada pela École des Annales [Escola dos Anais] e por seus herdeiros. Encarando a mística como uma ciência experimental, suscetível de reinstaurar uma comunhão espiritual abolida por ocasião da passagem da Idade Média à época moderna, Certeau compara seu destino ao da psicanálise. Ambas as duas, dirá ele em *La Fable mystique* [A fábula mística] (Gallimard, 1982), contestaram o princípio da unidade individual, o privilégio da consciência e o mito do progresso.

Ambas as duas, enfim, se apoiaram nas resistências encontradas. Abrindo, assim, um vasto debate sobre as relações entre duas disciplinas que se desconheciam mutuamente e, retornando, através de um trabalho histórico, às origens duma instituição de que ele se tornou missionário, Certeau se coloca à margem das comunidades às quais ele pertence. Ele as critica de dentro, sem jamais querer ser nem infiel, nem herético. E imediatamente os historiadores o censuram por ser demasiado freudiano, os comentadores dos textos religiosos, por ser demasiado engajado na sociedade contemporânea, os psicanalistas por não ser mais do que um historiador, os marxistas por ser demasiado místico, e a hierarquia católica por preferir Marx ao Papado.

### **Certeau e maio de 1968**

O apoio que Certeau dará, em seguida, à “tomada da palavra” estudantil de maio de 1968 e aos movimentos contestatórios latino-americanos, que apregoam uma “teologia da libertação”, não fará senão avivar as polêmicas contra sua pessoa e seu trabalho. Por isso, quando ele se apresenta à V.<sup>a</sup> secção da EPHE, para nela criar uma cadeira de história da mística, ele é acusado de ser mais atraído pelas colunas do *Nouvel Observateur*, do que pela erudição clássica. Da mesma forma, em 1977, quando ele tenta obter um lugar no CNRS, ele é caluniado: “... Será que é realmente um sacerdote, será que não é um desertor, que gosta dos meninos, que prefere as mulheres, etc...” (p. 385). Enfim, quando ele quer entrar na Escola dos altos estudos em ciências sociais (EHESS), ele se entrega ao desprezo dos notáveis e dos conservadores: “Esses padres desertores nos emporcalham”, ou ainda: “Na França, há lugar para um Foucault, não para dois” (p. 386). Graças ao apoio

constante de seu amigo Jacques Revel<sup>14</sup>, ele acabará integrando as fileiras da EHESS, pouco antes de sua morte, ocorrida em janeiro de 1986. Entrementes, é na costa californiana, e em prestigiosas universidades americanas, onde ele é acolhido com fervor, que ele pode se consagrar a novos estudos sobre a pluralidade das culturas, sem, no entanto, desertar dos múltiplos locais de pesquisas que ele continua a realizar na França, através das revistas, dos seminários, ou dos grupos de reflexão.

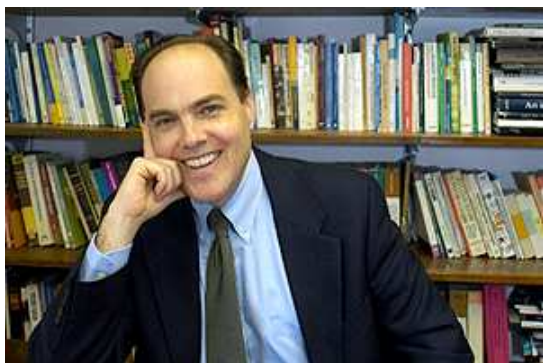
Sem dúvida tem sido preciso que Certeau atravessasse em vida esta experiência da humilhação e da exaltação – que não é estranha, aliás, à famosa dialética mística da deploração e do êxtase que ele tão bem descreveu – para que sua obra, original e brilhante, encontre, enfim, seu lugar na França intelectual deste começo de século.

---

<sup>14</sup> **Jacques Revel**: historiador francês, ex-presidente da École des Hautes Études en Sciences Sociales. Autor, entre outros, de *Jogos de Escalas: A Experiência da Microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998; e *A invenção da sociedade*. São Paulo: Difel, 1999. (Nota da **IHU On-Line**)

# As heterologias de Michel de Certeau

Entrevista com Dain Borges



Dain Borges, historiador porto-riquenho, é professor na Universidade de Chicago. Lecionou na Universidade da Califórnia, em San Diego. É especialista em História Moderna da América Latina, especialmente do Brasil e do Caribe, em História Intelectual e em História da Família. A entrevista que segue foi concedida por ele, com exclusividade, por e-mail, para a revista *IHU On-Line*. Entre suas publicações, citamos *The Family in*

*Bahia, Brazil, 1870-1945*, Stanford: Stanford University Press, 1992.

Na entrevista a seguir, Borges reflete sobre a trajetória do intelectual francês Michel de Certeau, padre jesuíta, nascido em 1925 em Chambéry e falecido em 1986 em Paris. De Certeau foi ordenado na Companhia de Jesus em 1956. Em 1954 tornou-se um dos fundadores da revista *Christus*, na qual esteve envolvido durante boa parte de sua vida. Lecionou em várias universidades, entre as quais Genebra, San Diego e Paris. Escreveu diversas obras, dentre as quais *La Fable mystique: XVIème et XVIIème siècle*. Paris: Gallimard, 1982; *Histoire et psychanalyse entre science et fiction*. Paris: Gallimard, 1987; *La prise de parole. Et autres écrits politiques*. Paris: Seuil, 1994. Em português, citamos *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982 e *A invenção do cotidiano*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

## **IHU On-Line - Qual foi a principal contribuição de Michael de Certeau?**

**Dain Borges** - Michel de Certeau foi um intelectual prolífico cujas contribuições assumiram muitas formas. Ele alcançou uma inesperada celebridade como intelectual público depois de propor uma das primeiras análises lúcidas da rebelião acontecida em maio de 1968, em Paris. Antes de 1968, ele parecia ser mais um intelectual eclesiástico atuante em círculos acadêmicos. Depois de 1968, o público francês o procurava para fazer pronunciamentos sobre política e cultura. Um de seus ensaios

políticos mais importantes é um manifesto pioneiro, de 1976, sobre a longa caminhada<sup>15</sup> dos povos indígenas das Américas. Certeau não fez escola, tal qual Michel Foucault<sup>16</sup> ou Pierre

<sup>15</sup> DE CERTEAU, Michel. *A Invenção Do Cotidiano*. 1. Arte de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>16</sup> Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês, professor no Collège de France. Sua obra tem um enorme impacto na academia, pois perpassa principalmente pelas áreas humanas e das ciências sociais, mas também pelas demais áreas de estudo. É autor de, entre outros livros, *História da loucura*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997. A matéria de capa da 119ª edição da *IHU On-Line*, de 18 de outubro de 2004, foi dedicada a esse

Bourdieu<sup>17</sup> o fizeram, porque sua produção intelectual era muito variada e não era reduzível a um sistema ou um método. Sua preocupação existencial básica era a questão do Eu e o Outro; mas isso desembocou em linhas de pesquisa muito diversas. Uma vez ele chamou suas investigações de "heterologias"<sup>18</sup>. Como sociólogo e etnógrafo, talvez sua contribuição crítica mais influente tenha sido demonstrar que a maioria das teorias contemporâneas sobre o poder, a cultura e a consciência (especificamente, as de Foucault e Bourdieu) não conseguiam explicar as práticas informais do cotidiano.

### As táticas de resistência

Certeau pensou e documentou a variedade e a criatividade nessas práticas

---

pensador. O IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento **Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault** (Nota da *IHU On-Line*).

<sup>17</sup> **Pierre Bourdieu** (1930 - 2002): sociólogo francês. De origem campestre, filósofo de formação, chegou a docente na École de Sociologie du Collège de France, instituição que o consagrou como um dos maiores intelectuais de seu tempo. Desenvolveu, ao longo de sua vida, mais de trezentos trabalhos, abordando a questão da dominação, e é, sem dúvida, um dos autores mais lidos, em todo o mundo, nos campos da antropologia e da sociologia, cuja contribuição alcança as mais variadas áreas do conhecimento humano, discutindo em sua obra temas, como educação, cultura, literatura, arte, mídia, lingüística e política. Seu primeiro livro, *Sociologia da Argélia* (1958), discute a organização social da sociedade cabila, e em particular, como o sistema colonial interferiu na sociedade cabila, em suas estruturas e desculturação. Dirigiu, por muitos anos, a revista *Actes de la recherche en sciences sociales* e presidiu o CISIA (Comitê Internacional de Apoio aos Intelectuais Argelinos), sempre se posicionando clara e lucidamente contra o liberalismo e a globalização. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>18</sup> N **Heterologia**: Na biologia, o distanciamento dos padrões de normalidade e o estabelecimento do processo patológico são norteados por reações ditas Heterólogas (diferentes na origem e na estrutura), ou seja, que são resultado da alteração das reações homólogas e que modificam, assim, o estado normal do organismo. (Nota da *IHU On-Line*)

do cotidiano: --... caminhar pelas ruas de uma cidade, contar nossa própria versão de uma estória, preparar uma refeição e comê-la. Mesmo que a maioria das pessoas não desenvolvam "estratégias" completas de resistência política, todo mundo tem uma abundância de "táticas" de resistência. O uso contemporâneo do conceito "espaços culturais" ou "espaços alternativos" não é devido exclusivamente à influência de Certeau, mas ele pesou muito na vulgarização daquela metáfora. Ele fazia uma distinção entre os "lugares" criados e dominados pelas instituições, e os "espaços" defendidos pela improvisação. O traçado das ruas duma cidade é "lugar;" as trajetórias de cada caminhante pelas ruas definem "espaços".

Como historiador – e penso que ele foi, antes de tudo, um historiador – sua pesquisa mais constante foi o estudo da fé e da descrença nos séculos XVI e XVII. Ele dedicou uma atenção especial às formas pelas quais a poesia mística (de São João da Cruz<sup>19</sup>) ou as manifestações das freiras possessas de Loudon eram reações à perda da unidade da crença medieval. O Brasil entra naquela história da crença porque o encontro dos franceses com o Outro na costa do Brasil produz a narrativa de Jean de Lery<sup>20</sup> e o

---

<sup>19</sup> **São João da Cruz** (1542-1591): frade carmelita espanhol, famoso por suas poesias místicas. Doutorou-se em teologia mística e fundou a ordem das Carmelitas Descalças, com Santa Teresa de Ávila. Seu dia é comemorado em 24 de novembro. Sobre São João da Cruz, confira *As obras completas de São João da Cruz*. 7ª ed., Petrópolis: Vozes, 2002. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>20</sup> **Jean de Léry** (1534-1611): viajante e historiador francês, veio ao Brasil em expedição organizada por Durand de Villegaignon a pedido de Calvino. As diferentes peripécias da viagem foram narradas por Léry na obra *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil* (1578), *Viagem à terra do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itataiaia; São Paulo: EDUSP, 1980. O relato traça pormenores do país recém-descoberto, seus costumes indígenas, enumera recursos locais, bem como tópicos da língua tupi. É um guia

ensaio de Montaigne<sup>21</sup> sobre canibais. Segundo Certeau, o relato de viagem e o ensaio relativista marcam época, são fundamentais para o nascimento da etnografia. São também signos da "fraqueza da crença" moderna.

**IHU On-Line - Muitas vezes, Certeau é estudado na academia, porém nem sempre quem o estuda sabe que ele era jesuíta. Qual era sua visão do ambiente acadêmico e do fazer ciência?**

**Dain Borges** - Não cheguei a conhecer Michel de Certeau. Pelos depoimentos de seus amigos, e pela sua obra, adivinho uma certa identificação com os místicos espanhóis dos séculos XVI e XVII: Santa Teresa de Ávila<sup>22</sup>, São João da Cruz. A "inquietação" espiritual, no bom

---

indispensável a todos que se ocuparem do estudo dessa época. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>21</sup> **Michel Eyquem de Montaigne** (1533-1592): escritor e ensaísta francês, considerado por muitos como o inventor do ensaio pessoal. Nas suas obras e, mais especificamente nos seus *Ensaíolos*, analisou as instituições, as opiniões e os costumes, debruçando-se sobre os dogmas da sua época e tomando a generalidade da humanidade como objeto de estudo. É considerado um cético e humanista. Escreveu um capítulo chamado *Dos canibais*, que continua sendo uma das mais belas páginas do encontro da cultura europeia com os nativos do Novo Mundo. O capítulo pode ser conferido em *Ensaíolos. Livro I*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, traduzido por Rosemary Costhek Abilio. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>22</sup> **Teresa de Ávila** (1515 - 1582): freira carmelita espanhola nascida em Ávila, Castela, famosa reformadora da ordem das *Carmelitas*. Canonizada por Gregório XV (1622), é festejada na Espanha em 27 de agosto, e no resto do mundo em 15 de outubro. Foi a primeira mulher a receber o título de doutora da igreja, por decreto de Paulo VI (1970). Entre seus livros citam-se *Libro de su vida* (1601), *Libro de las fundaciones* (1610), *Camino de la perfección* (1583) e *Castillo interior* ou *Libro de las siete moradas* (1588). Escreveu também poemas, dos quais restam 31 deles, e enorme correspondência, com 458 cartas autenticadas. Sobre Teresa, confira *Teresa - A Santa Apaixonada*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005, de autoria de Rosa Amanda Strausz; *Obras completas*. São Paulo: Loyola, 1995; *Santa Teresa de Jesus - "Livro da vida"*. 4ª ed., São Paulo: Ed. Paulus, 1983. (Nota da *IHU On-Line*)

sentido daquela palavra-chave, marcava sua atitude intelectual. Fazia ciência de modo inconstante, pulando de um tema para outro. Sentia a urgência de entender como a pessoa podia "acreditar" em um Deus que era um Outro.

**IHU On-Line - Como soube combinar o ser jesuíta e o fazer científico?**

**Dain Borges** - É difícil saber como Certeau entendia sua vocação e sua participação na Companhia de Jesus. Era discreto, mas falava da "crise de uma certa ideologia da vocação." Seus superiores reconheceram claramente seu talento e sua extraordinária energia, e sabiamente lhe permitiram assumir múltiplas tarefas; a uma certa altura, permitiram-lhe que dividisse seu tempo entre o Brasil e a França.

Ele participou plenamente da vida intelectual jesuítica, e sua tese principal foi uma biografia de Surin<sup>23</sup>, encomendada pela Companhia. Entre outras atividades, foi editor da revista *Christus*.

**IHU on-Line - Como Certeau era visto pela Companhia de Jesus de seu tempo?**

**Dain Borges** - Não sei. Suponho que a Companhia era até mais diversa naquela geração do que ela é hoje. Seguramente as atitudes inovadoras de Certeau chocavam com as sensibilidades mais conservadoras.

**IHU On-Line - Como o filósofo, historiador, psicanalista, teólogo... Certeau ultrapassa os códigos vigentes da racionalidade moderna?**

**Dain Borges** - Certeau quis sempre observar a distinção entre "o racional" e "o razoável." Uma das abordagens mais interessantes em seu trabalho é o

---

<sup>23</sup> **Jean-Joseph Surin** (1600-1665): jesuíta francês. Pertenceu à Companhia de Jesus. Era admirado por suas virtudes e talentos espirituais. (Nota da *IHU On-Line*)

reconhecimento de que o conhecimento acadêmico moderno (a história escrita,

por exemplo) surge na fronteira entre o escrito e o oral.

## Os jesuítas e a cultura chinesa

Entrevista com Nicolas Standaert



Nicolas Standaert, jesuíta belga, é professor na Faculdade de Artes da Universidade Católica de Louvain, da Bélgica, onde ensina Sinologia, ciência que trata da história, da língua, da escrita, das instituições e dos costumes chineses, desde 1993. É bacharel e mestre em Estudos Chineses pela University of Leiden, da Holanda. Estudou a história e a filosofia chinesa na Fudan

University, de Shanghai. Em 1984, obteve o título de Ph.D em Estudos Chineses pela University of Leiden. Gradou-se, ainda, em Filosofia e Teologia no Centre Sèvres, de Paris, em 1990. Em 1994, licenciou-se em Teologia pela Fujen University, de Taipei na China. Desde 2003, é membro da Academia Royal de Ciências da Bélgica. Os interesses acadêmicos de Standaert são o contato entre a China e a Europa no século XVII, especialmente a forma como os estudantes chineses receberam e reagiram com relação à cultura européia. É autor de, entre outros, *Bibliography of the Jesuit Mission in China*, com E. Zürcher e A. Dudink. CNWS Publications Nº 5, Leiden: Centre of Non-Western Studies, 1991. Confira, a seguir, a entrevista que o pesquisador concedeu por e-mail à *IHU On-Line*.

**IHU On-Line - Como se deu a inserção dos jesuítas na China? Qual foi o choque cultural mais importante nesse encontro?**

**Nicolas Standaert** - Suponho que esta pergunta diga respeito, em primeiro lugar, à minha própria área de estudos, que é o contato entre a China e a Europa nos séculos XVII e XVIII. Esse período, e certamente o início dele, é, muitas vezes, considerado um período de diálogo frutífero entre os jesuítas e a cultura chinesa. De modo geral, os estudiosos atribuem quatro características à “cultura corporativa” jesuítica na China. Em primeiro lugar, os jesuítas tinham uma política de acomodação ou adaptação à cultura

chinesa. Eles adaptaram-se ao estilo de vida e à etiqueta das elites confucianas dos literatos e funcionários públicos. Essas elites se constituíam principalmente de estudiosos que haviam dedicado muitos anos de sua vida à preparação para os exames que lhes dariam acesso ao funcionalismo. Em segundo lugar, aplicaram uma propagação da fé e evangelização “de cima para baixo”. A idéia subjacente a isso era que se essas elites, de preferência o imperador e sua corte, se convertessem, o país inteiro seria ganho para o cristianismo. Em terceiro lugar, adotaram uma propagação indireta da fé usando a ciência e a tecnologia européias a fim de atrair a atenção dos

chineses instruídos. Os jesuítas ofereceram um relógio europeu ao imperador, apresentaram quadros que surpreenderam os chineses por usarem a perspectiva, traduziram textos matemáticos de Euclides, traduziram livros sobre o calendário, agricultura, tecnologia e imprimiram um enorme mapa do globo que integrava os resultados das mais recentes explorações do mundo. A partir de meados do século XVII, jesuítas também ocuparam cargos no Departamento de Astronomia e se envolveram gradativamente em atividades da Corte. Em último lugar, eles eram abertos e tolerantes para com os valores chineses.

### **Características da sociedade chinesa**

Na China, os jesuítas se depararam com uma sociedade com elevados valores morais pelos quais expressaram sua admiração. Eles eram de opinião que a excelente doutrina social chinesa deveria ser complementada com as idéias metafísicas do cristianismo. O maior choque foi, provavelmente, o fato de que não esperavam se defrontar com uma cultura tão desenvolvida. A essa política geral devo acrescentar que estamos falando de um número muito limitado de jesuítas que estavam a serviço na China numa mesma época. Durante todo esse período, o número deles nunca chegou a 100. Com efeito, nos primeiros 100 anos, de 1583 até 1688, havia menos de 40 jesuítas trabalhando ao mesmo tempo na China. Os anos de 1701 a 1703 foram excepcionais, pois neles havia mais de 90 jesuítas atuantes na China. Depois desses anos dourados, a presença missionária começou a declinar, por causa da *Controvérsia sobre os Ritos* e porque o imperador proscreeu o cristianismo. No final do século XVIII, havia, pela primeira vez, entre 50 e 70 jesuítas no país, e os jesuítas chineses constituíam um terço dos jesuítas existentes na época, sendo, assim, a

nacionalidade com a maior representação. Levando em conta que a população total da China aumentou de cerca de 150 milhões em meados do século XVII para mais de 250 milhões em meados do século XVIII, os jesuítas tiveram, falando em números, um impacto muito limitado.

### ***IHU On-Line* - Qual foi a importância de Matteo Ricci para a Igreja Católica, especialmente para a chinesa?**

**Nicolas Standaert** - O papel de Matteo Ricci<sup>24</sup> (1552-1610) foi de fato muito importante. Ele é conhecido pelo método missionário da “acomodação”, acima mencionado. Ele mudou uma política inicial de acomodação ao modo de vida budista, inspirada por Alessandro Valignano<sup>25</sup>, outro jesuíta importante, para uma adaptação ao estilo de vida e à etiqueta das elites confucianas. Foi ele que adotou uma atitude tolerante para com certos ritos confucianos, como o culto aos ancestrais e a veneração de Confúcio<sup>26</sup>, que ele declarou serem “ritos civis”.

<sup>24</sup> **Matteo Ricci** (1552-1610): Ricci foi um missionário que viveu, já em sua época, os princípios básicos do Vaticano II, especialmente a inculturação e o diálogo inter-religioso. Depois de estudar Direito em Roma, entrou na Companhia de Jesus, em 1571. Durante sua formação, interessou-se também por várias matérias científicas, como matemática, cosmologia e astronomia. Em 1577, pediu para ser enviado às missões no Leste da Ásia e, aos 24 de março de 1578, embarcou em Lisboa para Goa, capital das Índias Portuguesas, aonde chegou aos 13 de setembro do mesmo ano. Alguns meses depois, foi destinado para Macao, a fim de preparar sua entrada na China. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>25</sup> **Alessandro Valignano** (1539-1606): Jesuíta italiano que ajudou na introdução do catolicismo principalmente no Japão. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>26</sup> **Confúcio** (551 a.C.-479 a.C.) é o nome latino do pensador chinês Kung-Fu-Tzu. Foi a figura histórica mais conhecida na China como mestre, filósofo e teórico político. Sua doutrina, o confucionismo, teve forte influência não apenas sobre a China, mas também sobre toda a Ásia oriental. (Nota da *IHU On-Line*)



Essa política determinou as atitudes básicas dos jesuítas durante a *Controvérsia sobre os Ritos* nos séculos XVII e XVIII e influenciou os métodos missionários até o século XX. Dever-se-ia também acentuar que Ricci tinha um dom para aprender línguas e fazer amizades, estabelecendo relações com muitas pessoas, tanto da elite quanto pobres. Ele estudou os clássicos do confucionismo e, com sua notável memória, tornou-se um convidado bem-vindo nos grupos de discussão filosófica organizados pelas elites.

***IHU On-Line - A Controvérsia sobre os Ritos trouxe um certo fracasso do cristianismo na China? A reação da Cúria Romana contribui para isso?***

**Nicolas Standaert** - O cristianismo dos séculos XVII e XVIII na China é, muitas vezes, associado com a *Controvérsia sobre os Ritos*, que culminou numa condenação dos ritos chineses pela autoridade papal em 1704 (1715, 1742). Essa decisão é freqüentemente considerada uma das principais causas do “fracasso” do cristianismo na China naquela época. Em termos gerais, a *Controvérsia* abordava duas questões: primeiramente, o nome de Deus e outros conceitos importantes, como anjos, alma etc. A questão principal, neste caso, era se certos conceitos extraídos dos clássicos chineses poderiam veicular o conceito cristão de Deus. O segundo conjunto de questões se relacionava às cerimônias em honra a Confúcio e ao culto dos ancestrais, o que estava inserido nas estruturas sociais em todos os níveis e se manifestava em forma de piedade, como, por exemplo, prostrar-se, queimar incenso, servir alimentos etc. diante do cadáver, do túmulo ou da placa comemorativa. A pergunta que se levantava a esse respeito era se os cristãos deveriam estar proibidos de participar de tais atos, ou se estes deveriam ser considerados como

destituídos de qualquer significância religiosa, ou ao menos como não-contrários à fé cristã, e, por conseguinte, ser tolerados. A reação de Roma resultou na condenação de ambos os aspectos.

**A divisão dos jesuítas**

Creio, porém, que é simples demais chamar isso de reação de “Roma” somente: as discussões começaram na própria China, entre as várias congregações religiosas, e não deveríamos esquecer que, ao menos nos primeiros 50 anos, os jesuítas estavam divididos entre si. Uma questão mais difícil ainda diz respeito à influência dessa decisão sobre a história posterior do cristianismo na China. Concordo com a opinião de outros estudiosos de que o efeito da controvérsia e da decisão final sobre o sucesso da Igreja Católica na China tem sido superestimado. Certamente a decisão papal estabeleceu uma tradição no sentido de tornar a Igreja inadaptável às condições e crenças chinesas, e a irritação suscitada pelas legações papais certamente influenciou a atitude do imperador para com os missionários, mas havia muitos outros fatores: o papel dos imperadores, movimentos anticristãos locais, mudanças que estavam ocorrendo na Igreja Católica na Europa (inclusive a dissolução da Companhia de Jesus em 1773). Não é meramente a Igreja que podia decidir o que acontecia ao cristianismo na China, mas os próprios chineses também desempenhavam um papel ativo nesse aspecto. Tampouco se deveria esquecer que, após um declínio inicial na primeira metade do século XVIII, houve um aumento do número de cristãos na segunda parte do século, que se deveu principalmente ao ímpeto das comunidades cristãs locais e dos missionários chineses nativos.

**IHU On-Line - Como o senhor poderia descrever a identidade jesuíta adaptada pelos chineses? E o que dizer da identidade cristã?**

**Nicolas Standaert** - Na minha opinião, a cultura corporativa jesuítica na China não é apenas o resultado de uma política consciente e bem definida por parte deles. Ela é também, em grande medida, resultado da reação deles ao que era a China e ao que eram os chineses. Em outras palavras, sua identidade corporativa ou coletiva também foi definida pelo “outro”, no caso, pelo “outro” chinês. Se os jesuítas na China chegaram a tornar-se do modo como eram, isso também aconteceu porque o outro os incentivou ativa ou passivamente a se tornarem assim. Há muitos exemplos de como as atividades dos jesuítas foram moldadas pelos chineses. Muitos deles podem ser resumidos sob o rótulo “imperativo cultural”, uma característica que fazia parte da estrutura profunda da vida religiosa chinesa no período tardio da China imperial. Nenhuma religião marginal que entrasse na China vinda de fora podia esperar arraigar-se no país (não num nível social elevado), ao menos que se conformasse a um padrão que, na época imperial tardia, estava definido com mais clareza do que jamais o estivera. O confucionismo representava o que é “ortodoxo” em sentido religioso, ritual, social e político. A fim de não ser tachada de “heterodoxa” e de não ser tratada como uma seita subversiva, uma religião marginal tinha de provar que estava do lado da “ortodoxia”.

**Anfitriões e estrangeiros**

Em outras palavras: a adaptação não foi apenas uma opção, mas era, em grande medida, constantemente imposta aos jesuítas. Nesse processo, foram os chineses que ocuparam a posição dominante, pois eles é que efetivamente foram os anfitriões dos estrangeiros em

seu próprio território, obrigando-os a se adaptar à cultura nativa. O exemplo mais claro disso foi a predominância da língua chinesa ao longo de todo o intercâmbio. Com exceção de um pequeno número de chineses formados para o sacerdócio, nenhum chinês envolvido na interação aprendeu uma língua estrangeira. Também se pode destacar o fato de que a sociedade chinesa impôs alguns limites às atividades dos jesuítas. É realmente notável que os jesuítas aparentemente não tiveram condições de adaptar-se a certos aspectos da cultura chinesa porque eles eram difíceis demais para aprender ou diferentes demais do *background* europeu. Isso diz respeito a aspectos da cultura corporativa jesuítica na Europa e em muitas partes do mundo, mas que não foram postos em prática na China. O exemplo mais claro é o das escolas e da educação. Apesar de sua esperança de substituir os conteúdos dos exames chineses pela filosofia aristotélica, os chineses nunca conseguiram adotar o bem estabelecido sistema educacional chinês. Creio que ainda hoje a identidade corporativa jesuítica é, em grande medida, moldada pelo “outro”, isto é, por homens e mulheres do mundo atual.

**Cristianismo: uma identidade “entre”**

No tocante à identidade cristã, creio que seja uma identidade que se caracteriza por estar “entre”: isso quer dizer que o cristianismo na China é o resultado de uma interação entre o Oriente e o Ocidente (o “inter” do termo português “interação” designa esse “estar-entre”); além disso, o cristianismo está “entre” porque é, ao mesmo tempo, *tanto* Oriente *quanto* Ocidente e *nem* Oriente, *nem* Ocidente, mas está entre os dois; finalmente, para entender a posição singular desse cristianismo, é preciso que ocupemos uma situação “entre”, entrando em

diálogo com ambos os aspectos (em francês: *entre-tien*).

**IHU On-Line - Quais são as principais diferenças que o senhor apontaria entre a racionalidade moderna, característica da cultura ocidental, e as culturas chinesas da atualidade?**

**Nicolas Standaert** - Falando francamente, não vejo tantas diferenças assim, porque creio que essa racionalidade é mais “moderna” do que “ocidental”; em outras palavras: conheço muitos chineses que compartilham plenamente a racionalidade moderna da mesma maneira como o faz um europeu moderno, por exemplo. O que é verdade, entretanto, é que a racionalidade moderna tem contestado a cultura européia tradicional do mesmo modo como contestou a cultura chinesa tradicional. Além disso, provavelmente é também verdade que a cultura chinesa não digeriu plenamente, ao menos em sua retórica, esse encontro: desde o final do século XIX, muitos elementos que eram considerados essenciais para a cultura chinesa, como, por exemplo, o Estado imperial, a formação de uma elite alfabetizada mediante o exame dos clássicos confucianos, rituais tradicionais etc., entraram em colapso e não foram substituídos. Além disso, o sistema comunista chinês desintegrou ainda mais essa cultura. Essa é a razão pela qual muitos intelectuais chineses pensam que a cultura chinesa ainda está em crise atualmente e perguntam-se o que é a identidade chinesa.

**IHU On-Line - Quais são as diferenças mais características entre as culturas ocidental e oriental na forma em que dialogam a fé e a ciência? Isso produz tensões entre os próprios jesuítas?**

**Nicolas Standaert** - Também neste aspecto não vejo muitas diferenças fundamentais entre a cultura “ocidental” e a “oriental”. Não se deveria esquecer que houve e há muitos e excelentes cientistas no Oriente, no passado e no presente, por exemplo no Japão atual. O número deles está aumentando na China a cada dia que passa, e em breve haverá mais cientistas na China do que na Europa. Isso é um desafio de tal magnitude que deploro o fato de não haver mais jesuítas dedicados ao trabalho científico atualmente. A ciência é, de fato, um campo fascinante para se entrar em diálogo com o mundo de hoje. E, de qualquer maneira, todos e todas nós somos afetados pela ciência. No tocante à “fé”, o que considero um problema grave, tanto no Oriente quanto no Ocidente, é a redução da “fé” a algo “útil”, assim como a “ciência”.

**“A fé é inútil”**

Gosto de dizer a meus amigos chineses que a “fé é inútil”, e eles ficam facilmente chocados com essa expressão. Muitas pessoas são de opinião que a fé é a solução (fácil) para todos os problemas que elas têm e que ela pode até contribuir para mitigar os abusos morais na sociedade. Muitos cristãos igualmente tentaram defender sua fé expressando que ela tem alguma utilidade. Penso, porém, que um aspecto essencial de nossa fé cristã é a gratidão, ação de graças (eucaristia): simplesmente agradecer a Deus por tudo que recebemos e continuamos recebendo. Será que esse agradecimento é algo “útil”?

**IHU On-Line - Há algum outro aspecto que gostaria de acrescentar e não foi perguntado?**

**Nicolas Standaert** - Sim, creio que a imagem da missão jesuítica na China nas fontes contemporâneas e modernas é, predominantemente, a de uma

missão de elite. Essa imagem muda de figura se se examina a estatística da população cristã. Em outras palavras, o maior grupo de cristãos era, de longe, formado por pessoas do povo, analfabetas. Os jesuítas, muitas vezes, queixaram-se do fato de que a maioria dos cristãos eram *pauperes* (pessoas com pouca propriedade). Mas eles também viram isso como prova de que era mais difícil para os ricos entrarem no reino de Deus porque eram demasiado apegados a este mundo, à sua riqueza e a suas concubinas. A inserção mais forte e duradoura da missão jesuítica teve lugar entre os estratos populares da sociedade, onde ela tomou a forma de comunidades de rituais eficazes. Na atualidade, minha principal pesquisa enfoca essas comunidades. Nessas comunidades, o cristianismo foi moldado pela cultura religiosa chinesa. O exemplo mais claro disso é a organização da Igreja. Os cristãos chineses não se organizaram em paróquias, isto é, em unidades geográficas situadas em torno de um prédio de igreja, e sim em “associações”, que, na sociedade chinesa, eram uma das formas mais importantes de participação leiga na vida clerical meritória.

#### **As comunidades cristãs chinesas**

Essas comunidades de cristãos (*christianitas*) estavam espalhadas por

todo o país, tanto em cidades quanto em aldeias. A inserção do cristianismo nesses locais teve lugar no que pode ser descrito como “comunidades de rituais eficazes”: grupos de cristãos cuja vida estava organizada em torno de certos rituais (missa, festas, confissão etc.). Esses rituais estavam relacionados à fé e à doutrina, sendo organizados por um calendário litúrgico. Eles eram “eficazes” tanto no sentido de que constituíam um grupo de pessoas quanto no sentido de serem considerados pelos membros do grupo como portadores de sentido e salvação. Eram liderados por pessoas leigas, e eram associações para mulheres com responsabilidades leigas. A maioria dos jesuítas estava envolvida, na maior parte do tempo, com o fomento dessas comunidades mediante a assistência pastoral. Nessas comunidades eles travavam de diálogos espirituais. Esses aspectos também fazem parte da cultura corporativa jesuítica, embora, muitas vezes, tenham sido considerados marginais pela historiografia. Com efeito, essas associações constituem o fundamento da Igreja Católica na China inclusive no presente. Sem elas, o cristianismo não teria sobrevivido mais de quatro séculos. Talvez essa também seja a questão que elas levantam para outras comunidades cristãs em outros continentes.

# Astrofísica, cosmologia e a busca de Deus no universo

Entrevista com William Stoeger



O padre jesuíta William Stoeger é cientista do Grupo de Pesquisas do Observatório do Vaticano (VORG) e especialista em Cosmologia Teórica, Astrofísica de altas energias e estudos interdisciplinares relacionados com a ciência, a filosofia e a teologia. É doutor em Astrofísica pela Universidade de Cambridge desde 1979. Entre 1976 e 1979, foi pesquisador, associado ao grupo de física gravitacional teórica da Universidade de Maryland, em College Park, Maryland. É membro da Sociedade Americana de Física, de Astronomia e da Sociedade Internacional de Relatividade Geral e Gravitação.

Atualmente, leciona na Universidade do Arizona e na Universidade de São Francisco. É também membro do Conselho do Centro de Teologia e Ciências Naturais (CTNS). Publicou em 2002, pela Edições Paulinas, de São Paulo, o livro *As Leis da Natureza - Conhecimento humano e ação divina*.

Stoeger concedeu a entrevista que segue, para a IHU On-Line, por e-mail, falando sobre as relações entre Deus, a cosmologia e a astrofísica.

## ***IHU On-Line - Como se combinam a física, a astronomia, a cosmologia, a filosofia, a teologia etc. em sua vida? Isso tem a ver com a identidade jesuíta?***

**William Stoeger** - Na minha vida e no trabalho como jesuíta, meu estudo e pesquisa em física, astronomia e cosmologia, bem como minha fala e redação, relacionando as ciências naturais à filosofia e à teologia, estão profundamente conectadas com minha vocação e missão jesuíta e com a minha espiritualidade. Nós somos chamados a encontrar e servir a Deus em todas as coisas. E certamente estudando as maravilhas da natureza e do universo nós, de algum modo, sabemos mais sobre Quem os criou e os

mantém. A maravilha e o mistério que surge desse conhecimento e dessa contemplação do universo nos ajuda a compreender que Deus, apesar de estar sempre muito perto de nós, é uma realidade profunda além daquilo que podemos entender ou descrever adequadamente.

## ***IHU On-Line - Que novos caminhos devem ser abertos ou estão sendo abertos no diálogo entre fé e ciência no mundo contemporâneo?***

**William Stoeger** - O diálogo entre fé e ciência - ou mais especificamente entre teologia e ciência (teologia é a "fé buscando entendimento") - só é possível se cada um se tornar mais ciente das suas competências e

limitações, e daquelas do outro. Cada um é muito diferente do outro, e tem um foco e conjunto de idéias diferentes, diferentes tipos de evidências às quais apelar, diferentes métodos e diferentes critérios para validar as suas conclusões. Mesmo assim, teologia e ciência buscam a verdade e o entendimento e esforçam-se para ir além de onde estão. Além disso, a teologia, como uma área radicalmente interdisciplinar, pode ser enriquecida e purificada, refletindo criticamente as conclusões das ciências naturais. As ciências naturais, pelo contrário, não são interdisciplinares como a teologia, e, portanto não podem incorporar as conclusões ou visões da teologia nas suas perspectivas e teorias. Mas a teologia e a fé - assim como outras características da cultura geral (arte, literatura, política etc.) - provêm o contexto no qual as ciências naturais interpretam o significado e a importância do que estão fazendo, assim como uma consciência de que existem aspectos importantes da realidade os quais os cientistas são incapazes de sondar. Finalmente, para que o diálogo entre teologia e ciência seja exitoso e útil, é preciso haver um entendimento das suas diferentes linguagens e pontos de referência e um acordo comum de como comunicar os pontos de vista de um para outro. Isso só pode ser feito se há categorias compartilhadas sobre o conhecimento e sobre as maneiras pelas quais nós cuidadosamente tentamos descrever nossos diferentes níveis de experiência do mundo, isto é, é preciso existir pelo menos elementos básicos compartilhados de uma instância filosófica. A completa concordância em todas as questões filosóficas não é necessária ou possível, mas é preciso haver um entendimento pelo menos em algumas das mais fundamentais.

***IHU On-Line - Quais foram as***

### **principais descobertas da cosmologia e da astrofísica nos últimos anos?**

**William Stoeger** - Houve inúmeras descobertas significativas em cosmologia e astrofísica nos últimos anos. Entre as mais importantes, estão: 1) a descoberta e a medição precisa da radiação de fundo de microondas, "a pós-luminescência" do Big Bang, que nos garante que o universo não só foi mais quente e denso do que é hoje, mas também completamente calmo; 2) a detecção conectada das flutuações nessa radiação de fundo de microondas, que são as sementes das quais as galáxias e os aglomerados de galáxias eventualmente se desenvolveriam; 3) a descoberta de que a expansão do nosso universo está acelerando, em vez de desacelerar, indicando a presença de energia escura, que nós não entendemos; 4) as pistas que parecem indicar que podem existir muitos outros universos - ou domínios de universos além do nosso; 5) a contínua descoberta de planetas em torno de estrelas, junto com as tentadoras, mas ainda não-claras indicações de que pode haver vida em algum lugar na nossa Galáxia e em outros lugares do Universo; 6) a evidência de que nosso universo está sintonizado para a complexidade e para a vida ("o Princípio Antrópico"), que mesmo uma pequena mudança em algum dos parâmetros fundamentais do cosmos pode torná-lo inadequado para a emergência de sistemas complexos e, portanto, para a vida.

### ***IHU On-Line - Como podemos explicar, na atualidade, a criação do mundo e o início do universo? Os dualismos entre ciência e fé, na busca dessa resposta, foram superados?***

**William Stoeger** - Não existe nenhum conflito entre nosso conhecimento do Big Bang nem sobre os primeiros estágios do universo e a doutrina

teológica da criação divina a partir do nada (*creatio ex nihilo*) - se ambas as idéias são entendidas apropriadamente. Infelizmente, elas são freqüentemente muito mal-entendidas! Em **primeiro lugar**, o Big Bang não é o início do universo. Na verdade, ele nem mesmo pode ser entendido como um evento isolado. No nosso modelo limitado e provisório da evolução do universo, ele é simplesmente o limite passado das fases mais quentes e densas que encontramos enquanto vamos além e além de volta ao passado. Esse modelo cosmológico é muito confiável - ele tem de ser mostrado bem por meio de, pelo menos, três linhas independentes de evidências - após algumas poucas centenas de segundos após o Big Bang. Mas bem perto do Big Bang - quando o universo era muito, muito quente - ele não é nem um pouco confiável. No momento do Big Bang e instantes depois, o universo estava tão quente que o espaço-tempo e a física que conhecemos e entendemos caem por terra. Cosmólogos quânticos trabalham em teorias (teoria das supercordas, gravidade quântica em curva, geometria não-comutativa) que, espera-se, poderão prover um modelo adequado do universo exatamente no momento do Big Bang. Mas nós ainda não temos tal teoria. Quando nós a tivermos, ficará mais evidente que o Big Bang não foi o início, e que algo, descrito pela física quântica-gravitacional, existia "antes disso". Enquanto a física não está equipada - e nunca estará - para descrever como nós viemos do nada (nenhum espaço, nenhum tempo, nenhuma energia, nenhuma regra, ou ordem) para o algo. Ela pode somente descrever como vamos de algo para outro algo pelo mesmo processo. Em **segundo lugar**, diferentemente do que a física é capaz de descrever e modelar, a criação divina é o conceito que usamos para indicar a transição do nada absoluto para algo. Ela deve, no

entanto, não ser considerada como um evento - apesar de que pode ter sido um evento. Mas não necessariamente. Nunca houve um "evento de criação" temporal ou de uma origem absoluta no tempo. Nós realmente não sabemos! A criação é essencialmente a relação de absoluta dependência de todas as coisas em Deus como a sua fonte e origem. Esta é a resposta à questão: Por que existe algo em vez de absolutamente nada? E isso continua a ocorrer todo o tempo - nós e toda a criação permanecemos absolutamente dependentes de Deus para a nossa existência. Assim, a criação é o apoio último para todas as leis da física e da cosmologia, e para todo este processo que direciona e dirige a evolução cósmica, química e biológica no universo. Então, não existe conflito entre os dois - eles são, pelo contrário, complementares, descrevendo dois níveis de causalidade e relacionalidade diferentes. Nós podemos também dizer que a criação é manifestada e expressa por meio de todas as regularidades, relacionamentos e processos da natureza - no sentido de que a criação é a explicação máxima para todos eles.

### ***IHU On-Line* - É possível, então, ir além da visão do Big Bang?**

**William Stoeger** - Já vimos que podemos certamente ir "além" do Big Bang. Mesmo cientificamente, podemos fazer isso - desenvolvendo e confirmando uma descrição da física àquela época que é muito mais confiável do que a que temos hoje. Como eu já indiquei, a física que nós temos agora é totalmente inadequada para descrever e entender o que ocorreu à temperatura, e logo em seguida, do chamado Big Bang. Mesmo quando possuímos essa física melhorada, a qual provavelmente levará a descrições bem substanciais do universo pré-Big Bang, elas não serão, porém, a palavra final. Cientificamente,

nós sempre poderemos ir além, ou mais fundo, do que tínhamos ido antes. Filosoficamente, nenhuma das teorias da física oferece uma resposta definitiva - elas são incapazes disso. É por isso que a filosofia e a teologia complementam a cosmologia e outras ciências naturais. Elas nos dão algum - mas não completo - entendimento de onde uma base definitiva está para ser encontrada.

***IHU On-Line - Quais são as questões que mais o desafiam no seu atual trabalho no Vaticano e na sua pesquisa?***

**William Stoeger** - As questões mais desafiadoras que eu encontro na minha atual pesquisa são: 1- aquelas sobre como as condições primordiais do surgimento de galáxias e de aglomerados de galáxias que foram originalmente estabelecidas enquanto o universo se expandia do Big Bang, particularmente as condições para o início da breve, mas importantíssima, era inflacionária que ocorreu quase imediatamente ao Big Bang - para a qual nós provavelmente precisamos de uma cosmologia quântica como eu descrevi acima; 2. aquelas sobre como adquirir dados independentes em quantidade suficiente sobre os confins do universo para forçar ou determinar as suas características, sem pressupor ou supor algumas delas. Nós gostaríamos muito de deixar o universo "falar por si" sem impor simplificações de estrutura sobre ele. Nós fizemos um bom trabalho até agora, modelando o universo, mas ainda existem algumas suposições não completamente garantidas que usamos ao fazer isso, como a homogeneidade espacial (suavidade) em tudo, menos em escalas locais e intermediárias. Nós realmente precisamos justificar tais suposições com mais rigor. Não sabemos como fazer isso ainda, e ainda assim seguimos. Na área do diálogo entre a

teologia e a ciência, talvez as questões mais desafiadoras sejam: 1) o problema do sofrimento e da morte na natureza à luz do que sabemos sobre a evolução das ciências; 2) como conectar a ação especial de Deus na história com a ação criativa universal de Deus na natureza. Elas precisam ser mais intimamente relacionadas.

***IHU On-Line - O senhor se identifica com Teilhard de Chardin? Que outros referenciais influenciam sua vida de jesuíta e cientista?***

**William Stoeger** - Eu fui certamente influenciado pela vida e visão de Teilhard de Chardin e pelas amplas linhas de sua implícita teologia e espiritualidade. A sua contribuição principal, na minha opinião, é a da sua visão teológica unificada de evolução do cosmos em direção à comunhão com o Divino. Apesar de existirem deficiências nas especificidades científicas, filosóficas e teológicas da sua articulação daquela visão, a extensão global da sua intuição é, ao mesmo tempo, intensa e forçada. Outras importantes fontes de inspiração na minha vida e trabalho como jesuíta e cientista são os *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio de Loyola, particularmente a sua **Contemplação para a Alcançar o Amor**, a espiritualidade cósmica orientada à natureza de São Francisco de Assis, o trabalho cosmológico de Georges Lemaître, George Ellis, Stephen Hawking e do meu orientador no doutorado, Martin Rees, o recente trabalho sobre teologia e ciência de Ian Barbour e o trabalho de filosofia da ciência e teologia da ciência do Frei Ernan McMullin (Universidade de Notre Dame).

***IHU On-Line - Quais as relações que há entre cosmologia e física?***

**William Stoeger** - São vários os diferentes papéis que a cosmologia desempenha e está desempenhando nas



ciências naturais. De fato, existem pelo menos quatro ou cinco grandes áreas da cosmologia que precisam ser diferenciadas umas das outras. Não há tempo ou espaço para discutir isso aqui. Um papel da cosmologia - um bem tradicional - é descrever a estrutura e a história do universo em grande escala. Este é um papel legítimo e importante. Mais recentemente, precisamente por causa de questões que surgiram para reforçar o primeiro papel - particularmente em investigar a física do início do universo (ver questões 4 e 5) - a cosmologia se relacionou com a teoria do campo quântico e com a física das partículas fundamentais para considerar questões profundas na base da física. Esse é um papel mais amplo e certamente mais fundamental para a cosmologia - e que deve prosseguir em um diálogo contínuo com áreas-chave da física fundamental, como de fato está fazendo! Além disso, algumas das questões que surgem para a busca desse segundo papel só podem provavelmente ser tratadas adequadamente com o diálogo com a filosofia.

***IHU On-Line* - Qual a principal contribuição que a Companhia de Jesus deu ao mundo e ainda pode dar à contemporaneidade?**

**William Stoeger** - As principais contribuições da Companhia de Jesus, na minha opinião, são: 1. uma profunda espiritualidade cristã e pessoal, que contribui para encontrar e servir a Deus

em todas as coisas; 2. uma maneira de rezar, discernimento e vivência, que promove e encoraja as pessoas a desenvolver aquela espiritualidade bem pessoal e flexível; 3. uma variedade de esforços apostólicos, fluindo dessa espiritualidade que inter-relaciona os apostolados educacionais, intelectuais, sociais e espirituais da Igreja - para ambos, clérigos/religiosos e leigos.

***IHU On-Line* - Há algum outro aspecto que o senhor deseje acrescentar sobre o tema e que não foi perguntado?**

**William Stoeger** - As únicas outras áreas que devem ser mencionadas aqui são:

1. o trabalho crucial de ajuda às pessoas e grupos de diferentes bases (culturais, religiosos, sociais, econômicos e de gênero) para que encontrem uma base comum - e valores e perspectivas comuns - como a base para a reconciliação e entendimento mútuo e colaboração. Nós não podemos nos dar ao luxo de permitir que nossas diferenças nos impeçam de enxergar áreas concordantes e o interesse comum que compartilhamos. 2. a importante questão da ecologia - de preocupação e respeito por todos os ambientes e recursos do nosso planeta. Esse é um componente essencial do nosso trabalho pela paz e justiça para todos - incluindo as gerações futuras. Essas áreas estão intimamente conectadas com questões relacionadas à fé e às ciências naturais e fé e ciência.

# A sensibilidade poética de Gerard Hopkins

Entrevista com Mark Ridd



Gerard Manley Hopkins (1844-1889), jesuíta e poeta britânico nascido em Stratford, cuja reputação literária é inteiramente póstuma e se sustenta num pequeno conjunto de pouco mais de trinta poemas, é considerado um dos mais importantes precursores da poesia moderna em língua inglesa. Na opinião de Mark Ridd, professor do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília (UNB), Hopkins é um “poeta de primeira grandeza à margem da vida literária do Império Britânico” Ridd é graduado em Letras pela UNB e doutor em Letras pela University of London, da Inglaterra, com a tese *A narrativa técnica e a ficção moderna de Guimarães Rosa*. A entrevista foi concedida à *IHU On-*

*Line* por e-mail.

A primeira grande obra de Hopkins foi o poema *O naufrágio de Deutschland* (1875), ao qual se seguiram poemas líricos, como *O francelho, A calhandra enjaulada, O Oxford de Duns Scotus e Henry Purcell*. Em 1877, escreveu seus trágicos *Sonetos obscuros*, o primeiro dos quais é *Carrion Comfort* (1885). Em português, confira a coletânea *Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, com seleção, tradução, introdução e notas de Aíla de Oliveira Gomes, e em inglês, *The poems of Gerard Manley Hopkins*. London: Oxford University Press, 1957.

## **IHU On-Line - Quem foi o poeta jesuíta inglês Gerard Manley Hopkins?**

**Mark Ridd** - Gerard Manley Hopkins nasceu em 1844, sendo o mais velho de oito filhos de uma família bem anglicana. Depois de frequentar uma ótima escola secundária, onde descobriu sua veia poética, foi estudar em Baliol College, na Universidade de Oxford. Lá conheceu Robert Bridges, nomeado poeta laureado em 1913, que foi seu confidente literário até o fim da vida, em 1889. A ele Hopkins confiou

sua obra, quase toda inédita. Por sua mão cautelosa é que Gerard Manley Hopkins chegou ao público com a edição, em 1918, de uma coletânea conservadora com o singelo título *Poems*. Foi em Oxford também que Hopkins travou conhecimento com o movimento de renovação católica chamado *The Oxford Movement*. Dois integrantes do Movimento, Benjamin Jowett<sup>27</sup> e Walter Pater<sup>28</sup> – este último o

<sup>27</sup> **Benjamin Jowett** (1817-1893): teólogo inglês. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>28</sup> **Walter Horatio Pater** (1839-1894): ensaísta e

pai intelectual do movimento estético da “arte pela arte”, o equivalente britânico do Decadismo – foram seus tutores. Hopkins encantou-se com o catolicismo, tornando-se seguidor fervoroso do grande cardeal John Henry Newman<sup>29</sup>, pela mão de quem ingressou na Igreja, em 1866. Depois de se formar, empregou-se como professor na Escola Oratória dirigida por Newman. Em 1868, tornou-se noviço da Companhia de Jesus, sendo ordenado padre em 1877. Lecionou também em Stonyhurst College, destacada escola e seminário dos jesuítas no noroeste da Inglaterra. Esta foi, sem dúvida, a fase mais feliz de sua curta vida, fato que se reflete na poesia produzida no período. No ano de 1883, os jesuítas foram incumbidos de administrar a University College de Dublin, a mais importante universidade irlandesa. Por indicação de Jowett, Hopkins foi nomeado professor catedrático de grego. Com a saúde debilitada e desgostoso com o clima sociopolítico na Irlanda, onde os ingleses eram tratados como colonizadores indesejados, Hopkins entrou em forte depressão. Morreu em 1889, com apenas 45 anos de idade, vítima de tifo. Sua reputação literária é inteiramente póstuma e se sustenta num pequeno conjunto de pouco mais de trinta poemas. No entanto, talvez seja o mais importante precursor da poesia moderna em língua inglesa, poeta de primeira grandeza à margem da vida literária do Império Britânico. Sua importância na poesia moderna em língua inglesa pode-se medir porque F.R. Leavis dedica-lhe um capítulo no livro *Novos rumos na poesia inglesa* (1932) – somente T.S. Eliot<sup>30</sup> e Ezra

---

crítico literário inglês. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>29</sup> **John Henry Newman** (1801-1890): cardeal inglês. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>30</sup> **Thomas Stearns Eliot** (1888-1965): poeta modernista, dramaturgo e crítico literário britânico-estado-unidense. Em 1948, ganhou o Prêmio Nobel de Literatura. (Nota da *IHU On-Line*)

Pound<sup>31</sup> mereceram o mesmo destaque. Leavis conclui o capítulo dizendo: “No nosso tempo e para gerações futuras, se mostrará, com toda a probabilidade, o único poeta vitoriano – a meu ver o maior de todos eles – a exercer grande influência”<sup>32</sup>.

### ***IHU On-Line* - Como se conjugavam o poeta e o jesuíta na pessoa de Hopkins?**

**Mark Ridd** – Hopkins, o poeta, viveu em constante disputa com o Hopkins jesuíta. Ele escreveu poesia desde a infância, mas, ao ingressar na Companhia de Jesus, queimou toda a sua produção poética – ato que chamou de “chacina dos inocentes” – por achá-la incompatível com as virtudes a serem perseguidas na vida religiosa. De 1868 até 1875, escreveu um único poema. Nesse último ano, o naufrágio de um navio na foz do Tâmesa, que levou à morte cinco freiras franciscanas em fuga de perseguição religiosa na Alemanha, inspirou-o a criar um poema em homenagem a elas. Assim nasceu *O naufrágio do Deutschland*, seu maior poema ou poema maior, que ele levou quase um ano para completar. Muitos o chamam “o dragão na entrada”, pois inaugura a fase mais rica e complexa de sua produção. Apesar de encomendado por seu superior, o poema foi recusado pelo periódico da Ordem, talvez devido ao tom demasiado extático e erótico que o caracteriza. Além de descrever o encontro com Deus das freiras em meio à tormenta, logo na abertura, relata o encontro físico-espiritual do poeta com o Criador:

---

<sup>31</sup> **Ezra Weston Loomis Pound** (1885-1972): poeta, músico e crítico americano que, junto com T. S. Eliot, foi uma das maiores figuras do movimento modernista da poesia do início do século XX. Ele foi o motor de diversos movimentos modernistas, notadamente do Imagismo e do Vorticismo. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>32</sup> Leavis, F.R. **New bearings in English poetry**. Harmondsworth: Pelican, 1972. p.143. (Nota do entrevistado)

“Mestre de mim  
 Deus! doador do ar e da dor;  
 Fibra do mundo, mar sem fim;  
 Senhor de morte e amor;  
 Ligaste ossos e veias em mim, carne  
 criaste-  
 Me, e quase desfizeste, após, horror,  
 Teu feito: e ora me tanges com tua  
 haste?  
 De novo teu dedo doa e dói e eu digo  
 sim.<sup>33</sup>”

Percebe-se a iconoclastia da empreitada: Hopkins parece negar a tradição recatada e devocional da poesia religiosa. Daí em diante, houve clara cisão entre o poeta e o padre. No entanto, a obra poética de Hopkins é um contínuo louvor a Deus e à Criação. Sua fé é a filosofia que sustenta o edifício, o sopro que o impregna com impressionante energia vital a galvanizar o fazer poético. Até o fim, Hopkins se convenceu da incompatibilidade entre a sensualidade sedutora de seus versos (sucessor que era de Keats<sup>34</sup> e Swinburne<sup>35</sup>) e o recato disciplinado que há de pautar a vida de um jesuíta. Mesmo assim, não há como ignorar que a prática dedicada dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, que insiste na plena percepção dos cinco sentidos, aguçou em Hopkins uma sensibilidade já fora de série. Sua maneira de apreender a natureza, com corpo, mente e alma, contrasta fortemente com a emotividade dos românticos que o precederam. Pode-se dizer, então, que o jesuíta

<sup>33</sup> “O naufrágio do *Deutschland*” In: Hopkins, G.M. **Hopkins**: a beleza difícil. (Tradução e introdução de Augusto de Campos) São Paulo: Perspectiva, 1997. [Coleção Signos v. 20] p. 70. (Nota do entrevistado)

<sup>34</sup> **John Keats** (1795-1821): poeta inglês, considerado um dos últimos românticos. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>35</sup> **Algernon Charles Swinburne** (1837-1909): poeta inglês vitoriano. (Nota da *IHU On-Line*)

reprimiu o poeta, mas tornou-o maior: a repressão destilou a arte.

### ***IHU On-Line* - Quais foram as principais dificuldades ou incompreensões enfrentadas pelo jesuíta no seu tempo?**

**Mark Ridd** - Hopkins escreveu uma obra de difícil leitura em função das inovações ousadíssimas. Como Joyce<sup>36</sup> e Pound, ele inaugura um novo leitor de poesia, que ainda não nasceu. É poeta experimental e, em vários aspectos, seus versos se chocam frontalmente com o bom gosto parnasiano prevalecente na literatura vitoriana. A sintaxe truncada, o léxico raro e rebuscado, os experimentos prosódicos, a tentativa de revolucionar a métrica da poesia inglesa, a força pungente, quase muscular que imprime aos versos, e a curiosa fusão disso tudo com uma temática abertamente religiosa criavam sérios óbices para sua aceitação pelos meios literários, pelos leitores de poesia religiosa e pelo grande público da época. Não surpreende, pois, a cautela de Bridges ao publicá-lo. Além disso, o recato aparente e o moralismo público vitorianos fariam um verdadeiro escândalo sobre a marcante sensualidade erótica de poemas escritos por um padre. Da mesma forma, sua opção pelo catolicismo, ainda mais sendo de uma Ordem malvista no centro do Império britânico, onde imperava um anglicanismo protestante *ma non troppo* fazia de Hopkins um desajustado. Mesmo entre os jesuítas, ele preferiu se filiar ao Duns Scotus<sup>37</sup>, a

<sup>36</sup> **James Augustine Aloysius Joyce** (1882-1941): escritor irlandês considerado um dos autores de maior relevância do século XX. Suas obras mais conhecidas são o volume de contos *Dublinenses* (1914) e os romances *Retrato do artista quando jovem* (1916), *Ulisses* (1922) e *Finnicius Revém* (1939). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>37</sup> **João Scotus Erígena** (1266-1308): filósofo e teólogo franciscano, precursor do escolasticismo. Chamado de Doutor Sutil, foi mentor de Guilherme de Ockham. Foi beatificado em 20 de

quem dedica um poema, em vez de Santo Inácio. Igualmente, suas opiniões sobre questões sociais contrariavam a opinião pública. E a sua condição de quase exílio na Irlanda, nos últimos anos, o levou à depressão justamente num meio majoritariamente católico.

**IHU On-Line - Quais foram as principais características dos primeiros poemas de Hopkins (*O naufrágio de Deutschland* (1875), *O francelho*, *A calhandra enjaulada*, *O Oxford de Duns Scotus* e *Henry Purcell*?**

**Mark Ridd** - As principais marcas dos mais importantes poemas da primeira fase de sua obra madura, inaugurada com *O naufrágio*, são o fervor da louvação, o frescor contagiante de sua apreensão da natureza (associada à detecção do desenho divino que a subjaz e sustenta), aliado a uma precisão quase científica, microscópica na descrição do detalhe revelador do objeto apreendido:

“Braços, brutas-barras, com uma  
penugem dourada  
Porejando; o dentado das costelas, a  
ilharga cavada, a coxa  
Esguia, de músculos estriada; a rótula;  
abarriladas barrigas das pernas –  
Cabeça, pés, ombros, pernas  
Pela atenção de uns olhos cinza bem  
guiados: todo o bando empenhado  
Todos a postos. De cada membro, os  
músculos nodosos,  
Como se alguém, algures, os tivesse  
atado em nós, sugado, contraído –  
Inflado ou contraído –  
Inda que firmes como troncos de  
choupos – acertam, convocados, o seu  
posto  
E delineiam na carne o que cada um  
tem a fazer –

---

março de 1883, durante o pontificado de João Paulo II. (Nota da *IHU On-Line*)

Onde pôr seu vigor a dispor, e fazer”<sup>38</sup>.

Ele peleja para desautomatizar a resposta do leitor ao assunto abordado (precursor do *estranhamento* dos formalistas russos), desenvolve uma prosódia absolutamente singular e obtém uma carga poética quase elétrica que exige do leitor que empreste coração, mente e alma na empreitada de apreensão de sua literatura. “Respire e leia-a com o ouvido – é assim que quero ser lido – e a minha poesia se resolverá”, aconselhou o poeta. A dificuldade aparente (e real) é um sacrifício necessário para se chegar à riqueza sutil e surpreendente que aguarda o leitor persistente. A chave é o ouvido, o ritmo interior que abre um atalho pelas brenhas. Hopkins escreve com ritmo (inventou o que chamou de *sprung rhythm*, “ritmo atlético”), mas rejeita a métrica. Ele crê que cada coisa tem sua alma, sua peculiaridade – que ele chama de *inscape* ou “paisagem interior”:

“Cada coisa mortal faz algo típico  
assim:  
Exibe aquele ser dentro do qual habita,  
Torna-se ela mesma; *Eu mesma* ela  
sibila e grita,  
Clamando, *O que faço sou eu: para isso  
eu vim*”<sup>39</sup>.

Esta peculiaridade se exprime pela força vital, pela energia divina que a cria e estrutura – o *instress* ou “carga latente”:

---

<sup>38</sup> “Harry, o lavrador” In: Hopkins, G.M. **Poemas**. (Seleção, tradução, introdução e notas de Aíla de Oliveira Gomes) São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 139. (nota do entrevistado.)

<sup>39</sup> “Qual papa-leixe chameja...” In: Hopkins, G.M. **Poemas**. (Seleção, tradução, introdução e notas de Aíla de Oliveira Gomes) São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 117. (Nota do entrevistado)

“Pois mesmo sob o mundo em  
esplendor, radiante,  
O seu mistério preme, imprime a  
mente;  
E eu me rendo quando compreendo e  
me abenção se o vejo”<sup>40</sup>.

O poeta procura espelhar estas duas propriedades da realidade em seus versos, tendo cada poema uma marca própria e sua própria carga energética, recriação da Criação, refletidas pelo leitor no ato da leitura: “Volva o belo, e o belo, belo, belo volva a Deus, o eu do belo e o ser do belo”<sup>41</sup>.

O efeito final é nada menos que fantástico, epifânico, inusitado. É como se a revelação de Deus que ele apreende na natureza fosse transmitida com impacto avassalador para o leitor por intermédio de uma obra inspirada, movida pelo sopro do Criador. A leitura de sua obra é uma experiência única que marca de forma definitiva a vida do leitor. Décadas depois, Joyce, em língua inglesa, e Guimarães Rosa<sup>42</sup>, em

<sup>40</sup> “O naufrágio do Deutschland” In: Hopkins, G.M. **Poemas**. (Seleção, tradução, introdução e notas de Aíla de Oliveira Gomes) São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 77. (Nota do entrevistado)

<sup>41</sup> “O eco de bronze e o eco de ouro” In: Hopkins, G.M. **Hopkins: a beleza difícil**. (Tradução e introdução de Augusto de Campos) São Paulo: Perspectiva, 1997. [Coleção Signos v. 20] p. 41. (Nota do entrevistado)

<sup>42</sup> **João Guimarães Rosa** (1908-1967): escritor, médico e diplomata brasileiro. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las num realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os num discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, citamos: *Sagarana*, *Corpo de baile*, *Grande sertão: veredas*, considerada uma das principais obras da literatura brasileira, *Primeiras estórias* (1962), *Tutaméia* (1967). A edição 178 da *IHU On-Line*, de 2 de maio de 2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob

português, propiciariam experiências de leitura comparáveis.

### ***IHU On-Line* - Como aconteceu a mudança para os trágicos “sonetos obscuros”?**

**Mark Ridd** - Os “sonetos obscuros”, contaminados de desespero, são o reflexo do estado de ânimo que o acometeu nos últimos anos, a partir de 1884, retratados como exílio:

“Parecer um estranho é minha sina,  
minha vida  
Entre gente estranha”<sup>43</sup>.

O tom antes extático e arfante (como na segunda parte de “O eco de chumbo e o eco de ouro”) fica sombrio, soturno. A desesperança deriva da sensação de abandono físico, emocional e espiritual:

“A mente, oh! a mente tem montanhas,  
íngremes penhascos,  
Terríveis, a pique, insondáveis. Faça  
deles pouco  
Quem nunca ali ficou pendendo. Nem  
por tempo longo  
Nossa tênue têmpera suporta tal  
escarpa. Vem! de rastros,  
Miserável, ao conforto que serve neste  
vórtice: a alforria  
Da vida é a morte, e ao dormir se  
morre cada dia”<sup>44</sup>.

De certa forma, ele assume a voz plúmbea rechaçada no poema aludido acima. Onde, antes, a relação quase

o título “*Sertão é do tamanho do mundo*”. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa. De 25 de abril a 25 de maio de 2006 o IHU promoveu o *Seminário Guimarães Rosa: 50 anos de Grande Sertão: Veredas*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>43</sup> “Parecer um estranho...” Hopkins, G.M. **Poemas**. (Seleção, tradução, introdução e notas de Aíla de Oliveira Gomes) São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 131. (Nota do entrevistado)

<sup>44</sup> “Nada pior, nada...” Hopkins, G.M. **Poemas**. (Seleção, tradução, introdução e notas de Aíla de Oliveira Gomes) São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.129. (Nota do entrevistado)

carnal com Deus era êxtase, ela agora vira pesadelo:

“Mas ah! mas, tu, terrível, por que rude  
em mim crescer  
Teu destro pé de pedra pune o  
universo? leão-látego assim  
Varar com olhos trevorantes meus  
pisados ossos e até o fim  
Trovão-troar-me a mim, empilhado  
aqui, no frenesi de fugir de ti e te  
esquecer?”<sup>45</sup>.

No entanto, certa sobriedade e grandeza se contrapõem ao desespero:

“Ouvimos gemer os nossos corações.  
Para melhor amolgá-los  
Ela os abate. E suplicamos a Deus  
vergá-los  
À sua vontade – e em nossa vontade  
sofremos.  
E onde encontrar aquele que cada vez  
mais goteje  
Doce bondade? Ele é paciente. A  
Paciência enche  
Seus crespos favos e escorre – bem o  
sabemos”<sup>46</sup>.

### ***IHU On-Line* - Quais são as marcas literárias do autor?**

**Mark Ridd** - A marca literária de Hopkins é, acima de tudo, uma insistência na exatidão. Neste particular, suas imagens e metáforas lembram a precisão e propriedade da imagética dos poetas metafísicos, principalmente John Donne<sup>47</sup>. Há uma propensão irrepreensível para a inovação em todos os aspectos da poesia: aqui não há lugar

<sup>45</sup> “Cadáver-consolo” In: Hopkins, G.M. **Hopkins**: a beleza difícil. (Tradução e introdução de Augusto de Campos) São Paulo: Perspectiva, 1997. [Coleção Signos v. 20] p. 45. (Nota do entrevistado)

<sup>46</sup> “Paciência...” In: Hopkins, G.M. **Poemas**. (Seleção, tradução, introdução e notas de Aíla de Oliveira Gomes) São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 135. (Nota do entrevistado)

<sup>47</sup> **John Donne** (1572-1631): poeta inglês. (Nota da *IHU On-Line*)

para o clichê poético. Hopkins opera sozinho em língua inglesa uma revolução comparável à dos simbolistas franceses. E isso ele alcança inteiramente à margem dos movimentos literários de seu tempo. Sua poesia passou a ser compreensível, legível com o advento dos modernistas. Nenhum outro poeta da língua inglesa, nem Walt Whitman<sup>48</sup>, exerceu tamanha influência sobre a produção poética do século XX, de T.S Eliot até Dylan Thomas<sup>49</sup>, Ted Hughes<sup>50</sup> e Seamus Heaney<sup>51</sup>. A potência de sua verve experimental pode ser apreciada em *Da natureza, fogo heraclítico, e do conforto da ressurreição*, um soneto em que ele praticamente explode a forma tradicional – difícil reconhecê-lo graficamente. Esse poema, porém, também explicita o risco da experimentação extrema: percebe-se mais a complexidade, o rebuscamento e o experimento do que a própria poesia.

### ***IHU On-Line* - Como ele conseguiu retratar algum aspecto de seu tempo?**

**Mark Ridd** - Apesar de seguir em muitos aspectos o esteticismo reinante no fim do século XIX, Hopkins tem retratos marcantes da realidade rural da sua época, mormente em poema, como *Felix Randal* (um ferreiro), *Harry Ploughman* (um arador) e *Tom's Garland* (sobre um desempregado). Pela temática religiosa, sua poesia foge, em geral, ao mundano, que existe como reflexo do celestial.

<sup>48</sup> **Walt Whitman** (1819-1892): poeta norte-americano. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>49</sup> **Dylan Marlais Thomas** (1914-1953): poeta e escritor galês. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>50</sup> **Edward James Hughes (Ted Hughes - 1930-1998)**: poeta inglês e escritor infantil, considerado um dos melhores de sua geração. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>51</sup> **Seamus Justin Heaney** (1939): poeta e escritor irlandês, Prêmio Nobel de Literatura em 1995. (Nota da *IHU On-Line*)

### ***IHU On-Line* - O que a literatura contemporânea poderia aprender com Hopkins?**

**Mark Ridd** - A poesia contemporânea nasceu sob a sombra inspiradora de Hopkins em língua inglesa. Seu exemplo é perceptível em muitos dos grandes vultos da poesia inglesa no século XX, mas restringe-se à forma, à prosódia, à maneira de criar o verso. Apenas R. S. Thomas<sup>52</sup> lembra-o na fusão de uma poesia vigorosa e uma temática religiosa. Como disse George Sampson: "Hopkins pode ser uma influência muito positiva para os que procuram com humildade o espírito, mas pode ser o pior modelo a seguir para os convencidos em busca de uma identidade própria insólita". Outra lição de valor é que a inovação mais eficaz se dá dentro de limites. As inovações técnicas de Hopkins são operadas no interior de formas consagradas, como o soneto. Além disso, estão a serviço de uma filosofia vigorosa, que lhes atribui sentido e valor. Conjugadas, emprestam uma vitalidade ao verso que talvez lhe faltasse caso fosse criado em moldes mais livres de amarras formais. Isso explica também a extrema dificuldade que enfrentam os tradutores de sua obra que se vêem entre o respeito à essência imagética, o cerne da mensagem e a cruz do apego à forma singular.

### ***IHU On-Line* - Como ele combinava arte e religião no seu trabalho?**

**Mark Ridd** - A fusão é completa. Nenhum assunto é abordado sem um motivo religioso subjacente. O mais conhecido exemplo dessa fusão se encontra no soneto *O falcão*, merecedor de uma meia dúzia de traduções em língua portuguesa. O falcão é símbolo de Jesus. Na segunda parte, o poeta

contrasta o esplendor exuberante do falcão com o trabalho disciplinado do religioso – este também capaz de faíscas ofuscantes que repetem ou remetem ao Salvador. É difícil pensar num autor em quem fé e arte se fundem de forma tão consistente e satisfatória. Não é necessário compartilhar o credo para deleitar-se com sua arte.

---

<sup>52</sup> **Ronald Stuart Thomas** (1913-2000): poeta galês, considerado um dos melhores de sua época. (Nota da *IHU On-Line*)



**Sugestões de leitura**  
**Além dos dois livros de poemas de Hopkins em tradução citadas na entrevista, sugiro os seguintes:**

**Obras em inglês:**

Hopkins, G.M. **The poems of Gerard Manley Hopkins.** (ed. W.H.Gardner & N.H.Mackenzie) 4 ed. Oxford: Oxford University Press, 1970.

Hopkins, G.M. **The journals and papers of Gerard Manley Hopkins.** (ed. Humphrey House & Graham Storey) Oxford: Oxford University Press, 1959.

Hopkins, G.M. **The sermons and devotional writings of Gerard Manley Hopkins.** (ed. Christopher Devlin) Oxford: Oxford University Press, 1959.

Hopkins, G.M. **A Hopkins reader.** (ed. John Pick). New York: Oxford University Press, 1953.

**Estudos e biografias:**

Bergonzi, B. **Gerard Manley Hopkins.** London: Macmillan, 1977. [Masters of World Literature]

Bottala, P.; Marra, G.; Marucci, F. (eds.) **G.M. Hopkins: tradition and innovation.** Ravenna: Pleiadi, 1991.

Bottral, M. (ed.) **Gerard Manley Hopkins, Poems: a selection of critical essays.** London: Macmillan, 1975.

Brown, D. **Hopkins' idealism: philosophy, physics, poetry.** Oxford: Clarendon Press, 1997

Fennell, F.L. **The fine delight: centenary essays on Gerard Manley Hopkins.** Chicago: Loyola University Press, 1989

Kitchen, P. **Gerard Manley Hopkins: a life.** 2 ed. Manchester: Carcanet, 1989.

Lichtmann, Maria R. **The contemplative poetry of Gerard Manley Hopkins.** Princeton: Princeton University Press, 1989.

Martin, R.B. **Gerard Manley Hopkins: a very private life.** New York: Putnam, 1991.

Pick, J. **Gerard Manley Hopkins: priest and poet.** Oxford: Oxford University Press, 1942.

Roberts, G. (ed.) **Gerard Manley Hopkins: the critical heritage.** London: Routledge, 1987. [Critical Heritage series].

Sulloway, A.G. (ed.) **Critical essays on Gerard Manley Hopkins.** Boston: G.K. Hall, 1990. [Critical Essays in British Literature].

Thomas, A. **Hopkins the Jesuit: the years of training.** Oxford: Oxford University Press, 1969.

Thornton, R.K.R. **Gerard Manley Hopkins: the poems.** London: Edward Arnold, 1973.

Ward, B.W. **World as word: philosophical theology in Gerard Manley Hopkins.** Washington:

Catholic University of America Press, 2001.

Watson, J.R. **The poetry of Gerard Manley Hopkins.** Harmondsworth: Penguin, 1989. [Penguin Critical Studies].

White, N. **Hopkins: a literary biography.** Oxford: Oxford University Press, 1992.

**Periódico:**

The Hopkins Quarterly. Disponível em: <<http://hopkinsquarterly.com/>>.

# Vaz: intérprete de uma civilização arreligiosa

Entrevista com Marcelo Fernandes de Aquino



“O Padre Vaz conseguia se antecipar a movimentos de longo alcance da civilização humana e, com isso, causava desconforto a grupos ou a pessoas que faziam análises excessivamente pontuais da cultura brasileira ou humana. Padre Vaz desalojava a nossa reflexão de certezas fáceis”. Essa é uma das afirmações do reitor da Unisinos, Prof. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino, SJ, em entrevista concedida em seu gabinete à *IHU On-Line* sobre Padre Henrique Cláudio de Lima Vaz, SJ (1921-2002), filósofo brasileiro, de grande importância em numerosos aspectos. Para Aquino, o pensamento do Padre

Vaz nos auxilia a entender a crise civilizacional que vivemos com um viés bastante sofisticado da modernidade. “Ele olhava num horizonte que se descortinava tão longe que ofuscava”. Seu trabalho filosófico sistemático era impressionante, assim como seu conhecimento enciclopédico, revela Aquino.

Aquino é graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Aloisianum, em Milão, e em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma (PUG), ambas na Itália. É especialista em Filosofia pela Hochschule Für Philosophie, em Munique, mestre e doutor em Filosofia pela PUG e mestre em Teologia pela mesma instituição. Coursou pós-doutorado no Boston College, nos EUA. É autor de *O conceito de religião em Hegel*. São Paulo: Loyola, 1989, originado de sua tese em Filosofia. Além da função assumida na reitoria em 2 de janeiro de 2006, Aquino segue lecionando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unisinos. Confira os principais trechos da conversa. Aquino concedeu entrevista à *IHU On-Line* nas edições 19<sup>o</sup>, de 27 de maio de 2002, sobre a morte de Padre Vaz, e à edição 75, de 15 de setembro de 2003, a respeito do lançamento pela Editora Unisinos do *Dicionário de Ética e Filosofia Moral*, de autoria de Monique Canto-Sperber. Na edição 170, de 6 de março de 2006, Aquino falou à *IHU On-Line* sobre sua nova função como reitor da Universidade.

Sobre o Padre Vaz, a **IHU On-Line** dedicou o tema de capa da edição 19, de 27 de maio de 2002, a repercutir a vida e o pensamento do filósofo brasileiro. Na edição 185, de 19 de junho de 2006, publicamos como *Artigo da Semana* uma reflexão sobre o pensamento do Padre Vaz, intitulada *O comunitarismo cristão e a refundação de uma ética transcendental*.

**IHU On-Line - O padre Vaz é considerado por algumas pessoas como principal filósofo brasileiro e maior filósofo cristão das últimas décadas. O que senhor pensa sobre isso?**

**Marcelo Aquino** – Penso que Padre Vaz, antes de tudo, criticaria essa definição. Ele era uma pessoa extremamente reservada, com um senso de pudor muito grande. Não gostava de expor coisas da sua intimidade. Distinguiu o que era público e o que era pessoal. Em segundo lugar, não era do feitio do Padre Vaz se rotular como o maior, melhor, o mais importante. Padre Vaz era tímido. Quando ele queria discordar mais fortemente de alguém, colocando os pontos nos “is”, usava de uma ironia civilizada, lembro de dois episódios deliciosos. O primeiro, o presidente Fernando Henrique concedeu a ordem do mérito acadêmico para ele, e o chefe da Casa Civil veio a Belo Horizonte convencê-lo para ir à Brasília receber a honraria. Padre Vaz, apesar de ser grande amigo do Clóvis Carvalho<sup>53</sup>, que tinha sido estudante jesuíta, não arredou o pé e conseguiu que mandassem a comenda pelo correio. O segundo, o então prefeito de Belo Horizonte, atual ministro Patrus Ananias<sup>54</sup>, concedeu a medalha do

<sup>53</sup> **Clóvis Carvalho**. ex-ministro da Casa Civil do governo FHC. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>54</sup> **Patrus Ananias**. advogado mineiro, formado em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Integrante da equipe que elaborou o programa de governo do PT nas eleições presidenciais de 2002, foi eleito deputado federal com a maior votação da história de Minas Gerais, mais de 520 mil votos. Em 2004, licenciou-se da Câmara dos Deputados, atendendo à convocação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva para ser o titular

centenário daquele município para o Padre Vaz. Novamente, ele, que tinha que ir à prefeitura discursar, também não arredou o pé. O prefeito Patrus teve que ir à casa do Padre Vaz, na faculdade dos jesuítas, entregar pessoalmente a medalha. Estes episódios dão um pouco do perfil dele. Padre Vaz tinha uma grande sensibilidade humana. Tinha gestos contidos de carinho e de afetuosidade. Entretanto, quem soubesse decifrar o gesto do Padre Vaz ficava encantado com os sinais de delicadeza, de bondade. Ele atendia, de maneira muito dedicada, qualquer estudante que fosse, minimamente, interessado nas suas questões, nos seus escritos. Ao mesmo tempo, era um bom conselheiro de pessoas de grande destaque na vida brasileira. Vaz foi sempre um cristão. Penso que ele jamais colocou em xeque sua identidade cristã. Concebia-se como um filósofo profundamente ligado ao fato cristão. Não sei se ele aceitaria facilmente o rótulo de filósofo cristão, mas ele sempre era um cristão fazendo filosofia.

**IHU On-Line- O que o senhor foi conhecendo do Pe. Vaz na convivência com ele?**

**Marcelo Aquino** - Convivi com Padre Vaz 14 anos, de 1984 a 1998. O trabalho sistemático dele era espantoso, um verdadeiro relógio humano na labuta intelectual. Cansei de pegar livros na Biblioteca do Instituto Santo Inácio com correções do Pe. Vaz. Quando havia um

do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, criado em janeiro de 2004. (Nota da **IHU On-Line**)

pequeno erro, num acento circunflexo em francês, ou numa citação em grego, ele fazia a correção na margem, com sua letra miúda. Era um leitor muito cuidadoso. Tinha uma erudição “brutal”. Frequentava o texto original grego ou latino com muita maestria. Ele passou de maneira muito firme pela leitura de Platão<sup>55</sup>, de Aristóteles<sup>56</sup>. No final de sua vida, orientava-se também para o estudo de Plotino<sup>57</sup>. Vaz foi também um grande leitor de Santo Agostinho<sup>58</sup> e de Santo

---

<sup>55</sup> **Platão (427-347 a. C.):** filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Idéias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* e o *Fédon*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>56</sup> **Aristóteles de Estagira (384 a. C. – 322 a. C.):** filósofo grego, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas — por um lado, originais e, por outro, reformuladoras da tradição grega — acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se: ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>57</sup> **Plotino (205-270):** filósofo egípcio, discípulo de Amônio Sacas e mestre de Porfírio, que nos legou seus ensinamentos em seis livros de nove capítulos cada, chamados de *As Enéadas* (*ennead*). Acompanhou uma expedição à Pérsia, onde tomou contato com a filosofia persa e indiana. Regressou à Alexandria e, aos 40 anos, estabeleceu-se em Roma. Desenvolveu as doutrinas aprendidas de Amônio numa escola de filosofia com seletos grupos de alunos. Pretendia fundar uma cidade chamada Platonópolis, baseada nos ensinamentos da República de Platão. Plotino dividia o universo em três hipóstases: o Uno, o Nous (ou mente) e a alma. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>58</sup> **Santo Agostinho (354-430 d. C.):** conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo, filósofo e doutor da doutrina da Igreja. Santo Agostinho cresceu no norte da África, colonizado por Roma, e foi educado em Cartago. Lecionou retórica em Milão em 383 d. C. Seguiu o Maniqueísmo quando estudante e se converteu ao cristianismo pela pregação de Ambrósio de Milão. Foi batizado na Páscoa de 387 e retornou ao norte da África, estabelecendo em Tagaste uma fundação monástica junto com alguns amigos. Agostinho morreu em 430 d. C., durante o cerco de Hipona

Tomás de Aquino<sup>59</sup>. Ele tinha uma curiosidade intelectual inesgotável. Um dia cheguei no quarto do Padre Vaz, no final da minha estada em Belo Horizonte, e ele tinha nas mãos a edição crítica recém-chegada do Siger de Brabant, o grande adversário de Santo Tomás de Aquino no século XIII.

### ***IHU On-Line- E no campo da Teologia quais foram suas principais influências?***

**Marcelo Aquino-** Padre Vaz ficou muito marcado pelo que se chamou de *Nouvelle Théologie*, escola teológica agrupada em torno da figura do padre Henri De Lubac<sup>60</sup>, no Escolasticado da Companhia de Jesus em Lyon, França. Creio que um livro teológico que marcou muito o Padre Vaz foi *Catholicisme*<sup>61</sup>, de De Lubac. No final da vida, ele estudava muito o filósofo cristão Maurice Blondel<sup>62</sup> e lia Hans Urs

---

pelos Vândalos. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>59</sup> **Tomás de Aquino (1227-1274):** frade dominicano e teólogo italiano, considerado santo pela Igreja. Um de seus maiores méritos foi introduzir o aristotelismo na escolástica anterior. A partir de São Tomás, a Igreja tem uma teologia (fundada na revelação) e uma filosofia (baseada no exercício da razão humana) que se fundem numa síntese definitiva: fé e razão. Nascido numa família nobre, estudou filosofia em Nápoles e depois foi para Paris, onde se dedicou ao ensino e ao estudo de questões filosóficas e teológicas. Seus interesses não se restringiam à religião e filosofia, mas também à alquimia, tendo publicado uma importante obra alquímica chamada *Aurora Consurgens*. Sua obra mais famosa e importante é a *Suma Teológica*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>60</sup> **Henri De Lubac (1896-1991):** teólogo jesuíta francês. Foi suspenso por Pio XII. No seu exílio intelectual, escreveu um verdadeiro poema de amor à Igreja que são as suas *Méditations sur l'Eglise*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>61</sup> **De Lubac, Henri. Catholicismo.** Aspectos sociales del dogma. Madrid: Ediciones Encuentro, 1988. (Nota da *IHU On-Line*).

<sup>62</sup> **Maurice Blondel (1861-1949):** filósofo francês. Mestre de conferências na Universidade de Lille, 1895-1896. Professor em 1897 na Universidade de Aix-en-Provence, permanecendo no posto até sua enfermidade em 1927. Conhecido por sua filosofia da ação, que partia de um intuicionismo inicial,

Von Balthasar<sup>63</sup>. Nesse período, já estava tomando distância da impostação transcendental que Karl Rahner<sup>64</sup> deu à teologia cristã. Ele, afinal de contas, optou

---

irrompendo para um espiritualismo metafísico antipositivista, com aparência neoplatônica e tomista, eclética e misticista, com algumas moderações, e que o aproximam ao existencialismo cristão. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>63</sup> **Hans Urs Von Balthasar** (1905-1988): teólogo católico suíço. Estudou Filosofia em Viena, Berlim e Zurique, onde doutorou-se em 1929, e em Teologia em Munique e Lyon. Destacou-se como investigador dos santos padres e da Filosofia e Literatura modernas, especialmente a franco-germana. Criou sua própria Teologia, síntese original do pensamento patristico e contemporâneo. Entre suas obras destacam-se *O cristianismo e a angústia* (1951), *O mistério das origens* (1957), *O problema de Deus no homem atual* (1958) e *Teologia da história* (1959). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>64</sup> **Karl Rahner** (1904-2004): importante teólogo católico do século XX, ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são: *Geist in Welt* (O Espírito no mundo), 1939, *Hörer des Wortes* (Ouvinte da Palavra), 1941, *Schriften zur Theologie* (Escritos de Teologia), 16 volumes escritos entre 1954 e 1984, *Grundkurs des Glaubens* (Curso Fundamental da Fé), 1976. Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento. A Unisinos dedicou à sua memória o **Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI**, realizado de 24 a 27 de maio daquele ano. A *IHU On-Line* n.º 90, de 1º de março de 2004, publicou um artigo de Rosino Gibellini sobre Rahner; e a n.º 94, de 29 de março de 2004, publicou uma entrevista de J. Moltmann, analisando o pensamento de Rahner. No dia 28 de abril de 2004, no evento **Abrindo o Livro**, Érico Hammes, teólogo e professor da PUCRS, apresentou o livro *Curso Fundamental da Fé*, uma das principais obras de Karl Rahner. A entrevista com o prof. Érico Hammes pode ser conferida na *IHU On-Line* n.º 98, de 26 de abril de 2004. Ainda sobre Rahner, publicamos uma entrevista com H. Vorgrimler no *IHU On-Line* n.º 97, de 19 de abril de 2004, sob o título *Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano nascido há 100 anos*. A edição número 102, da *IHU On-Line*, de 24 de maio de 2004, dedicou a matéria de capa à memória do centenário de nascimento de Karl Rahner. Os **Cadernos Teologia Pública** publicaram o artigo **Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner**, de autoria do Prof. Dr. Érico João Hammes. (Nota da *IHU On-Line*)

pela linha delubaquiana. Creio que o Padre Vaz passou por uma leitura do chamado tomismo da neo-escolástica. Citava muito os tratados do padre Vicencio Remer, um neo-escolástico da Gregoriana, cujo curso era de grande fidelidade ao pensamento de Tomás de Aquino. O Padre Vaz nunca foi próximo do pensamento suareziano<sup>65</sup>, conservando-se fiel ao pensamento do Aquinate.

A leitura da obra do jesuíta belga Joseph Maréchal<sup>66</sup> marcou fortemente a síntese que Pe. Vaz construiu ao longo dos tempos. Maréchal, além da formação filosófica e teológica, era formado em Biologia. Destacou-se pela aproximação entre Tomás de Aquino e Kant<sup>67</sup>. Ele

---

<sup>65</sup> **Francisco Suarez** (1548-1617). teólogo, filósofo metafísico e do direito, espanhol, nascido em Granada. Filho de família abastada estudou em Salamanca, onde, aos 16 anos, ingressou na Companhia de Jesus. Sacerdote em 1572, quando Portugal estava sob a administração da Espanha, foi nomeado por Felipe II, para a cátedra de teologia da universidade de Coimbra, onde lecionou de 1597 a 1615. Morreu dois anos após, em Lisboa. Notoriamente erudito e orientado pela nova didática desenvolvida pelos jesuítas, criou métodos expositivos de filosofia e teologia mais sistemáticos, que distinguem a sua escolástica da que praticavam ainda os dominicanos do século XVI, sob a base de comentário. Doutrinariamente, ainda que seguindo a filosofia e teologia de Tomás de Aquino, derivou para algumas diretrizes do escotismo e do nominalismo, ou mesmo da filosofia moderna. Neste sentido aparenta um escolástico eclético, visto apenas exteriormente. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>66</sup> **Joseph Marechal** (1878-1944), jesuíta, com conciliações kantianas, autor de *O ponto de partida da metafísica Le point de départ de la métaphysique*, em 5 cadernos, 1922-1923, sendo os dois últimos póstumos. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>67</sup> **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. A *IHU On-Line* número 93, de 22 de março de 2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado este ano o **Cadernos IHU em formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica*

marcou fortemente a filosofia e a teologia católica entre as décadas de 1930 e 1960. Padre Maréchal é autor do famoso *Le point de départ de la métaphisique*. O Cahier V desta obra aproxima a metafísica tomásica do criticismo kantiano. Depois, Padre Vaz entra decididamente na leitura de Hegel<sup>68</sup>, Marx<sup>69</sup>, Husserl<sup>70</sup> e, na fase final, faz um retorno aos clássicos gregos.

---

e ética. Os **Cadernos IHU em formação** estão disponíveis para download na página [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si (*noumenon*) não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>68</sup> **Friedrich Hegel** (1770-1831): filósofo alemão. Foi um dos pensadores mais influentes dos tempos recentes. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, Hegel tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX. Nesse livro, Hegel considerava uma variedade tão grande de concepções quanto os diversos estados da mente, e as encarava como estágios no desenvolvimento do espírito em direção a uma maior maturidade. Sua segunda obra, *A Ciência da Lógica*, tenta fazer uma análise sistemática dos conceitos. Sua *Enciclopédia das ciências filosóficas* contém todo o seu sistema de uma forma condensada. O último livro de Hegel foi *A filosofia do direito*. Depois de sua morte, seus alunos publicaram suas conferências sobre filosofia da história, da religião e da arte, e sobre história da filosofia, usando principalmente suas anotações. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>69</sup> **Karl Heinrich Marx** (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no **Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**. A palestra *A Utopia de um novo paradigma para a economia* foi proferida pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leda Maria Paulani, em 23 de junho de 2005. O **Caderno IHU Idéias**, edição número 41, teve como tema *A (anti)filosofia de Karl Marx*, com artigo

### ***IHU On-Line- A partir da Teologia e a Filosofia, Pe. Vaz transitou também por outras áreas?***

**Marcelo Aquino**-. Ele foi aluno do Padre Roser<sup>71</sup>, jesuíta austríaco considerado pai da física atômica brasileira. Vaz, até o fim, acompanhou de longe as questões atuais de física. Na opinião de Armando Lopes de Oliveira<sup>72</sup>, Vaz conseguiu fazer na filosofia da natureza o que Kant havia feito na metafísica. Ele conseguiu apropriar-se da teoria da relatividade e, com isso, começou a reconstruir a filosofia da natureza. É uma lástima que ele não tenha dado continuidade aos estudos de filosofia da natureza porque a grande lacuna hoje é exatamente essa. Por uma questão fortuita quase, dedicou-se muito à ética, tanto é que seu livro de ética é composto por dois grossos volumes.

---

### ***IHU On-Line - Por que razão Padre Vaz deixou a filosofia da natureza e se dedicou mais à ética? Essa***

de autoria da mesma professora. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>70</sup> **Edmund Husserl** (1859-1938): filósofo alemão, principal representante do movimento fenomenológico. Marx e Nietzsche, até então ignorados, influenciaram profundamente Husserl, que era um crítico do idealismo kantiano. Husserl apresenta como idéia fundamental de seu antipsicologismo a "intencionalidade da consciência", desenvolvendo conceitos como o da intuição *eidética* e *epoché*. Pragmático, Husserl teve como discípulos Martin Heidegger, Sartre e outros. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>71</sup> **Francisco Xavier Roser**: (+1967) fundador do Instituto de Física da PUC-Rio, representante do Brasil na comissão de Energia Atômica da ONU. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>72</sup> **Armando Lopes de Oliveira**: professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É doutor em Física pelo Centro de Estudos Nucleares de Grenoble, França. É pós-doutor em Física pelo Imperial College (Londres). Oliveira ministrou o curso *A estrutura do universo e os seus códigos físicos durante o Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade*, na Unisinos, em maio de 2005 e concedeu entrevista sobre esse assunto à *IHU On-Line* na edição 141, de 16 de maio de 2005. (Nota da *IHU On-Line*)

### **mudança seria provocada pela conjuntura política que o País estava vivendo?**

**Marcelo Aquino** - Até 1964, Padre Vaz teve um engajamento na pastoral universitária católica, e isso deve ter exigido um estudo e uma reflexão a respeito da questão da práxis. Vaz leu muito Marx e fazia uma crítica à filosofia moderna a respeito da absolutização da práxis por parte do pensamento filosófico moderno. Então, ele acabou por fazer uma crítica bem fundada ao pensamento de Marx. Toda essa preocupação com a práxis o colocou de cheio na questão da ética.

### **IHU On-Line – E quais as objeções que Vaz fazia Heidegger?**

**Marcelo Aquino** - Eu discordo da opinião que meu amigo e colega Ernildo Stein<sup>73</sup> faz da leitura que Padre Vaz tem de Heidegger<sup>74</sup>. O professor Stein matiza muito a crítica do Vaz, ao passo que Vaz fazia uma crítica contundente a Heidegger. Eu me identifico com essa crítica.

### **IHU On-Line – Mas qual seria o centro dessa crítica?**

**Marcelo Aquino** - Primeiro, Vaz, sendo um grego, critica o passo para trás, para antes de Sócrates<sup>75</sup>, recuando para antes da razão ou de logos epistêmico, que Heidegger tenta fazer. Então, Vaz é diametralmente oposto a esse projeto de dar um passo para trás, pular para fora da razão epistêmica, para fora da descoberta do logos grego. Creio também que Vaz

---

<sup>73</sup> **Ernildo Stein**: filósofo brasileiro. Confira a entrevista por ele concedida à *IHU On-Line* edição 185, de 19 de junho de 2006, intitulada *A superação da metafísica e o fim das verdades eternas*, a respeito de Heidegger. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>75</sup> **Sócrates** (470 a. C. – 399 a. C.): Filósofo ateniense e um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental. (Nota da *IHU On-Line*)

associa Heidegger ao projeto nietzschiano de desconstrução da semântica ocidental. Acredito que o Padre Vaz consideraria o pensamento de Heidegger uma província ultramarina do pensamento de Nietzsche<sup>76</sup>.

### **IHU On-Line – Padre Vaz fazia esse diálogo com a modernidade baseado no método de Hegel?**

**Marcelo Aquino** - Acredito ser mais prudente não aprisionar o pensamento do Padre Vaz a uma escola ou a um pensador. Num certo momento, na década de 1960, Padre Vaz foi tido como marxista. Ele sofreu bastante com isso. Nas décadas de 1970 e de 1980, Padre Vaz é rotulado de hegeliano. Na década de 1990, é rotulado de reacionário. Ora, as pessoas não tinham estatura filosófica para acompanhar a travessia, a jornada filosófica que ele realizava. No final da vida, Padre Vaz tinha feito sua circunavegação. Ele tinha navegado pelo globo filosófico, fazendo a crítica à razão instrumental, tomando distância dela. Ele fez a crítica da razão instrumental, fazendo suas críticas a Hegel, Marx. Só que o pessoal que estava fazendo a leitura da teologia cristã pelo viés da análise marxista, achava que Vaz tinha se tornado reacionário e desconhecia o grau de

---

<sup>76</sup> **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus polêmicos conceitos “além-do-homem”, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim Falou Zaratustra*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998; *O Anticristo*. Lisboa: Guimarães, 1916; *A Genealogia da Moral*. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2004. Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da *IHU On-Line*, de 13 de dezembro de 2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela *IHU On-Line* edição 175, de 10 de abril de 2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada *Nietzsche e Paulo*. (Nota da *IHU On-Line*)

sofisticação do que Vaz estava fazendo. Não rotularia o Padre Vaz nem de reacionário, nem de hegeliano, nem de marxista. O Padre Vaz era o Padre Vaz.

***IHU On-Line - Como o senhor vê a forma como o Pe. Vaz expôs a problemática entre a consciência contemporânea da modernidade e a consciência cristã?***

**Marcelo Aquino** - O Padre Vaz estava convencido, e com razão, que a filosofia grega era também uma teologia. O pensamento filosófico grego é uma reflexão teológica. Muitas vezes, nós, cristãos, pensamos que só existe teologia cristã. Existem muitas teologias. Existia uma teologia grega, seja ela platônica, seja ela aristotélica. Quando a experiência bíblico-cristã se encontra com o logos grego, este tinha na teologia uma de suas dimensões. Então, o pensamento judaico-cristão dialoga com o pensamento grego, podendo fazer pontes com a teologia grega, seja ela de índole platônica, seja ela de índole neoplatônica ou aristotélica. Por isso, foi possível o diálogo entre os padres da Igreja primitiva e o pensamento grego, porque teólogos estavam dialogando com teólogos. Ora, a leitura do Padre Vaz na contemporaneidade, é que estamos nos encaminhando para uma civilização não-religiosa. Isto é, uma civilização do nada.

***IHU On-Line - Uma espécie de secularização?***

**Marcelo Aquino**- Segundo Marcel Gauchet<sup>77</sup>, trata-se da secularização da

---

<sup>77</sup> **Marcel Gauchet**: diretor de estudos da École des hautes études en sciences sociales, e redator-chefe da revista *Débat*, é autor dos livros *Le désenchantement du monde. Une histoire politique de la religion*. Paris: Gallimard. 1985; *La Religion dans la démocratie. Parcours de la laïcité*. Paris: Gallimard. 2001; *La Démocratie contre elle-même*. Paris: Gallimard. 2002; *La Condition Historique*. Paris: Stock, 2003. Com Luc-Ferry escreveu o livro *Le religieux après la religion*.

secularização. A secularização ocorrida nos séculos XVIII e XIX ainda estava ancorada na matriz religiosa cristã. O que assistimos hoje é uma secularização daquela secularização. A secularização contemporânea já perdeu sua referência à tradição cristã. Padre Vaz intuiu que, pelo menos no espaço do mundo em que vivemos, estaríamos nos encaminhando para uma civilização arreligiosa. Ele lia o fenômeno de uma civilização arreligiosa como sendo uma civilização do niilismo, do nada. Esse era o momento da angústia vazia em seus últimos anos de vida. Ele se angustiava como um cristão lendo o desenrolar futuro da família humana, não mais sob o signo da religião. É uma questão que alguns teólogos cristãos, nomeadamente na França, por exemplo o padre Joseph Moingt<sup>78</sup>, se propõem a tarefa de dialogar com uma sociedade humana não mais religiosa. Esse, eventualmente, poderia ser um dos grandes desafios: reconstruir ou reinventar a teologia cristã no universo categorial não mais religioso. É um tremendo desafio. Vamos ver se alguém vai dar conta.

***IHU On-Line - O que significaria as bases de uma ética universal de fundo transcendental traçada por ele?***

**Marcelo Aquino** - O pensamento do Padre Vaz se reconhece na tradição que defende e argumenta em favor de uma ética cognitivista e universalista. Nisso, ele

---

Paris: Grasset. 2004 e *Un monde désenchanté?* Paris: L'atelier, 2004. Ele concedeu uma entrevista à *IHU On-Line* publicada na 128ª edição, de 20 de dezembro de 2004. (Nota do *IHU On-Line*).

<sup>78</sup> Joseph Moingt, jesuíta, professor emérito de teologia no Instituto Católico e no Centro Sèvres, de Paris, é autor da obra, em três volumes: *Dieu que vient à l'homme*. Volume 1: *Du deuil au dévoilement de Dieu*. Paris: Cerf, 2002. *Dieu que vient à l'homme*. Volume 2: *De l'apparition à la naissance de Dieu*. Paris: Cerf, 2005. O terceiro volume está para ser publicado em 2006. (Nota da *IHU On-Line*)



é fiel à grande tradição de Aristóteles e de Tomás de Aquino. A ética está apoiada na verdade. Penso que a ética vaziana é cognitivista. Ao mesmo tempo, a face de uma ética cognitivista é de uma ética universal. Aí aquela expressão kantiana proposições éticas ou são universais, valem para todos, ou não são éticas. Vaz assinalaria essa questão. Então, a ética vaziana reinventa uma ética cognitivista e universalista. Por outro lado, ele sempre tomou distância da virada lingüística. Ele foi sempre muito descrente, cético à posição fundamental que a linguagem passou a ter no pensamento contemporâneo. Eu acho que Vaz nunca se entusiasmou muito com Wittgenstein<sup>79</sup>, Habermas<sup>80</sup>, Apel<sup>81</sup>.

**IHU On-Line - De que forma o pensamento do Padre Vaz influenciou a ética que foi se formando na civilização brasileira?**

**Marcelo Aquino** - Eu diria que, por um lado, Vaz é fiel ao teocentrismo cristão, categoria com a qual ele trabalha muito. O teocentrismo cristão afirma uma moral teonômica. São as duas grandes questões, a ética e a moral da autonomia, e a ética e a moral da heteronomia e da teonomia. A

---

<sup>79</sup> **Ludwig Wittgenstein** (1889-1951): filósofo analítico austríaco (Nota do *IHU On-Line*).

<sup>80</sup> **Jürgen Habermas** (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve contruir-se pela troca de idéias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. Sua tese para explicar a produção de saber humano recorre ao evolucionismo de Charles Darwin. Segundo Habermas, a habilidade possibilita desenvolver capacidades mais complexas de conhecer a realidade. Evolui-se assim através dos erros. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>81</sup> **Karl-Otto Apel** (1922): filósofo alemão e um dos fundadores da chamada Ética do Discurso, posteriormente aprofundada por seu compatriota, Jürgen Habermas (Nota da *IHU On-Line*)

ética vaziana é, fundamentalmente, teonômica. Vaz trabalha grandes categorias cristãs e, em certos artigos, especialmente em artigos do jovem Vaz, as categorias cristãs borbulham no texto. A categoria de amor, de próximo, da solidariedade “joram” da problemática vaziana. Além disso, Vaz se apropria da democracia moderna. Ele sempre se reconheceu entre os pensadores cristãos que se esforçaram para reconciliar o pensamento social e político cristão com a democracia contemporânea. Em nenhum momento seu pensamento abre ou faz concessões a qualquer forma de autoritarismo político. Creio que Pe. Vaz não se considerava discípulo de Jacques Maritain<sup>82</sup>, filósofo francês que se esforçou por reconciliar o pensamento católico com as modernas concepções democráticas. Vaz, em alguma coisa, não sintonizava com esse pensado,. Sobre isso, creio que Vaz deu um belo exemplo. Ele também não cedeu jamais à tentação de fundação de um Estado religioso. A inflexão moderna de seu pensamento o tornava refratário a qualquer tipo de visão teocrática da sociedade humana. Ele respeitava rigorosamente o espaço de laicidade do estado contemporâneo. Aí se funda também a crítica de Vaz a certas manifestações teóricas da Teologia da Libertação.

---

<sup>82</sup> **Jacques Maritain** (1882-1973): filósofo francês. O pensamento tomista de Maritain serviu-lhe de parâmetro para a abordagem e julgamento de situações concretas como a política, a educação, a arte e a religião vigentes. Mas tratou também da base da gnosiologia, decidindo-se pelo realismo imediato e intuição do ser, tal como no aristotelismo e na escolástica originária. Diferenciou a filosofia e a ciência experimental, bem como as diversas ciências filosóficas. Advertiu para a diferença entre o tema da lógica e o da gnosiologia. Foi um dos principais expoentes do tomismo no século XX e influente intérprete do pensamento de S. Tomás de Aquino. Uma de suas obras principais é *Por um humanismo cristão*, São Paulo: Paulus, 1999. A editora Loyola acaba de publicar o livro *A filosofia da natureza*, 2004. (Nota da *IHU On-Line*)

***IHU On-Line - Como ele entendia e vivia a relação fé e política em seu contexto?***

**Marcelo Aquino** - Creio que nesse campo Vaz foi um homem moderno. Ele não misturava os planos e acredito que também era refratário a qualquer clericalização da vida política. Acredito que ele deu exemplo muito digno de um cristão que passou pela modernidade. Qualquer tipo de organização da sociedade humana em termos de visão de cristandade era alheio, não sintonizava com a proposta do Padre Vaz. Ele intuía, observava e tirava as conseqüências de um estado laico, mas dialogando com a inspiração cristã, com as formas de tradição cristã que pulsam dentro de uma determinada organização social.

***IHU On-Line - Hoje, quem retoma o pensamento do Padre Vaz no Brasil?***

**Marcelo Aquino** - Em São Paulo, professores e pesquisadores da USP estudavam e liam os textos do Padre Vaz, mas nunca o citavam. Ele era consciente de uma espécie de barreira, de cortina de silêncio em certos ambientes da universidade brasileira, e isso o machucava.

***IHU On-Line - E por que esse silêncio?***

**Marcelo Aquino** - São preconceitos de certa academia de não querer dar espaço para um pensamento, ou para um pensador de inspiração cristã. Nisso Vaz se sentia alijado do reconhecimento que ele merecia, com toda justiça. Creio que Vaz foi uma peça importante na construção do programa de pós-graduação em Filosofia da UFMG. Trabalhou duramente para que a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG tivesse seu mestrado e seu doutorado em Filosofia. Pronunciou a aula inaugural do doutorado em Filosofia dessa universidade. Várias pessoas vinham discutir com ele mas, muitas vezes, em público, essas pessoas não reconheciam que tinham sofrido essa

ou aquela influência no seu pensamento. Ele foi muito marcado por uma discussão estéril ocorrida no Rio de Janeiro na década de 1980, quando foi acusado de marxista. Isso tudo foi uma experiência penosa, mas no final da vida, sim, obteve um reconhecimento de pensadores das mais diferentes escolas filosóficas.

***IHU On-Line - Também dos movimentos sociais?***

**Marcelo Aquino** - Sim, também. O engajamento mais direto político do Padre Vaz foi mais na década de 1960. Uma coisa que fala bastante sobre sua grandeza ética é que ele nunca desautorizou nenhum de seus antigos alunos. Ele sempre foi fiel às amizades e nunca se retratou das posições em que ele teria assumido protagonismo de vanguarda no pensamento social. Antigos alunos, que hoje são pessoas com seus 60 anos, sempre foram reconhecedores de maneira muito carinhosa a fidelidade que Padre Vaz prestou a eles nos momentos mais obscuros do regime militar.

***IHU On-Line - O que significava para o Padre Vaz ser jesuíta e quem era para a Companhia de Jesus o Pe. Vaz?***

**Marcelo Aquino** - Padre Vaz recebeu a formação da Companhia de Jesus, nucleada em torno da pessoa de Jesus Cristo. Ele foi profundamente marcado pelos Exercícios Espirituais de Santo Inácio, pelo espírito do *magis* inaciano e depois também por sólida formação intelectual. A Companhia de Jesus, naqueles anos, tinha uma consciência viva de que era um corpo de elite no pensamento católico. Isso não podemos esquecer. Padre Vaz foi contemporâneo de Padre Machado, jesuíta do Nordeste e um grande matemático que tinha grande formação enciclopédica, assim como o Padre Paulo Menezes<sup>83</sup>. A Companhia de

<sup>83</sup> **Paulo Menezes:** tradutor de Hegel no Brasil. Citamos, entre outros, o livro HEGEL, G. W. F.

Jesus, naquele momento, tinha a convicção necessária de formadora de quadros de elite para o pensamento cristão e conseguia que alguns jesuítas tivessem uma abrangência intelectual enorme, pessoas que transitavam da antropologia cultural para a filosofia, da teologia para a ética, da ética para a física. Pessoas realmente enciclopédicas. Esse perfil hoje já não é mais possível. Vaz, também, tinha uma consciência de nacionalidade muito forte, tinha orgulho de ser brasileiro, dominava a literatura brasileira com maestria. Pouca gente sabe o quanto da literatura brasileira era dominada pelo Padre Vaz. Seu conhecimento de história também era impressionante. Então isso fez um caldo de vida intelectual muito intensa que nutria a leitura de Padre Vaz sobre o tempo presente. Só que o Padre Vaz, com todo esse caldo cultural, conseguia talvez se antecipar a movimentos de longo alcance da civilização humana e, com isso, causava desconforto a grupos ou a pessoas que faziam análises excessivamente pontuais da cultura brasileira, ou humana. Padre Vaz desalojava a nossa reflexão de certezas fáceis.

***IHU On-Line - A visão do Pe. Vaz sobre nosso tempo, sua definição de "crise civilizacional" é extremamente atual para entender a contemporaneidade...***

**Marcelo Aquino** - Sim, certamente. Acho que o pensamento do Padre Vaz, a partir dos finais da década de 1980, começou a detectar a crise de civilização na qual nós estamos entrando. Nesse momento, grupos começaram a achar que ele havia se tornado reacionário, e não percebiam que ele fazia uma crítica muito sofisticada da modernidade. Ele olhava num horizonte que se descortinava tão longe

---

*Fenomenologia do espírito.* Petrópolis: Vozes, 1992. ( Nota da *IHU On-Line*)

que ofuscava a linha do horizonte de leitores sem o empuxo filosófico do Padre Vaz. Agora, creio que a realidade está dando razão a ele. Todo aquele otimismo revolucionário, um pouco ingênuo da década de 1960, 1970 e 1980, hoje não encontra mais espaço. Estamos num tempo de refluxo civilizacional, num tempo quase de balanço crítico do otimismo do período imediatamente pós Segunda Guerra Mundial.

***IHU On-Line - A Unisinos é uma universidade jesuíta. A Companhia de Jesus nasceu numa universidade, a Sorbonne. Como podemos relacionar o pensamento do Padre Vaz e as metas a que nossa universidade se propõe? O que podemos aprender com o filósofo jesuíta?***

**Marcelo Aquino** - Padre Vaz nos instiga a colocar novas questões. Penso que uma das tarefas da universidade é se colocar questões novas. Nossas respostas vão envelhecendo. As questões decisivas da humanidade são eternas. Como dar conta de uma tradição de oito séculos que a universidade tem, ao mesmo tempo em que nós vemos essa inflexão que a revolução tecnocientífica vem ocasionando? Creio que, no futuro, alguém ou algum grupo será capaz de fazer a crítica da economia política da ciência. Acho que, quando alguém tiver feito isso, poderemos estar num patamar que nos permitirá fazer um balanço e a reinventar as razões do nosso viver em comum. Penso que a universidade nos ajuda a dar razões do viver em comum e nós temos que reinventar o viver em comum.

## Por uma retomada da economia política

Entrevista com Leda Maria Paulani

Embora o governo de Lula não possua um modelo de desenvolvimento e tenha um crescimento econômico na casa dos 4%, é muito provável que Lula se reeleja.

Segundo Leda Maria Paulani, professora associada do Departamento de Economia da FEA-USP e da Pós-Graduação em Economia do IPE-USP, Lula faz uma política de renda compensatória que faz a diferença nas classes mais populares.

Leda é presidente da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP) e autora de *A Nova Contabilidade Social*. São Paulo: Saraiva, 2000 e *Modernidade e Discurso Econômico*. São Paulo: Boitempo, 2005. Leda também é doutora em Teoria Econômica pelo Instituto de Pesquisas Econômicas, IPE-USP, com a tese intitulada *Do Conceito de Dinheiro e do Dinheiro como Conceito*, 1992.

A Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Leda Maria Paulani esteve na Unisinos dia 23 de junho de 2005, convidada pelo IHU, participando do I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia. Na ocasião, a professora abordou o tema *A utopia de um novo paradigma para a economia*, com base em Karl Marx. Sobre o tema de sua explanação, Leda Paulani concedeu uma entrevista na 146ª edição da *IHU On-Line*, de 20 de junho de 2005. O tema também originou a publicação do *Caderno IHU Idéias* número 41, de 2005, intitulado *A (anti) filosofia de Karl Marx*.

A entrevista a seguir foi concedida por telefone.

### ***IHU On-Line* - Quais as relações que existem entre modernidade e discurso econômico?**

**Leda Maria Paulani** - Primeiro precisamos entender o que chamamos de modernidade. Modernidade é o nome que se dá ao tipo de sociedade na qual vivemos hoje. Uma sociedade bastante dinâmica tecnologicamente e organizada pelo mercado. Este tipo de sociedade nasceu no Ocidente lá pelos

séculos XV e XVI e revolucionou toda a forma de vida das pessoas na Europa. Isso é o que chamamos de modernidade. Modernidade não porque seja contemporânea, porque neste sentido todas as sociedades seriam modernas. Dá-se o nome de modernidade porque esta sociedade é constituída por um ímpeto permanente de transformação. E o discurso econômico tem a ver com o surgimento

da ciência econômica. Considera-se o nascimento da ciência econômica a partir da publicação do livro de Adam Smith<sup>84</sup> em 1776, *A riqueza das nações*. Este tipo de discurso, que não existia e que nasce nesta nova sociedade, tem uma série de características e contradições que vai enfrentando ao longo do tempo. No meu livro, *Modernidade e Discurso Econômico* procuro fazer esta trajetória, mostrando a relação entre esses dois termos por meio de alguns autores que escolho. Esses autores são fundamentais para a constituição da ciência econômica tal qual a conhecemos hoje.

#### **IHU On-Line - Como caracterizaria o modelo de desenvolvimento que o Brasil está seguindo?**

**Leda Maria Paulani** - Eu não chamaria de modelo de desenvolvimento, simplesmente porque há um mínimo desenvolvimento. No entanto, digamos assim, o modelo de gestão do Estado e o modelo de gestão da economia, no sentido de política econômica, é um modelo neoliberal. É uma gestão neoliberal do Estado e uma condução neoliberal da política econômica. Eu não consigo chamar isso

---

<sup>84</sup> **Adam Smith** (1723-1790): considerado o fundador da ciência econômica. *A Riqueza das Nações*, sua obra principal, de 1776, lançou as bases para um novo entendimento do mecanismo econômico da sociedade, quebrando paradigmas com a proposição de um sistema liberal, ao invés do mercantilismo até então vigente. Outra faceta de destaque no pensamento de Smith é sua percepção das sofríveis condições de trabalho e alienação às quais os trabalhadores encontravam-se submetidos com o advento da Revolução Industrial. O Instituto Humanitas Unisinos promoveu em 2005 o **I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**. No segundo encontro deste evento, a professora Ana Maria Bianchi, da USP, proferiu a conferência *A atualidade do pensamento de Adam Smith*. Sobre o tema, concedeu uma entrevista à *IHU On-Line* número 133, de 21 de março de 2005. (Nota da *IHU On-Line*)

de modelo de desenvolvimento, porque desenvolvimento seria outra coisa.

#### **Conceito de desenvolvimento**

Seria, no mínimo, recuperar a trajetória de crescimento do País, que o Brasil apresentou entre 1930 e 1980. O Brasil foi nesta época o país que mais cresceu no mundo, ao longo de 50 anos, com exceção, por um período, do Japão. O professor Reinaldo Gonçalves<sup>85</sup> da UFRJ tem dados que mostram isso. O Brasil tem uma vocação para o crescimento e só saiu fora dessa trilha por escolhas de políticas econômicas que foram sendo feitas. Lógico, tivemos crises nos anos 1980, mas já era tempo de retomar um outro caminho. Lula foi eleito, dentre outros motivos, para mudar esse modelo de gestão do Estado e de condução da política econômica. Entretanto, ele não fez isso.

#### **IHU On-Line - A senhora concorda que o Presidente Lula tem um modelo de gestão orientado ao consumo das classes mais populares?**

**Leda Maria Paulani** - Digamos que o governo Lula se acomodou em um modelo de gestão do Estado e de condução da política econômica que faz o seguinte: o País cresce mediocrementemente, não passa de 4%, o que é ridículo porque a média histórica do País foi de 6,6% de crescimento, teve anos que chegou a 11%, 12%, mas enfim cresce mediocrementemente, concentra a renda. Os dados que dizem ter a distribuição de renda melhorado são enganosos, porque não é possível não concentrar a renda, pagando anos a fio de 7%, 8% do PIB de juros. Então,

---

<sup>85</sup> Reinaldo Gonçalves é economista, professor da UFRJ, doutor em Economia pela University of Reading, diretor da Sociedade Brasileira de Economia Política e da Associação Nacional de Cursos de Graduação em Economia. Reinaldo concedeu entrevista à *IHU On-Line* na edição 176 do dia 17 de abril de 2006. (Nota da *IHU On-Line*)

diante desses fatores, nos perguntamos por que o povo vai votar nele? Porque ele faz uma política de renda compensatória que custa barato ao Estado e faz diferença para as classes mais populares. A questão é a seguinte: isso não leva a lugar nenhum. Só se podem dar perspectivas para essas populações se houver um projeto de desenvolvimento. O governo Lula se viu confrontado, ou seguiria o projeto que caracterizou a postura do PT ao longo de um bom período, que seria transformar essas políticas todas, ou se acomodaria? Preferiu se acomodar. Com isso colocaria menos em risco o poder que finalmente conseguiu. Deu certo, de uma certa forma, visto que houve uma coincidência de um período muito bom no plano das finanças e do comércio internacional. A política de renda compensatória faz o papel de amortecer os contrastes, porém sem resolver problemas e dar perspectivas, e pior que isso: transformando toda essa enorme população em clientes do Estado.

**IHU On-Line - Como a senhora avalia a política externa do governo Lula, principalmente sua relação com a América Latina?**

**Leda Maria Paulani** - A política externa do governo Lula é uma expressão da contradição que permeia esse governo. É muito claro que o governo fez a opção por uma política conservadora, e isso está expresso na forma como Lula conduziu o Ministério da Fazenda e o Banco Central, basicamente. É um enorme choque entre o que o PT pregou ao longo de 20 anos e o que, efetivamente, foi feito quando assumiu a Presidência. O embaixador Samuel Pinheiro Guimarães Neto é um sujeito conhecido justamente por ter sido um crítico feroz da política do governo Fernando Henrique Cardoso e o Samuel continuou num posto chave dentro da

política externa do governo Lula, então ficou esta política absolutamente contraditória. De um lado, o governo tenta unir os subdesenvolvidos no sentido de enfrentar o poderio que vem dos países desenvolvidos, particularmente dos EUA, mas, de outro lado, o governo faz uma política econômica favorável aos interesses desses países.

**América Latina**

Eu estive na Venezuela na época do Fórum Social, em janeiro e percebi que, para Hugo Chávez, é fundamental que a população daquele país pense que o governo Lula é um governo transformador, porque estrategicamente é importante manter essa aparente onda de esquerda. Pessoas que eram impensáveis na Presidência da República, estão assumindo o poder: Evo Morales, Lula, Michelle Bachelet.. No seu imaginário mais raso, a população associa todos, como se jogassem no mesmo time. Para Chávez é fundamental, porque ele está, e não precisamos entrar em consideração se é correto ou não, afrontando claramente o governo do George Bush. Então Chávez não pode passar a imagem de que ele está sozinho na América Latina fazendo isso. De fato, a relação do Brasil com a Venezuela foi muito complicada. Os governos não se apoiaram muitas vezes, mas têm que aparentar uma relação tranqüila. Muita gente diz que o governo Lula não pode ser caracterizado como conservador, porque na política externa está fazendo o que o FHC já deveria ter feito, que é colocar o País como um líder e juntar as forças da América Latina para confrontar os interesses dos países desenvolvidos. Eu não acho que o Brasil fez isso.

**IHU On-Line - A reflexão sobre a atualidade da economia política começa por onde?**

**Leda Maria Paulani** – Economia política foi o nome que a ciência econômica teve quando nasceu. A economia perde este adjetivo de “política” no final do século XIX, particularmente, com a publicação do livro do Alfred Marshall<sup>86</sup> em 1890, *Princípios de Economia*. A perda deste adjetivo “política” que caracterizava a economia está relacionada com uma grande transformação pela qual passa a ciência econômica. As classes sociais, por exemplo, deixam de existir como variáveis para o novo paradigma que nasce.

### **SEP - Sociedade Brasileira de Economia Política**

Nós, no Brasil, quando criamos esta Sociedade Brasileira de Economia Política, a SEP, em 1996, fizemos isso, porque percebemos uma investida muito forte do pensamento ortodoxo na economia da academia, de modo que o espaço para reflexão e pensamento crítico estava ficando restringido. Então criamos um espaço alternativo que é a SEP. Todo o ano, no feriado de *Corpus Christi*, fazemos um grande encontro para discutir alternativas e novos padrões. Este último, que foi em Vitória, entre os dias 13 e 16 de junho de 2006, teve a participação de mais 500 pessoas. É um encontro com o objetivo de oportunizar a apresentação de trabalhos, todos tendo como ponto comum a crítica ao pensamento convencional. Estamos fazendo análises sem esquecer que a economia não pode ser pensada de modo puro. A SEP tem 10 anos e foi uma iniciativa vista de modo jocoso por outras pessoas. Junto

---

<sup>86</sup> Alfred Marshall (1842 - 1924) nasceu em Londres, Inglaterra, e tornou-se um dos mais influentes economistas de seu tempo. Seu livro, *Princípios de Economia* (*Principles of Economics*), procurou reunir num todo coerente as teorias da oferta e da demanda, da utilidade marginal e dos custos de produção, tornando-se o manual de economia mais adotado na Inglaterra por um longo período. (Nota da *IHU On-Line*)

com economistas de esquerda da Argentina e do Uruguai e outras pessoas que querem mudar, fundamos, em outubro de 2005, a Sociedade Latino-Americana de Economia Política e Pensamento Crítico.

Então se alguém me pergunta por onde deve começar a reflexão sobre a atualidade da economia política, eu diria que o ponto básico de tudo é que não dá para pensar a economia como uma ciência que se basta a si mesma. Só conseguimos entender a natureza efetiva dos fenômenos econômicos e apontar saídas e perspectivas se entendermos a natureza das variáveis que estão por trás deste fenômeno.

### **IHU On-Line - O que pode acontecer nas próximas eleições?**

**Leda Maria Paulani** – Parece evidente que Lula vai se reeleger e acho que no primeiro turno, a não ser que apareça algo imprevisível. Até porque o candidato de oposição, o Geraldo Alckmim, é muito ruim. Ele não tem apelo popular. A Heloisa Helena do PSOL tem todo o meu apoio e vou votar nela, mas sei que as chances dela são pequenas.

# **Destaques da Semana**

<b>Teologia Pública</b>	<b>pg. 49</b>
<b>Entrevistas da Semana</b>	<b>pg. 53</b>
<b>Frases da Semana</b>	<b>pg. 67</b>
<b>Destaques On-Line</b>	<b>pg. 68</b>



## O diálogo entre as religiões

Por Carlo Maria Martini

O cardeal jesuíta Carlo Maria Martini, 79 anos, é o autor do artigo que segue. O texto foi retirado da *lectio* sobre o tema *Filosofia e Diálogo*, dada pelo cardeal por ocasião da láurea *honoris causa* em filosofia, recebida pela Hebrew University de Jerusalém. O colóquio entre o Cardeal Carlo Maria Martini e o cientista Ignazio Marino sobre os temas da vida, publicado nas páginas da revista italiana *Espresso*, suscitou um eco amplíssimo em todos os meios de comunicação, junto a um coro de consensos, dissensos e distinções. A íntegra da entrevista, em português, foi publicada nas *Notícias Diárias* da página do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), do dia 29-4-06. Em 6-6-06 é possível conferir a entrevista *Nas fronteiras da vida. Cardeal Martini responde às críticas*, também no sítio do IHU.

Martini é especialista em Sagradas Escrituras, foi bispo de Milão de 1979 a 2002 e atualmente vive em Jerusalém, onde retomou os seus estudos bíblicos.

Confesso abertamente que os primeiros anos de estudos filosóficos foram para mim muito difíceis, e ousarei dizer, maçantes. Devo admitir que eu não amava muito esta matéria, embora não me faltasse tempo para dedicar-me a uma formação filosófica completa. Como jesuíta, era obrigado a estudar filosofia teórica por três anos, segundo os métodos em uso naqueles tempos, pelo menos na Itália, na Companhia de Jesus, que seguia rigorosamente a tradição neo-escolástica. Estudava-se lógica formal, epistemologia, metafísica, cosmologia, psicologia filosófica, ética e a assim chamada doutrina teológica natural, chamada teodicéia. Como eu disse, porém, não me agradava muito esta matéria. Indubitavelmente, como os nossos professores não se cansavam de repetir, era um estudo utilíssimo para formar a mente, a clareza e a perspicácia do pensamento, mas a mim

ele parecia, em geral, demasiado abstrato e afastado da realidade. Não acreditava poder encontrar nele uma ajuda real para enfrentar o mundo contemporâneo. Depois daqueles três anos, comecei a dedicar-me ao estudo das sagradas escrituras. Aprendi o hebraico, o aramaico, o grego e outras línguas, e comecei a ler e a tentar interpretar os livros da Bíblia, com a ajuda dos instrumentos críticos e segundo o assim chamado método histórico-científico.

### Linguagem, bíblia e mundo moderno

Não demorei a dar-me conta que a linguagem da bíblia era um tanto diversa das formas de expressão do mundo moderno e comecei a questionar-me se a linguagem bíblica se poria em relação com estas outras

linguagens faladas na vida cotidiana, no mercado, no ônibus ou no trem; ou com a linguagem do amor humano, do trabalho humano – sobretudo no mundo rural – ou com aquela usada para transmitir às novas gerações as simples regras que nos permitem entrar em relação com nosso próximo, e a sobreviver às competições cotidianas da vida. Obviamente, a linguagem da bíblia tem muitas analogias com estes modos contemporâneos de se expressar, talvez com a exceção da linguagem ética e moral, que nas escrituras é, em ampla escala mais absoluta e empenhativa.

O problema é advertido mais agudamente, quando procuramos compreender de que modo a linguagem bíblica se relaciona com as diversas formas da linguagem científica: aquelas da matemática, da geometria, da física moderna, da biologia, da astrofísica, da mecânica quântica, e assim por diante.

Encontrei-me, assim, em confronto com diversos problemas de linguagem, porém inter-relacionados entre si. Gostaria de elencar alguns: 1. De que modo a linguagem da vida cotidiana (a que se usa na rua, no mercado ou em família) se relaciona com as linguagens das diversas áreas científicas? 2. Existe uma linguagem específica, que sirva para exprimir a profundidade da alma e as grandes questões existenciais da vida? E, se existe como linguagem em si, em que relação se põe com os outros tipos de linguagem, de modo a permitir uma compreensão recíproca? 3. A linguagem que encontramos na bíblia é uma linguagem especial e separada, ou antes, uma variante dos outros tipos de linguagem? Todas estas perguntas conduzem a um problema muito prático: existe a possibilidade efetiva de diálogo entre religiões e culturas, ou também entre as religiões e os filósofos de diversas orientações? (...)

Estando, assim, as coisas, as diferenças de linguagem entre as várias ciências não dependem, em primeiro lugar, de um modo diverso de raciocinar, porém antes, da diversidade dos dados. Devia, então, ser possível comparar as linguagens, não tanto por meio do seu conteúdo, mas, prestando atenção ao modo pelo qual chegam a determinadas conclusões. A leitura de alguns livros recentes de análise filosófica levou-me a ver neste processo um exemplo do método geral mediante o qual se acede à consciência. A verdade sobre um determinado objeto não está simplesmente em tentar ver “aquilo que existe para se ver”, mas é o resultado de um processo cujas etapas são quase sempre as mesmas, e que permite um juízo somente no fim do próprio processo. Isso, num certo sentido, é verdade também para a linguagem ordinária da vida cotidiana, mas, com a diferença de que a linguagem comum – a que se usa na rua ou no mercado – define as coisas como são percebidas pelos sentidos e como se põem em relação conosco: enquanto a linguagem científica procura descrevê-las em suas relações recíprocas.

Uma vez compreendido isso, não existe um abismo intransponível que impeça passar de uma linguagem à outra – e nenhuma linguagem está autorizada a desprezar uma outra, mas deve reconhecer a intenção e o modo de ponderar as coisas. Assim o diálogo entre as linguagens se torna possível.

A vantagem desta visão está na possibilidade de apreciar todas as linguagens, avaliando suas características e peculiaridades. A este ponto, pode-se compreender por que as pessoas se exprimem de modos diversos – ou antes, de modos aparentemente diversos – tocando, no entanto, substancialmente a mesma realidade, embora o façam em diferentes níveis. A bíblia, com efeito,

se expressa costumeiramente numa linguagem comum, com amplo uso de símbolos, de provérbios, de parábolas, de exemplos e de histórias, e, às vezes, também de paradoxos ou expressões provocatórias. E, desse modo, tenta exprimir os fatos e os valores no modo como são percebidos pela nossa sensibilidade e emotividade. Do seu lado, a linguagem científica procura descrever as coisas nas suas relações recíprocas e objetivas, prescindindo (na medida do possível) da personalidade do observador. Uma vez compreendida esta diferença, não há mais motivo de escandalizar-se da linguagem simples da escritura, que, embora tendo fins e objetivos diversos daqueles de uma afirmação científica, tem a sua verdade, a sua dignidade e o seu intento.

### O encontro com a pessoa

Gostaria, aqui, de aludir a um outro problema, estreitamente ligado ao nosso modo de ver, e que lança uma nova luz, sobretudo sobre o diálogo entre religiões e crenças. Falamos até agora do conhecimento da realidade e dos fatos. O que acontece, se a nossa compreensão é confrontada, não com simples fatos, porém com a realidade da pessoa, do outro que está diante de mim? Nesse caso, não é só questão de conhecer os fatos, mas de compreender as pessoas. A linguagem não serve, então, somente para descrever os dados, e sim deve exprimir o encontro com uma pessoa e com o seu mistério. A linguagem dos fatos já não basta mais. Temos também necessidade daquilo que chamamos de a linguagem do coração, da simpatia, do amor... E esta linguagem tem uma lei própria, especial.

Neste ponto, citamos as palavras de um filósofo moderno, Bernard Lonergan<sup>87</sup>, que afirma: “Um tempo, se

<sup>87</sup> Bernard Lonergan (1904-1984): teólogo jesuíta canadense, provavelmente o pensador mais

dizia: *Nihil amatum, nisi precognitum*. O conhecimento precede o amor... Há, no entanto, uma pequena exceção a esta regra, quando as pessoas se enamoram, e este enamorar-se é desproporcional com respeito às suas causas, às suas condições e ocasiões, aos seus precedentes, porque enamorar-se é um novo início, um exercício de liberdade vertical, no qual o mundo de cada um de nós experimenta uma nova organização”. E isso é particularmente verdade no caso daquele conhecimento especial que é o encontro com o mistério mais profundo da vida, com aquilo que, para Tillich<sup>88</sup>, é *the ultimate concern* (a última preocupação), e que muitos de nós chamamos “o mistério de Deus”. Como diz, a seguir, Bernard Lonergan, “a maior exceção ao conceito expresso na citação latina é o dom do amor de Deus que se derrama nos nossos corações. Estamos, então, no estado dinâmico do enamoramento” (LONERGAN, Bernard. *Method in Theology*. New York: The Seabury Press, 1972, p. 122). Neste misterioso

---

significativo do século XX, pela ampliação dos domínios investigados, pelos resultados obtidos no campo da teologia, filosofia (teoria do conhecimento e metodologias de vários domínios do conhecimento) e da teoria geral da economia. Entrou para a Companhia de Jesus em 9 julho de 1922. Estudou filosofia escolástica no Colégio de Heythrop, na Inglaterra, e teologia na Universidade Gregoriana de Roma, onde obteve o doutoramento em 1940. Na mesma Universidade, lecionou Teologia Dogmática. A partir de 1965, por causa de uma grave operação cirúrgica, deixou de ensinar em Roma e permaneceu no Boston College, em Massachussets, até 1983, publicando, além de outros escritos, o *Método na Teologia*, em 1972, e dando cursos curtos nos Estados Unidos e no Canadá. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>88</sup> Paul Tillich (1886-1965): teólogo alemão, que viveu quase toda a sua vida nos EUA. Foi um dos maiores teólogos protestantes do século XX. É autor de uma importante obra. Entre os livros traduzidos em português, podem ser consultados *Coragem de Ser*. 6. ed. Editora Paz e Terra, 2001 e *Amor, Poder e Justiça*. Editora Cristã Novo Século, 2004. (Nota da *IHU On-Line*)

movimento do coração, “está a capacidade moral do transcender a si mesmos para um cumprimento, uma plenitude que conduz a uma íntima alegria, a uma paz profunda. O nosso amor nos revela valores que antes não havíamos apreciado: valores como a oração, a adoração, o arrependimento e a fé”.

Existem duas vias para o conhecimento humano: aquela ordinária, para compreender os fatos, que começa pelos dados, suscita uma hipótese para dar-lhe uma explicação, elabora as condições para a convalidação ou a refutação daqueles dados, sopesa as provas favoráveis ou contrárias à hipótese, e chega, enfim, a uma conclusão certa ou provável (que continua, obviamente, aberta à revisão e ao repensamento diante de novos dados). Uma segunda via é aquela do encontro com o mistério da pessoa humana, que ainda inclui os impulsos aos dados, mas procura compreender o outro numa atmosfera de simpatia (ou de antipatia) e de amor (ou de ódio).

### **O diálogo entre pessoas, culturas e religiões**

Numa, como na outra, podem discernir-se os traços gerais de um ato cognitivo, com o fim de poder comparar as linguagens e os modos de compreensão. Isso é possível também no caso de um conhecimento humano muito particular: aquele que nasce do encontro com o supremo mistério da vida, com aquele *ultimate concern* que chamamos a realidade de Deus. Nesse caso, nós sentimos de maneira particular que não poderemos experimentar e exprimir o amor, se não fôssemos amados do alto. Eu penso que este dom do amor, que de algum modo precede a cognição, seja oferecido a todos e que será de ajuda às pessoas pertencentes às diversas religiões, para chegar a uma compreensão comum

das respectivas linguagens. Era isso que pretendia, creio, o Concílio Vaticano II<sup>89</sup>, quando afirmava, em 1965, que, nesta nossa era, na qual os homens se avizinham sempre mais entre si e reforçam-se os elos de amizade entre os povos, a Igreja examina com maior cuidado a sua relação com as religiões não-cristãs. Na constante consciência do seu dever de promover a unidade e a paridade entre os indivíduos e entre as nações, ela leva adiante até ao extremo a sua reflexão sobre quanto os homens têm em comum, e é sobre isso que ajuda a promover os elos de amizade entre eles (*Unitatis Redintegratio*<sup>90</sup>).

Aqui, como vedes, estou adentrando num argumento novo e muito importante, um tema que será

---

<sup>89</sup> **Concílio Vaticano II:** Convocado no dia 11 de outubro de 1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8 de dezembro de 1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa dita em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano. O IHU promoveu, de 11 de agosto a 11 de novembro de 2005, o **Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II - marcos, trajetórias e perspectivas**. Confira, também, a edição 157 da *IHU On-Line*, de 26 de setembro de 2005, intitulada *Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? Gaudium et Spes: 40 anos*, disponível para *download* na página eletrônica do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>90</sup> **Unitatis Redintegratio:** decreto do Concílio Vaticano II sobre o Ecumenismo. O documento foi apresentado e debatido no **Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II - marcos, trajetórias e perspectivas** pelos professores Aldino Segala, doutor em História Latino-americana e professor das Ciências Humanas da Unisinos, e Walter Altman, presidente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana (IECLB), doutor em Teologia Sistemática. (Nota da *IHU On-Line*)

melhor deixar para uma outra ocasião. Gostaria, no entanto, de expressar uma certeza: o diálogo é possível, tanto entre as linguagens, quanto entre as culturas e as religiões. Será, então, mais fácil para todos entender-se reciprocamente e compreender as tradições espirituais alheias. Nos momentos, nos quais uma linguagem chega àquela profundidade que chamamos de interioridade e prece, chega a atingir significados e valores até mais profundos, aos quais aqui só posso acenar. Gostaria de

sublinhar que, aquele da interioridade e da prece é o lugar no qual nos encontramos todos os sinceros pesquisadores da verdade e da justiça, em que é realmente possível superar as diversidades das linguagens. Somente avançando por esta via, podem encontrar-se as profundas motivações daquela compreensão, daquela confiança recíproca, da qual sentimos a grande importância na nossa atual situação.

## Entrevistas da semana

# No futuro o consumo será mais emocional do que racional

**Entrevista com Rolf Jensen**

”As empresas terão que agregar seus valores e sua história aos produtos se quiserem fisgar o coração do cliente”. A afirmação é do dinamarquês Rolf Jensen, guru de gigantes como Nestlé e P&G, em entrevista a revista *IstoÉ Dinheiro*, desta semana. Na entrevista o consultor fala de como deverão ser as empresas em 2030. A entrevista está publicada nas *Notícias Diárias* de 20-06-06 no sítio do IHU,

[www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). Eis a íntegra do material:

**Em um de seus livros, o senhor faz uma "viagem" a 2030. Como serão as empresas e os profissionais daqui a 24 anos?**

**Rolf Jensen** - Terão, de saída, um novo organograma. Esqueça o que existe hoje. Hierarquia vai contar, é claro, mas será algo muito menos importante do que é hoje. O que valerá é a capacidade de criação, o entusiasmo. São valores que compõem o que chamo de reator vibrante de uma empresa. Imagine um

círculo com várias camadas internas. No núcleo, existem as pessoas entusiasmadas com a companhia, com seus valores e seus produtos. À medida que se vai distanciando do núcleo, poderemos ver os funcionários que apenas cumprem ordens e, quase saindo do círculo, aqueles que estão lá apenas pelo dinheiro. Nem é preciso dizer que a empresa de sucesso no futuro será a que tiver a maior quantidade de funcionários no núcleo

do círculo. Um bom exemplo é a seleção brasileira de futebol. Você deve ter 100 pessoas envolvidas nos interesses do time, contando jogadores, dirigentes, funcionários. Todos trabalhando por um objetivo maior: a conquista de um campeonato. Vocês já ganharam várias Copas. Ou seja, o núcleo da seleção brasileira deveria ser o sonho de qualquer empresa.

### **O que pega no coração é o design**

**Os profissionais de comunicação teriam um grande papel dentro das empresas no futuro? Maior até do que o do gerente industrial ou do diretor financeiro?**

**Rolf Jensen** - Eu prefiro dizer que o profissional criativo terá mais espaço. Pegue uma empresa de telefonia celular. Quinze anos atrás, o CEO falava primeiro com o engenheiro. Agora ele está envolvido com a turma do *design*. Sabe por quê? Tecnologia, nessa área, virou *commodity*, todo mundo tem igual. O que pega no coração é o design. É claro que nas companhias do futuro as habilidades tradicionais serão necessárias. Mas a criatividade será o diferencial.

**Em suas palestras, você sugere a troca do CEO (Chief Executive Officer) pelo CIO (Chief Imagination Officer)...**

**Rolf Jensen** - Não haverá a substituição. O CEO terá que existir, mas deverá estar cercado de CIOs, de homens suficientemente preparados e criativos para transformar a empresa. Mas o CEO terá que entender muito bem dos dois assuntos: coração e mente.

**O que são Amaprofs?**

**Rolf Jensen** - É a mistura de amadores com profissionais. Você deve ter o coração caloroso do amador com o

sangue frio dos profissionais. Esse será o executivo do futuro.

**As empresas vão ter que apelar ao coração dos consumidores, não mais ao cérebro**

**O que é a Dream Company ou Companhia dos Sonhos?**

**Rolf Jensen** - É uma empresa dinamarquesa pequena que ajuda outras empresas a entrar numa nova economia, que eu chamo de sociedade dos sonhos e outros especialistas definem como economia de experiência. Sou eu e mais dois ajudantes na Dream Company. Fazemos apresentações, seminários e prestamos consultorias.

**Explique a Sociedade dos Sonhos ou a Economia da Experiência.**

**Rolf Jensen** - Nesta sociedade, a força motriz de uma empresa será sua capacidade de contar histórias, de agregar seus valores internos ao seu produto e mostrar ao consumidor ou cliente que por trás daquele bem que ele está adquirindo existe uma fantástica experiência humana ou empresarial. Num futuro breve, a compra de um produto será bem mais emocional do que racional. E as empresas vão ter que apelar ao coração dos consumidores, não mais ao cérebro.

**Por que os produtos terão um apelo mais emocional?**

**Rolf Jensen** - A razão é o crescimento do PIB. As pessoas no Brasil, na China ou na Dinamarca estão ficando de 20% a 30% mais ricas a cada década. Isto quer dizer que gradualmente você terá dinheiro para pagar coisas a mais do que simplesmente "comprar" funções. Explico: hoje, se você precisa de um relógio, talvez pague 250 reais em produto que obviamente vai te dar a hora de forma precisa. Todos dão. Então, sua necessidade estará atendida.

Mas e seus anseios? Haverá a vontade de comprar um Rolex, porque queremos enviar um sinal: eu sou assim, rico, jogo golfe... E essa empresa tem uma tradição fantástica, tem qualidade e me dá essa sensação de bem-estar ter no pulso um produto dela. Mesmo uma água. Você pode, em países desenvolvidos, abrir a torneira de casa e beber água. Mas quer comprar uma Pelegrino. Por quê? Porque a Pelegrino tem um viés emocional.

**Genial! Os funcionários que entrarem na empresa, de agora em diante, terão de pular de *bungee jumping***

**O senhor fala de marcas que são conhecidas e já têm uma história. Como se deve fazer para criar história em uma marca relativamente nova?**

**Rolf Jensen** - Se for uma grande cervejaria, global, com vários acionistas, produzindo em massa, terá necessariamente que fazer muita propaganda. O apelo emocional pode ser pequeno ou talvez já tenha se perdido no tempo. Mas imagine uma microcervejaria. Nela, é possível tentar contar uma boa história. O dono pode ser um ex-funcionário de uma grande cervejaria que um dia abandonou o conforto de um emprego estável para tentar sua própria sorte numa fabricação artesanal da bebida. Nesse caso, a origem do negócio já é interessante. Além disso, ele treina pessoalmente seus funcionários, tem um cuidado especial com todos eles, ajuda a comunidade... enfim, ele tem algo a contar. E as pessoas vão saber disso.

**E a empresa que não tiver nada para contar?**

**Rolf Jensen** - Deve se esforçar para criar sua história. Mas tem que ser real. Eu visitei uma empresa de

contabilidade européia e perguntei aos donos: emocionalmente, o que você entrega aos clientes? Eles me responderam "confiança". Eu disse que isso era importante. Mas será que o cliente tinha mesmo essa noção de confiança? Será que os próprios funcionários sabiam como vender essa confiança? Sugeri a eles que convidassem os funcionários a pular de *bungee jumping*, a confiar naquela corda e naquele guindaste. O diretor disse: "Genial! Os funcionários que entrarem na empresa, de agora em diante, terão de pular de *bungee jumping*. Não há símbolo maior de confiança". E o melhor de tudo é que a empresa contou isso aos clientes. Passou a ser vista como uma companhia criativa, disposta a mostrar seus valores à sociedade. O resultado? Aumento na receita.

**O meio para fazer chegar essa informação ao consumidor, então, é uma aproximação mais pessoal, no boca a boca?**

**Rolf Jensen** - É mais pessoal. A história real tem que ser contada de funcionário para funcionário, de funcionário para cliente, de cliente para consumidor. É aí, sem propaganda alguma, que o emocional funciona. Você passa a adquirir o produto desta ou daquela empresa porque a conheceu um pouco mais, foi além da imagem que ela passa na televisão ou na prateleira. Estive na Bahia há pouco tempo e comprei uma fita do Senhor do Bonfim. Quando voltar à Dinamarca, meus amigos me perguntarão o que é isso que tenho amarrado no pulso. Direi que é uma fita vendida por mulheres bonitas, vestidas com belíssimas roupas tradicionais da Bahia e que é um símbolo da fé do brasileiro. Basta fazer um pedido, amarrar a fita e, quando ele for atendido, a fita cairá. É uma excelente história que vou levar a uma centena de pessoas, que quando vierem ao Brasil

provavelmente irão atrás dessa fita. Funciona assim.

#### **A tendência: personalizar o produto**

#### **Há outros exemplos de propagação do valor emocional de um produto ou empresa?**

**Rolf Jensen** - Nos EUA, a Procter&Gamble recruta adolescentes e donas-de-casa via internet, por meio de seu site. Os adolescentes podem baixar músicas, recebem amostras de produtos, podem falar com "conselheiros" sobre vários assuntos. Então, você arregimentou 250 mil embaixadores da Procter&Gamble nos Estados Unidos. Outro exemplo bom é o da Nestlé com o chocolate Wonka. A empresa adquiriu os direitos de comercializar o chocolate usado no filme *A Fantástica Fábrica de Chocolate*. Não fez propaganda alguma. Mas os consumidores foram pegos pelo emocional. Compravam a barra de Wonka e se sentiam como Charlie, o garoto que compra o produto no filme à espera de um bilhete para visitar a fábrica. A Nestlé foi direto ao coração do consumidor.

#### **A Nestlé não gastou nada em publicidade do Wonka?**

**Rolf Jensen** - Pelo que sei, ela não fez nenhuma campanha ligando o chocolate ao filme. E nem precisava. Quer outro caso emocional? A Harley

Davidson tem grande qualidade? Tem. Mas as japonesas talvez sejam melhores. Só que a Harley tem história. A empresa montou um clube de proprietários, com 350 mil membros. Ou seja, são 350 mil embaixadores Harley. Há um ponto interessante. Que tipo de consumidor compraria uma motocicleta da marca? Todos. Pode ser um banqueiro ou um *hell angels*. Eles difundem a história da marca. Costumo dizer o seguinte: se houver um incêndio em todas as fábricas da Harley, os donos podem ir ao banco no dia seguinte, pegar um empréstimo, e em uma semana a marca estará de novo no topo. Poucas empresas têm um apelo emocional tão grande quanto a Harley.

#### **Harley é uma empresa que já está no futuro, na sociedade dos sonhos?**

**Rolf Jensen** - Sim e não. Sim por conta da força da marca. Não porque ainda tem de se adaptar aos novos tempos. Um dos exemplos de empresa do futuro é a customização, a capacidade de oferecer produtos personalizados. Hoje, a gente vê um pouco disso com a Nike. Se você clicar no site da empresa é possível desenhar seu próprio tênis. Isso será uma tendência.



# "A ciência e a religião são as duas forças mais poderosas do mundo"

Entrevista com Edward O. Wilson

O planeta está em perigo. Para salvá-lo, crentes e cientistas materialistas devem unir forças. É este o chamamento que faz o biólogo norte-americano Edward O. Wilson, o qual considera que ciência e religião são as duas forças mais poderosas do mundo e têm algo em comum: crerem que a natureza é sagrada. A entrevista que segue foi publicada no jornal *El País*, de 11-06-2006 e reproduzida em 23-06-06 no sítio do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).

"Um presidente como Bush, o qual crê que Deus lhe fala quando empreende uma guerra, reforça as convicções mais radicais da população". "Rogo às pessoas religiosas que deixem de lado diferenças com leigos e cientistas materialistas como eu e se unam a nós para salvar o planeta". Catedrático de Harvard há 40 anos, o biólogo Edward O. Wilson, de 76 anos, escreveu 20 livros, obteve dois Prêmios Pulitzer e descobriu centenas de novas espécies. Wilson recebe amiúde o apelativo de "pai da biodiversidade". A entrevista se realizou em seu gabinete de Harvard.

## **Mais da metade da população dos EE UU não crê na teoria da evolução. Seria um fenômeno peculiar deste país?**

Para 51% dos estadunidenses, a espécie humana foi criada por uma força suprema faz alguns milhares de anos. 34% crêem que houve uma evolução dirigida por Deus. Os 15% restantes dizem que têm razão os cientistas. São cifras extraordinárias, porque representam todo o contrário do que pensam os europeus. Na Europa, 40% da população estão de acordo com a tese de que as espécies evoluíram por seleção natural. Somente uma minoria coincide com os criacionistas, que rechaçam a teoria da evolução.

## **Qual é o motivo para que o criacionismo tenha tanto vigor nos EE UU, até o ponto de certas**

## **personas estarem pensando em ensiná-lo em algumas escolas, em oposição à teoria da evolução das espécies?**

Várias organizações religiosas conseguiram introduzir no Governo a teoria do desenho inteligente. Quer dizer, que Deus dirigiu a evolução. Sem dúvida, o fato de termos um presidente como Bush, o qual crê que Deus fala com ele quando toma certas decisões ou empreende uma guerra, facilita esta tendência e reforça as convicções fundamentalistas mais radicais da população. A esta situação é preciso acrescentar que, após os atentados do 11-S, os estadunidenses se sentiam vulneráveis e se aferraram à idéia de que o país necessitava guiar-se mais pela religião. Em meu próximo livro, *A criação*, faço um pedido às pessoas religiosas. Peço-lhes que deixem de

lado suas diferenças com os leigos e com os cientistas materialistas como eu e que se unam a nós para salvar o planeta. A ciência e a religião são as duas forças mais poderosas do mundo. A natureza é sagrada para ambos.

**Você sustenta que há uma relação direta entre a seleção natural e o sentimento religioso. Qual é esta relação?**

A religião está sempre dizendo ao povo que sobreviva, e este é um princípio básico da seleção natural. A religião estimula a mente e anima o ser humano a superar as dificuldades, a unir-se a outros indivíduos e comportar-se de forma altruísta pelo bem do grupo. Seu propósito é a sobrevivência coletiva. Por isso as religiões são tão tribais.

**Em que se equivoca a teoria do desenho inteligente, a idéia de que a complexidade dos organismos vivos é a melhor prova da existência de um desenhista divino?**

O único argumento dos que defendem o conceito de desenho inteligente é que a ciência não pode explicar todos os detalhes da evolução e dos fenômenos naturais. Isso lhes basta para justificar a fé numa força sobrenatural na origem do inexplicável. Mas, este não é um argumento científico. O que move os cientistas é precisamente o desejo de descobrir a verdade sobre o que ainda está sem explicação. Ao assumir a crença de que a evolução é criação de Deus, a religião põe em perigo toda a sua credibilidade e todo o seu prestígio. Se os que defendem o desenho inteligente tivessem provas sobre a existência de forças sobrenaturais nos processos físicos e biológicos, os cientistas seriam os primeiros dispostos a estudarem tais fenômenos.

**É possível aceitar a teoria da evolução e, ao mesmo tempo, ser religioso?**

Sim, sem dúvida. Eu mesmo me considero espiritualista. Creio na grande força do espírito humano. Porém, não creio que haja vida depois da morte, nem uma alma separada do corpo e da mente. Sabemos que o cérebro se comporta de maneira distinta quando se produzem mudanças químicas no corpo ou quando nos ferimos, e isso indica que a ciência humana depende de um complexo sistema de células. Não há nenhuma incoerência em pensar que os sentimentos têm uma base física e, ao mesmo tempo, ter uma concepção espiritual da mente humana.

**Consolá-lo-ia saber que existe vida depois da morte?**

Pense no que significa passar toda a eternidade no céu. Não somos feitos para isso. A mente humana está construída para durar um tempo limitado. Ultrapassar este limite significaria atar a pessoa a uma existência infernal. Uma sondagem realizada entre os cientistas mais importantes dos EUA mostrou que a 85% não lhes importava que houvesse, ou não, vida depois da morte. Para mim vale o mesmo.

**Em certa ocasião disse que se considerava um deísta provisional. O que quer dizer?**

Em primeiro lugar, é preciso definir teísmo e deísmo. Teísmo é a crença que Deus intervém nos assuntos humanos, é capaz de fazer milagres e está diretamente unido ao discurso humano. Os deístas, ao contrário, aceitam a possibilidade de que exista uma força suprema que estabeleceu as leis responsáveis pela criação do universo, porém não crêem que Deus intervenha nos problemas cotidianos. Enquanto não pudermos dar uma explicação melhor sobre a origem do universo, eu me considero um deísta provisional.

Talvez os físicos possam em breve explicar de onde viemos.

**Muitos críticos afirmam que a ciência é uma espécie de religião e que a teoria da evolução exige devoção. Está de acordo com isso?**

Não. Há uma grande diferença. A religião exige fé, uma fé sem vacilações. A ciência se baseia numa série de conhecimentos acumulados e vai somando cada vez mais informação para explicar o mundo. É um processo de busca, exploração e descobrimento, totalmente distinto da religião.

**Crê que há progresso na evolução?**

Sim, porque, ao longo de milhares de milhões de anos, a evolução produziu espécies cada vez mais complexas, maior número de organismos e ecossistemas mais elaborados. Pois bem, se nos fixarmos em exemplos isolados, a evolução nem sempre significa progresso. No final das contas, é o resultado de mutações e mudanças genéticas fortuitas. Existem casos de parasitos que perderam os olhos e de animais que perderam as patas. Se a complexidade é progresso, essas espécies retrocederam.

**O fato de os humanos terem evoluído até o ponto de controlar a natureza nos dá o direito de fazer o que quisermos com as demais espécies?**

A espécie humana é a mais sagrada do planeta. Tudo somado, ela é a mais inteligente e a única civilizada. Nas primeiras etapas de nossa evolução, quando os humanos viviam da caça, em grupos, era preciso vencer a natureza, porque era questão de sobrevivência. Hoje, destruir a natureza significa destruir parte da vida que continua na Terra. Temos que saber quando parar. Estamos destruindo a natureza somente para fazer um pouco mais de lugar aos seres humanos. Isso não é progresso,

nem do ponto de vista moral, nem como opção para garantir o futuro da humanidade. Precisamos da natureza para garantir a produtividade na biosfera. A espécie humana teve demasiado êxito.

**Um estudo da ONU calculava que em 2050 a população alcançará sua cifra máxima, de nove bilhões de pessoas, e logo se estabilizará. Como podemos melhor a situação econômica de tanta gente e, ao mesmo tempo, evitar a destruição da natureza?**

Quase todos os especialistas crêem que os recursos existentes na Terra poderiam suportar essa superpopulação, sem que isso suponha destruir a natureza. É necessário aumentar a produtividade do solo, e para isso devemos usar sementes transgênicas. A espécie humana não depende mais do que de 20 tipos de plantas para alimentar-se. As principais são: arroz, milho e trigo. Sem embargo, existem mais de 50.000 plantas cultiváveis, muitas das quais podem ser viáveis do ponto de vista econômico, caso se modifiquem geneticamente. Se soubermos conservar o que resta da natureza e fazer com que ela seja mais produtiva, poderemos alimentar essas pessoas que se prevêem para 2050.

**Por que é tão urgente preservar a biodiversidade?**

Um cálculo feito em 1997 por biólogos e economistas demonstrava que as espécies de todos os ecossistemas representavam 30 bilhões de dólares em serviços, como retenção de águas, regeneração do solo e limpeza da atmosfera. Nesse momento, esta cifra estava próxima à do valor de toda a produção humana. Dependemos da biodiversidade, mais do que que imaginamos. Outro aspecto é que estamos começando a saber de que modo diversas espécies, que

apareceram faz um milhão de anos, se extinguiram e foram substituídas por outras. É importante que compreendamos a origem da vida. Precisamos conhecê-la. Os cientistas não identificaram mais do que 10% dos organismos que existem no planeta.

**Alguns cientistas dizem que a espécie humana está experimentando uma evolução acelerada. Sua teoria é de que a humanidade está começando a determinar sua própria evolução. Está de acordo?**

Sim, em meu livro chamo este fenômeno de evolução voluntária. Estamos a ponto de alcançar uma etapa do desenvolvimento na qual poderemos escolher a trajetória de nossa evolução. Logo poderemos eliminar enfermidades genéticas como a fibrose, apenas substituindo os genes defeituosos. Esta é uma forma de dirigir a evolução. A dúvida é se deveríamos permitir-nos

utilizar a engenharia genética para melhorar os indivíduos. Em alguns casos, os pais poderão decidir se querem que seu filho seja desportista ou músico. Deveríamos permiti-lo? É uma pergunta ética que ainda não foi analisada com detalhes, simplesmente porque ainda não nos enfrentamos com os problemas associados a essas possibilidades tecnológicas. Num momento dado a humanidade terá que tomar decisões a respeito, e então teremos uma evolução voluntária. Teremos que ser muito cuidadosos ao modificar a natureza, porque a natureza é o que nos faz ser humanos.

**Onde está o limite?**

Não sei. Precisamos saber mais de genética, de quem nós somos, o que é a natureza humana e quais são as consequências dessas mudanças na organização de nossa sociedade atual.

# “Fraco, inepto, despreparado”: os militares desqualificam Jango

Entrevista com Jorge Ferreira

O conceito de populismo não explica nada, faz tábula rasa e tenta comparar todos os políticos como se fossem iguais, desconsiderando seus projetos. As críticas são do historiador Jorge Ferreira em entrevista por telefone à *IHU On-Line*, ponderando sobre as freqüentes alusões a Jango como um político populista e como um líder inepto e incapaz de gerir os graves problemas que afligiam o Brasil de 1961 a 1964, quando governou após a renúncia de Jânio Quadros. Ferreira disse, também, que Jango foi um grande democrata, e que, ao contrário da afirmação do historiador Marco Antonio Villa à *IHU On-Line* semana passada, na entrevista “*O homem errado, na hora errada, no lugar errado*”, Jango estava, sim, preparado para o poder e conhecia “profundamente a máquina administrativa”.

Ferreira é graduado e mestre em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e doutor em História Social pela USP com a tese *Prisioneiros do mito. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*, publicado em 2002 pela editora Mauad/Eduff, do Rio de Janeiro. Escreveu diversas obras, entre elas *O populismo e sua história. Debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001; *O imaginário trabalhista. Getulismo, PTB e cultura política popular (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2005 e *A democracia no Brasil (1945-1964)*. São Paulo: Editora Atual, 2006. Participou na *IHU On-Line* com a entrevista *A categoria populismo não serve para caracterizar a democracia brasileira*, na edição 107, de 28 de junho de 2004. Ferreira é professor titular de História do Brasil na UFF.

**IHU On-Line - Em entrevista à IHU On-Line edição 185, o historiador Marcos Antonio Villa disse que Jango era “o homem errado, no lugar errado, na hora errada” em função de não estar à altura das necessidades históricas que o Brasil passava naquele momento. O senhor concorda com isso?**

**Jorge Ferreira** - Eu tenho outra percepção, outra interpretação muito diferente sobre a trajetória do ex-

presidente João Goulart. Primeiro, prefiro não personalizar a História. A História, sem dúvida, não é feita pelos “grandes homens”, mas também não é feita pelos “pequenos”, mas não é essa a questão principal. Acredito que Jango, ao contrário do que se diz, foi muito preparado para o poder. Foi deputado estadual e federal, secretário no Rio Grande do Sul, ministro do Trabalho, duas vezes vice-presidente da República. Era um homem que

conhecia profundamente a máquina administrativa, bem como as articulações do sistema partidário da época. A versão muito negativa sobre ele não corresponde ao que Jango foi e representou naquele período da História do País. As imagens negativas que temos hoje sobre João Goulart começaram a ser construídas imediatamente após o golpe militar de 1964. A direita civil e militar que tomou o poder naquele ano, para se legitimar com o golpe, começou a desqualificar João Goulart, o antigo PTB, as lideranças sindicais e de esquerda. Por esta versão, todos eram chamados de pelegos, corruptos, subversivos, enquanto o ex-presidente passou a ser descrito como fraco, inepto, despreparado etc. Esse foi o discurso construído pela direita no pós-64. Ao mesmo tempo, as esquerdas que pegaram em armas em fins da década de 1960 também começaram a formular discursos desqualificadores. Por esta versão, Jango passou a ser descrito como “líder burguês de massa”, “traidor da classe operária”, mas igualmente chamado de fraco, despreparado etc. Depois, setores da intelectualidade brasileira, legitimando esses discursos políticos desmerecedores, deram um conteúdo “científico” ao conjunto de imagens negativas – cujo resultado foi a teoria do populismo.

### **Passado desmerecido**

Assim, todo o passado anterior a 1964 passou a ser desqualificado. Por exemplo, o regime inaugurado pela Constituição de 1946 deixou de ser uma experiência democrática para ser chamado de a “época do populismo” ou “República populista”, sendo que a figura central de daquele período a ser desmerecida foi João Goulart. Se foi após o golpe militar que as imagens negativas sobre o ex-presidente passaram a ser dominantes, elas, no

entanto, foram construídas quando ele foi ministro do Trabalho. No cargo, ele, diante de greves, negou-se a reprimir os trabalhadores e preferiu a negociação entre as partes. Passou também a receber líderes sindicais em seu gabinete, a dialogar com o movimento sindical, a se aproximar dos comunistas e atualizar o trabalhismo no contexto internacional.

### **Goulart e a modernização do trabalhismo**

Desse modo, quando ele foi ministro do Trabalho, a oposição udenista, sobretudo a ala de extrema-direita liderada por Carlos Lacerda, passou a atacar duramente Jango, descrevendo-o como um político fraco, inepto, incompetente, corrupto, golpista etc. Tais imagens se ampliaram após o golpe militar e estão presentes até os dias atuais. Portanto, encontrar, nos dias de hoje, imagens negativas sobre Jango é ouvir vozes que vêm da década de 1950 – vozes que vibram no timbre do lacerdismo. Goulart teve um papel muito importante na história política brasileira. O trabalhismo se modernizou nos anos 1950 sob a liderança de Goulart. Até ele surgir no cenário político nacional nos anos 1950, o trabalhismo se confundia com getulismo – getulismo entendido como a personalização da política, como a personalização de um projeto político. O que Goulart fez – mas não apenas ele, o grupo político que ele liderava formado por Leonel Brizola<sup>91</sup>,

---

<sup>91</sup> **Leonel de Moura Brizola** (1922-2004): político brasileiro, nascido em Carazinho, no Rio Grande do Sul. Foi prefeito de Porto Alegre, governador do Rio Grande do Sul, deputado federal pelo extinto estado da Guanabara, e duas vezes governador do Rio de Janeiro. Sua influência política no Brasil durou aproximadamente 50 anos, inclusive enquanto exilado pelo Golpe de 1964, contra o qual foi um dos líderes da resistência. Por várias vezes foi candidato a presidente do Brasil, sem sucesso, e fundou um partido político, o PDT. Sobre Brizola, confira no

Fernando Ferrari<sup>92</sup>, o Grupo Compacto do PTB, entre outros, foi o de atualizar o trabalhismo brasileiro com a conjuntura internacional, sobretudo com as esquerdas européias e latino-americanas.

### **IHU On-Line - O senhor acredita que Jango não tinha um projeto de governo, mas sim de poder?**

**Jorge Ferreira** - Inicialmente, é preciso considerar algumas questões. Goulart assumiu sem ter sido eleito presidente da República. Ele, assim como todo o País, foi pego de surpresa com a crise política da renúncia após sete meses de governo Jânio Quadros. Jango não esperava ser presidente da República. Ele não preparou governo algum. Naquele momento, ele sabia que seu “teto” era a Vice-Presidência. Sabia que as forças de direita conservadoras não o tolerariam na Presidência da República. Não estou dizendo que ele não fosse preparado para o cargo, mas, tão-somente, que ele não havia preparado um governo. Assim, ele assumiu a Presidência da República com uma crise militar gravíssima, com um conflito político sem precedentes, com o País dividido e em meio ao descalabro financeiro. Pouco se comenta, por exemplo, que, na crise da renúncia, os três ministros militares imprimiram bilhões de cruzeiros para

---

sítio do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), a versão eletrônica do **Cadernos IHU em Formação**, intitulada *Populismo e trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola*. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>92</sup> **Fernando Ferrari (1921-1963)**: político gaúcho. Fundou o Movimento Trabalhista Renovador (MTR) junto com dissidentes do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) em 1959. A extinção do MTR aconteceu em 1965 em função do AI-2. O lema do MTR era “Mãos Limpas”. Escreveu as obras *Escravos da Terra*. 2ª ed., Porto Alegre: Editora Globo, 1963 e *Mensagem Renovadora*. Porto Alegre: Editora Globo, 1960.

financiar o impedimento da posse de Jango.

### **Jango e a coerência política**

Assim, para nós, atualmente, ficou uma imagem muito negativa de seu governo. Uma delas foi que Jango se mostrou ambíguo, preso num “zigue-zague” político. Se tivermos o trabalho de estudar aquele período, veremos que, ao contrário do que se diz, ele fez um grande esforço para manter uma política coerente de governo. Até pelo menos até janeiro de 1964, ele seguiu com uma mesma diretriz: ter maioria no Congresso Nacional, unindo o sistema partidário que deu estabilidade para a República até então, ou seja, manter a aliança do PSD com o PTB. No Brasil, presidente da República tem que ter maioria no Congresso. Tendo maioria, encontra estabilidade, quando não tem, enfrentará crises. O que Goulart tinha em mente era conseguir maioria no Congresso – e quem dava a maioria era o PSD. Com isso, ele planejava aprovar as reformas de base negociadas e pactuadas entre o PTB e o PSD. Assim sendo, as reformas de base não poderiam ser tão radicais quanto queria o PTB, porque o PSD iria recusar e não seriam tão tímidas quanto queria o PSD, porque o PTB não aceitaria. A proposta de Jango, portanto, era a negociação – e esta era sua grande qualidade, um hábil negociador.

### **Reforma agrária na lei, ou “na marra”**

Ocorre que os tempos eram outros; não eram os tempos do Juscelino, eram tempos de radicalização. As esquerdas, junto com o PTB, exigiam uma reforma agrária radical, inclusive em terras produtivas e sem indenizações aos proprietários. Isso o PSD não aceitava. Jango se esforçou, pelo menos até fins de 1963, para que as partes se entendessem, mas sem obter sucesso. Creio que um dos momentos

importantes do governo Goulart foi o Plano Trienal – uma tentativa, segundo Argelina Figueiredo, de pacto social. Entretanto, as esquerdas não aceitaram as medidas. A ala esquerda do PTB, o CGT (Comando Geral dos Trabalhadores), a União Nacional dos Estudantes (UNE), o movimento dos sargentos, bem como líderes de esquerda como Leonel Brizola, Luis Carlos Prestes<sup>93</sup> e Francisco Julião<sup>94</sup> atacaram o Plano elaborado por Celso Furtado<sup>95</sup> e San Tiago Dantas<sup>96</sup>. Para as

---

<sup>93</sup> **Luis Carlos Prestes** (1898-1990): militar e político comunista brasileiro. Foi secretário-geral do Partido Comunista do Brasil (PCB), posteriormente chamado Partido Comunista Brasileiro. Casou-se com Olga Benário, morta na Alemanha, na câmara de gás, pelos nazistas. Em 1936, Prestes foi preso, perdeu a patente de capitão e inicia o cumprimento de sua pena, que durou nove anos. Com o fim do Estado Novo, foi anistiado, elegendose Senador. Após o golpe de 1964, com o AI-1, teve seus direitos de cidadão novamente revogados, dessa vez por dez anos. Exilou-se na União Soviética, para não ser novamente preso, regressando ao Brasil devido à anistia de 1979. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>94</sup> **Francisco Julião** (1915-1999): advogado brasileiro que defendeu, a partir da década de 50, as causas dos camponeses organizados, pressionados através de subterfúgios da lei pelos senhores de terra que tentavam desarticular a organização de ligas camponesas e expulsar de suas terras os moradores do Engenho Galiléia. Para ampliar seu campo de luta, ingressou na tribuna política e elegeu-se Deputado Estadual em Pernambuco. Foi um dos maiores ativistas pela reforma agrária no Brasil. Exilou-se no México quando teve seus direitos cassados, em 1964. Foi anistiado em 1979 e faleceu em Tepoztlán, no México. Sobre sua trajetória, confira o livro escrito pelo jornalista Vandek Santiago, *Francisco Julião: luta, paixão e morte de um agitador*. Recife, Assembléia Legislativa, 2001 (Série Perfil Parlamentar Século XX). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>95</sup> **Celso Furtado** (1920-2004): economista brasileiro, membro do corpo permanente de economistas da ONU. Foi diretor do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste e membro da Academia Brasileira de Letras. Algumas de suas obras são *A economia brasileira* (1954) e *Formação econômica do Brasil* (1959), apresentado pelo Prof. Dr. André Moreira Cunha (UFRGS) em 11 de setembro de 2003 no evento **Ciclo de Estudos sobre o Brasil**. A editoria

esquerdas, a solução para os problemas do País eram as reformas de base, sobretudo a agrária que, como diziam, se não fosse implementada na “lei”, seria realizada “na marra”. Na “lei”, seria aquela aprovada pelo Congresso Nacional, mas a reforma agrária “na marra” seria aquela realizada por vias não institucionais. Os empresários, por sua vez, no início ficaram divididos, mas logo passaram para o campo de oposição ao Plano Trienal quando os créditos foram restringidos.

O PSD, assustado com a radicalização das esquerdas, começou a formar uma bancada informal com a UDN. Enquanto isso, a direita civil e militar golpista crescia com o afastamento das forças de centro e de esquerda. Goulart insistiu, até fins de 1963, na estratégia de unir o PTB com PSD, e, tendo maioria no Congresso Nacional, implementar as reformas de base. Desse modo, ele demonstrou uma política coerente. No entanto, ele foi “prensado” em seu governo por duas grandes forças. Somente no início de 1964, ele percebeu que a radicalização impediria qualquer tipo de acordo e optou pela Frente Única de Esquerda, liderada pelo Brizola. A aliança com as forças de esquerda foi selada no comício da Central. O resto, nós sabemos. Portanto, avaliando historicamente aquele período, creio ser um equívoco personalizar a História, culpabilizando um único indivíduo pelo colapso da democracia em 1964. É uma

---

*Entrevista da Semana da revista IHU On-Line* edição 155ª, de 12 de setembro de 2005 repercutiu a criação do Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, na Finlândia, com entrevistas a diversos especialistas. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>96</sup> **Francisco Clementino San Tiago Dantas** (1911-1964): jornalista, advogado, professor, deputado federal, Ministro das Relações Exteriores, Ministro da Fazenda e um dos precursores da chamada “política externa independente”. (Nota da *IHU On-Line*)



interpretação que, ao final, isenta os diversos grupos sociais e políticos que participaram do golpe civil-militar e, ao final, implementaram a ditadura.

**IHU On-Line - O senhor identificaria algum traço populista em Jango? E qual é a influência de Vargas em seu legado político?**

**Jorge Ferreira** - João Goulart foi um getulista. Ele se formou na política pelas mãos de Vargas, aprendeu política com ele. Deposto em 1945, Vargas não tinha uma casa para morar. Ele tornou-se hóspede do seu irmão na fazenda que herdaram do pai, a Santos Reis. Inicialmente, ele ficou completamente abandonado; ninguém o procurava, nem mesmo seus antigos aliados. O único que o visitava era João Goulart. Vargas era amigo do pai de Jango, o “coronel” Vicente. Goulart ajudou Getúlio a demarcar as terras da fazenda Itu – sua parte na herança da Santos Reis –, e surgiu uma forte amizade entre os dois. Era uma amizade desinteressada, porque Jango era um homem rico em 1945 e não tinha pretensões políticas. Vargas foi quem o incentivou a entrar para a vida política. Goulart era da mesma geração de Brizola e Ferrari, e todos eram getulistas, mas não viveram a ditadura do Estado Novo. Eles eram muito jovens: foram marcados pela democratização de 1945 e pela derrota do nazi-fascismo. Então, eles tinham o getulismo como um norte político, sobretudo nas questões referentes ao nacionalismo, à industrialização, à defesa das riquezas nacionais e ao bem-estar dos trabalhadores com as leis sociais. Nos anos 1950, eles começaram a atualizar o trabalhismo com as esquerdas mundiais: no caso da Europa, com as políticas social-democratas, como as de elevar o padrão de vida da população, da estatização de setores estratégicos da economia etc. Observaram também os sucessos

obtidos pelo socialismo soviético naquela época, em particular as empresas estatais e o dirigismo econômico. Eles percebem que o planejamento econômico poderia suscitar o desenvolvimento da economia. Eles também observaram as esquerdas latino-americanas, com seus discursos antiimperialistas e incorporaram essas diversas experiências européias, asiáticas e latino-americanas ao PTB. Creio que essa foi a grande contribuição do Goulart. Não é casual que, na segunda metade dos anos 1950, o PTB dá uma forte guinada à esquerda e se torna um partido marcadamente reformista.

**Populismo é uma tábula rasa**

Sobre o conceito de populismo, eu não trabalho com ele. Penso que é um conceito ruim, que não explica a política brasileira e, pior, acaba confundindo o analista. Se trabalharmos com o conceito, diremos que Jango foi populista, mas também que Lacerda e Brizola também o foram; e que JK e Dutra também. E eu pergunto: Eles foram iguais? O conceito de populismo, desse modo, iguala Lacerda com Vargas e, ao final, não explica nem um nem o outro. O conceito, hoje, é usado muito mais como um insulto. Quando não apreciamos uma figura política, classificamo-la logo como populista, visando a desqualificá-la politicamente – quando não pessoalmente. O populista é sempre o “outro”. Eu nunca vi uma pessoa dizer, de si própria, que é populista. É sempre o adversário. Além disso, é um conceito que desqualifica a democracia brasileira. Se falarmos que o período entre 1946 e 1964 foi um regime “populista”, queremos dizer que ali existiram líderes espertos, hipócritas e cínicos que manipularam o povo – resultando em escolhas equivocados pelo eleitorado. Portanto, estamos dizendo que o povo não sabe votar.

Dizer que a República de 1946 era “populista” é o mesmo que dizer que não era democrática – ou que havia uma democracia incompleta. O período de 1946 a 1964 foi uma experiência política democrática muito rica.

### **Populismo X projetos**

Em outro aspecto, o conceito de populismo dilui os diferentes projetos políticos do passado. Assim, de 1946 a 1964, encontramos o trabalhismo e suas lideranças, como Getúlio, Brizola e João Goulart. Eles se chamavam de trabalhista. Era o nome que eles se davam e assim eram denominados – inclusive por seus adversários. Outro grupo político, os udenistas, representava o projeto liberal. Eles se chamavam de udenistas e assim eram identificados. Portanto, é mais interessante, historicamente, chamá-los pelos nomes que eles mesmos se davam, e pelos quais eram reconhecidos na sociedade, do que por nomes inventados *a posteriori*. Além disso, sabemos que o projeto político do PTB não era o mesmo que o da UDN. Ora, se chamarmos todos de populistas perdemos a especificidade dos projetos, suas diferenças, seus embates. Trabalhismo e udenismo, Vargas e Lacerda, tudo e todos serão reduzidos a um denominador comum. É por isso que não gosto do conceito de populista. Confunde mais do que explica.

### **IHU On-Line - Qual seria a contribuição de Jango para a consolidação da democracia brasileira?**

**Jorge Ferreira** - Jango vem da tradição trabalhista, um projeto político que, resgatando políticas públicas dos anos 1930, se consolidou nos anos 1950. Em aliança com os comunistas do PCB, os trabalhistas do PTB defenderam um projeto que costumo chamar de nacional-estatismo. É um projeto que defende o desenvolvimento econômico

e social, que fortalece o Estado, a criação de empresas estatais, a independência do País com relação ao capital estrangeiro, à defesa das leis sociais, às riquezas naturais e ao patrimônio cultural do País, bem como às reformas estruturais, em particular a reforma agrária. É o projeto que as esquerdas e o PTB, nos anos 1950, defenderam, mas que ainda é bandeira das esquerdas atualmente. Creio que Goulart era, entre a nova geração de políticos trabalhistas que surgiu no início daquela década, aquele que assumiu a liderança do programa reformista – mais tarde chamada de reformas de base. Além disso, outra contribuição de Jango foi a sua fé no regime democrático. Goulart, em toda sua trajetória política, nunca teve uma única atitude que atentasse contra a democracia. Não há, em sua biografia, nada que desabone sua conduta nesse sentido. Jango foi um democrata até o final. Desse modo, creio que seu legado foi o de, por um lado, defender um projeto reformista e, de outro, sua postura legalista e de respeito ao regime democrático. Dizer que Jango foi um golpista, despreparado, fraco, ignorante etc., não é apenas um equívoco histórico, mas é alimentar toda a cantilena da extrema direita da época liderada por Carlos Lacerda – este sim, um exemplo de liderança antidemocrática e golpista. Além disso, Jango teve seu momento de grandeza quando evitou a guerra civil em abril de 1964. Se tivesse algum tipo de resistência, certamente haveria uma guerra civil com, possivelmente, cerca de um milhão de mortos. Esse é um cálculo do jornalista Zuenir Ventura<sup>97</sup>. Esse, sem dúvida, foi seu momento de grandeza. Goulart não foi covarde, ou

<sup>97</sup> **Zuenir Carlos Ventura** (1931): jornalista e escritor mineiro. Colunista da revista *Época* e do jornal *O Globo*. Ganhou o Prêmio Jabuti, em 1989, na categoria reportagem pelo livro *1968 - O ano que não terminou*. (Nota da *IHU On-Line*)

coisa similar, ele simplesmente avaliou que o que estava acontecendo não era apenas uma “quartelada”, mas um amplo movimento político, civil e militar, com a maioria da oficialidade das Forças Armadas apoiada pelos principais governadores de estado, por uma ampla coalizão partidária no Congresso Nacional, pela grande imprensa e pelo governo norte-americano. Além disso, havia uma opinião pública, sobretudo de setores médios, apoiando o movimento golpista. Aquilo tudo poderia resultar numa guerra civil de conseqüências imprevisíveis. Evitar um conflito social de grandes proporções, certamente pensou ele, era a medida mais sensata.

**IHU On-Line - Quais seriam os elementos mais importantes extraídos da troca de cartas de Jango a Getúlio?**

**Jorge Ferreira** - Há uma correspondência sob os cuidados do CPDOC da FGV, no Rio de Janeiro, no arquivo Getúlio Vargas. São cartas da época da campanha eleitoral do Vargas à Presidência da República, em 1949 e, sobretudo, e, 1950. Jango viajava pelo País, particularmente Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, para

conversar com políticos, militares, jornalistas e com o povo nas ruas. Sua missão era sondar como seria a recepção do nome Vargas para a presidência da República. Depois, ele enviava a Vargas cartas, relatando como foram essas conversas. Por elas, notamos que Jango era, nesse momento, um “aprendiz de feiticeiro”. Percebemos, também, um imenso entusiasmo de Goulart com a candidatura de Vargas, sobretudo quando conversava com pessoas do povo. Nas cartas, ele dava as informações, mas demonstrava também sua relação de amizade com Getúlio.

**IHU On-Line - O que a figura política de Jango tem em comum com os representantes políticos brasileiros atuais?**

**Jorge Ferreira** - Não vejo semelhanças. Aquela era uma outra geração de políticos. Embora os defeitos dos políticos atuais fossem encontrados também nos do passado, creio que, no período 1946-1964, tanto no campo da esquerda quanto no da direita, havia a defesa de projetos políticos consistentes para o País. Mais ainda, os debates políticos tinham outro nível – bem melhor que o atual.

## Frases da semana

”Temos o pior Congresso, e não tenho medo de dizer isso.”

- Ricardo Izar, deputado federal, PTB-SP, presidente do Conselho de Ética - *Globo*, 20-6-2006.

”Diferentemente do que se pensa, a Terra que se vê do espaço é grande. Mas o que mais impressiona é, sem dúvida, a cor: um azul intenso.”

- Roberto Vittori, astronauta italiano - *Repubblica*, 20-6-2006.

”Estamos mais faceiros do que ganso novo em taipa de açude.”

- Olívio Dutra, candidato a governador do Rio Grande do Sul, ao receber o título de cidadão honorário da cidade de São Paulo - *Zero Hora*, 21-6-2006.

”O futebol é a única atividade em que o brasileiro é *world class*. A história e as estatísticas estão aí. Qual é a única ”marca” brasileira reconhecível de imediato internacionalmente? Pelé.”

- Clovis Rossi, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 21-6-2006.

”Fora futebol, continuamos com o complexo de ”vira-lata”, como dizia Nelson Rodrigues. E, como todo vira-lata, precisamos de afagos e de carinhos dos donos (do mundo). Os afagos só vêm mesmo a cada quatro anos, a cada Copa.”

- Clovis Rossi, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 21-6-2006.

”O jogo teve a minha cara, a cara da superação. Foi um jogo de Libertadores. É meu papel fazer os jogadores correrem um pouco mais, lutarem um pouco mais. É assim que se vence.”

- Felipe Scolari, técnico da seleção de Portugal - *Folha de S. Paulo*, 26-6-2006.

## **Destques On-Line**

**Entrevistas exclusivas produzidas pelo sitio do IHU**

Essa editoria veicula entrevistas exclusivas publicadas no sitio do IHU

([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)), durante a última semana. Seleccionamos algumas dessas

entrevistas e apresentamos a lista completa de todas, que podem ser conferidas nas

*Notícias Diárias* do sitio, na data correspondente.

**Título:** O latifúndio do eucalipto. A humanidade é nada diante da história da natureza.

**Entrevistado:** Ariovaldo Umbelino de Oliveira

**Entrevista:** A monocultura do eucalipto foi o tema da entrevista que a **IHU On-Line** realizou por e-mail com o geógrafo Ariovaldo Umbelino de Oliveira. Publicada no dia 20-06-2006, nas *Notícias Diárias* do sitio do IHU, a entrevista foi motivada pela publicação de uma nota nas *Notícias Diárias* do sitio do IHU no dia 13-6-2006, que afirmava que o eucalipto já secou mais de 4 mil nascentes do São Francisco e que nascentes e matas ciliares do Rio estão sendo destruídas pelo avanço das monoculturas de eucalipto e grãos na região de Minas Gerais. Ariovaldo Umbelino de Oliveira é geógrafo da Universidade de São Paulo (USP) e doutor em Geografia Humana pela USP. Ele também fala sobre a cartilha lançada pela Via Campesina intitulada *O latifúndio dos Eucaliptos*, que propõe a expropriação das terras com plantio de celulose em

prol da reforma agrária. Sobre a cartilha confira as *Notícias Diárias* da semana passada.

**Título: Os cortadores de cana. O drama de quem "tem que agüentar".**

**Entrevistado: José Roberto Novaes**

**Entrevista:** A precariedade da situação dos cortadores de cana das usinas de açúcar e álcool no Brasil foi o tema da entrevista com o professor José Roberto Novaes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Novaes, que é doutor em Ciências Econômicas, falou da falta de alternativas de trabalho e renda em cidades do Nordeste e de Minas Gerais como a principal causa do êxodo maciço de trabalhadores e trabalhadoras em direção a estados mais ricos como Rio de Janeiro, São Paulo e Mato Grosso, para onde a indústria sucro-alcooleira está se expandindo. O professor José Roberto é organizador do livro *No Eito da Cana: Exploração do Trabalho e lutas por direitos na região de Ribeirão Preto*. Rio de Janeiro: Editora Rima, 2003. A entrevista pode ser conferida no sítio do IHU, nas *Notícias Diárias* do dia 21-06-2006

**Título: Consulta Popular: a proposta de um novo instrumento político**

**Entrevistado: Antonio Goulart**

**Entrevista:** A *Consulta Popular* é uma articulação de militantes dos movimentos sociais de todo o Brasil. Ela surgiu em 1997 como uma séria e inovadora tentativa para articular uma alternativa para o Brasil, reunindo hoje militantes descontentes com os rumos do governo Lula que se propõem a elaborar política e teoricamente um projeto popular como alternativa para o País. Ao lado das pastorais sociais, a *Consulta Popular* foi a grande força organizadora da 4ª Semana Social Brasileira em outubro de 2005, que ficou conhecida como *Assembléia Popular - Mutirão por um novo Brasil*. A **Consulta Popular** realizou de 15 a 18 de junho de 2006, na Escola Nacional Florestan Fernandes, em São Paulo, sua plenária nacional. Para falar desta reunião de quatro dias, entrevistamos Antonio Goulart, residente em Curitiba, engenheiro da Eletrosul e membro da coordenação nacional da Consulta. Agradecemos à colaboração do CEPAT Informa, de Curitiba, na sugestão e elaboração da pauta. A entrevista pode ser conferida no sítio do IHU, nas *Notícias Diárias* do dia 22-06-2006

# IHU em revista

<b>Eventos</b>	<b>pg. 71</b>
<b>IHU Repórter</b>	<b>pg. 73</b>
<b>Carta do leitor</b>	<b>pg. 75</b>

# Joan Robinson e a economia da concorrência imperfeita

## Quarta com Cultura Unisinos – Repensando os Clássicos da Economia

Estudar o pensamento da economista inglesa Joan Robinson (1903-1983). É com esse objetivo que acontecerá a palestra de 28 de junho no **Quarta com Cultura Unisinos - Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**, a ser ministrada pelo Prof. Dr. Pedro César Dutra da Fonseca (UFRGS). Anote para participar: É na Livraria Cultura, no Bourbon Shopping, em Porto Alegre, das 19h30min às 21h30min. Estará em análise a principal obra de Robinson, *A economia da concorrência imperfeita*, de 1933. Sobre o assunto, confira a entrevista que Fonseca concedeu à *IHU On-Line* 183, de 5 de junho de 2006. Faça o *download* na página do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), link *Publicações*.

Vice-reitor da UFRGS, graduado e mestre em Economia por essa instituição, Fonseca é doutor na mesma área pela USP, com a tese *O discurso em perspectiva e o capitalismo em construção*. É autor de diversos livros, e o mais recente deles é *A Junta Comercial no Contexto da Economia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. Fonseca palestrou em 24 de agosto de 2004, no evento **Era Vargas em Questão: 1954 – 2004**, promovido pelo IHU, com o tema *O modelo econômico da Era Vargas: impactos na sociedade brasileira*.

Nascida na Inglaterra, Robinson é uma das principais economistas do século XX. Tornou-se conhecida por sua vasta contribuição à teoria econômica. Em 1958, fez parte da Academia Britânica e, em 1962, foi eleita membro do Newnham College. Apenas em 1965, conseguiu ascender ao título de professora catedrática. Inicialmente ligada à economia neoclássica, partidária das idéias de Marshall, Robinson mudou de posição após se familiarizar com os trabalhos de John Maynard Keynes, tornando-se membro destacado das escolas neo-ricardiana e pós-keynesiana. Introduziu a teoria da concorrência imperfeita na sua famosa obra de 1933, *The Economics of Imperfect Competition*. Destacou-se também pela atenção que deu aos problemas do subdesenvolvimento. Escreveu diversas obras, entre elas, *Contribuições à economia moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979; *Introdução à teoria do emprego*. 3. ed. Rio de

Janeiro: Forense-Universitária, 1984. A obra *A economia da concorrência imperfeita*.  
Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

## **Filme *Pra frente Brasil* em cartaz no IHU História do Brasil e Cinema**

Neste sábado, 1º de julho, das 8h30min às 12h30min, estará em exibição, na sala 1G119 do IHU, o filme *Pra frente Brasil*, do diretor Roberto Farias. A atividade integra a programação do evento **História do Brasil e Cinema**, sob a condução dos professores doutores Eloísa Capovilla Ramos e Flávio Madureira Heinz, ambos da Unisinos.

Heinz, professor e coordenador do PPG em História da Unisinos, é graduado em História e mestre em Sociologia Rural pela UFRGS. Coursou doutorado em História do Mundo Contemporâneo na Universidade de Paris X (Paris-Nanterre), na França. Sua tese intitulou-se *Les fazendeiros à l'heure syndicale: représentation professionnelle, intérêts agraires et politique au Brésil, 1945-1967*, publicada em 1998 pela Presses Universitaires du Septentrion, em Villeneuve-d'Ascq. É um dos autores de *O Parlamento em Tempos Interessantes: breve perfil da Assembléia Legislativa e de seus deputados*. Porto Alegre: CORAG, 2005 e organizou a obra *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. Concedeu entrevista à *IHU On-Line* 183, de 5 de junho de 2006, sob o título *Um filme histórico verossímil*, falando sobre o filme *O Tronco*, de João Batista de Andrade, apresentado no evento **História do Brasil e Cinema**.

Capovilla é graduada e mestre em História pela UFRGS, com a dissertação *O Partido Republicano Rio-Grandense e o poder local no Litoral Norte do Rio Grande do Sul*, e doutora em História pela mesma instituição, com a tese *O teatro da sociabilidade: os clubes sociais como espaço de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras - São Leopoldo 1858-1930*. É co-autora do livro *Sociedade Orpheu: da história de um nome à identidade de um clube*. Porto Alegre: Palotti, 1998. Entre suas inúmeras participações ligadas a atividades do IHU, destacamos a mais recente delas, quando foi debatedora do filme *Jânio a 24 Quadros*, de Luiz Alberto Pereira, em 17 de junho de 2006, no evento **História do Brasil e Cinema**.



## Cecília Seidel



De origem alemã, a funcionária de higiene e conservação da Dalkia - empresa que assumiu a limpeza, manutenção e jardinagem da Unisinos – Cecília Seidel, se considera uma pessoa normal. Tímida, Cecília hesitou em conceder uma entrevista à **IHU On-Line**: “Eu sou só uma colona alemã”, argumentou. Mas esta “colona” de quase 1,80 m, e fala mansa, revela que sabe alemão fluentemente, torce

pelo Grêmio e tem os filhos como sua maior paixão.

**Origem** – Nasci no município de Cerro Largo<sup>98</sup>, no Rio Grande do Sul, no dia 23 de novembro de 1964. Vivi na comunidade de alemães da Linha Caraguatá. Meu avô materno, Paulo Pedro Langer, era alemão, nasceu em um navio fugindo da guerra. A mãe dele, minha bisavó, estava fugindo da Alemanha. Todos nós falamos alemão fluentemente. Meu pai, Ermindo Seidel, e minha mãe, Hilária Maria Langer Seidel, vão completar 50 anos de casados no dia 13 de agosto deste ano. Farão bodas de ouro! Tenho 7 irmãos.

**Cerro Largo** – Passei toda a minha infância e a adolescência em Cerro Largo. Fiz meus estudos lá também. Estudei só até a 5ª série, porque, como a cidade era pequena e pobre, e o colégio no qual eu poderia terminar o Ensino Fundamental e começar o Ensino Médio, era muito longe, eu teria que pegar ônibus, e meu pai não tinha condições de pagar as passagens.

**Trajetória** – Parei de estudar e fui para roça com meu pai. Plantava milho, soja, colhia, tirava leite, fazia de tudo. Trabalhei na roça até os 22 anos. Então veio uma família me buscar para trabalhar com eles. Era uma família conhecida de uma tia minha em Cerro Largo. Trabalhei dois anos nesta casa, fazia de tudo. Depois que saí, fui trabalhar com uma outra família em Santo Ângelo. Quando eu quis sair de lá, a família me fez a proposta de me dar um fogão a lenha se eu ficasse. Como eu gostava deles, fiquei.

---

<sup>98</sup> **Cerro Largo** é um município [brasileiro](#) do [estado](#) do [Rio Grande do Sul](#). Localiza-se a uma [latitude](#) 28°08'55" Sul e a uma [longitude](#) 54°44'17" Oeste, estando a uma altitude de 211 metros. Sua população estimada em 2004 era de 12.350 habitantes. Possui uma área de 174,64 km². (Nota da **IHU On-Line**)

**Casamento** – Saí de Santo Ângelo e vim para São Leopoldo, onde conheci meu marido. Ele é carpinteiro e sempre diz que é a profissão de Jesus. Ele tem 46 anos. Casei-me com 27 anos. O nome do meu marido é Emo Eloir de Oliveira.

**Filhos** – Temos dois filhos, dois guris, Andrei, de 13 anos e Roberto, de 9 anos. Meus filhos estão estudando e vão muito bem no colégio. As professoras sempre dizem que se existissem mais uns quatro ou cinco como os meus filhos, o colégio não teria problemas. Eu fico muito feliz. Mas tenho dó deles, porque são muito tímidos como eu. As pessoas sofrem com a timidez.

**São Leopoldo** – Dia 7 de julho, vai fazer um ano que trabalho aqui na Unisinos. Logo que vim para São Leopoldo, trabalhei quatro anos em um motel, arrumando e limpando. Eu tinha que trabalhar e foi o único lugar que achei para endireitar minha carteira de trabalho. Logo depois fui fazer uma ficha na Dalkia em Porto Alegre para ver se mudava de emprego. A Dalkia é a agência que terceiriza o trabalho de limpeza, manutenção e jardinagem da Unisinos. Fui escolhida e comecei a trabalhar, primeiro no Centro 3 e agora no Instituto Humanitas.

**Religião** – Sou uma pessoa muito católica. Eu acredito muito em Deus porque tenho a certeza de que ele sempre me ajudou muito. Vou à Igreja e levo meus filhos também. Meu marido não gosta muito, mas eu “puxo ele junto”.

**Livros** – Eu leio os cadernos dos meus filhos. É muita a correria de cada dia. Trabalho no IHU, cuido do pai do meu marido que mora na minha casa, e é bem idoso. Em casa lavo a roupa e faço a comida, então a única coisa que leio são os cadernos dos meus filhos para ajudá-los nas lições.

**Futebol** – Eu adoro jogar futebol com os meus filhos. Costumo sempre assistir ao que eles assistem e, geralmente, são jogos de futebol. Torço pelo Grêmio.

**Comida** – Gosto mesmo é de comer aipim com arroz e uma carne molhada com a banha. Tenho uma hortinha na minha casa que tem aipim, árvores frutíferas, pé de cana. É uma casa pequena, mas damos um jeito de plantar tudo.

**Paixão** – São os meus filhos, eles são tudo pra mim.

**Cinema** – Nunca fui ao cinema. Eu tenho curiosidade, mas não é nada demais. Eu só vou se os meus filhos forem.

**Um presente** – Com qualquer coisinha eu já fico feliz.

**Filosofia de vida** – Sou uma pessoa normal. Eu vivo minha vida sem brigas e violência na família, tenho o que comer e vestir. Isso é uma vida normal.

**Unisinos** – Antes de chegar aqui minha irmã fez uma novena para eu conseguir um bom emprego, e aqui estou eu!

**Instituto Humanitas Unisinos** – Nunca vou esquecer o dia que participei dos bastidores da quinta-feira santa. Eu vi o repartimento do pão e do vinho e aquilo me emocionou. Gosto do IHU porque as pessoas me acolhem bem.

# Carta do leitor

Em primeiro lugar, quero dar os parabéns à equipe responsável pela revista pelo conteúdo desta, em especial à ênfase aos trabalhos de pesquisa realizados por esta Instituição de ensino e pesquisa. Recebi um exemplar da edição de 5 de junho, durante o Simpósio Floresta de Araucária. Na abertura do simpósio, o reitor salientou em seu discurso a importância da pesquisa para a Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Muitas destas pesquisas realizadas na Floresta Nacional de São Francisco de Paula, Unidade de Conservação administrada pelo IBAMA/RS (ver <http://www.saochico.com.br/IBAMA/referencias%20flona.htm> )

O que causou estranheza e motivou esta mensagem foi uma referência contida no Editorial da referida edição.

Sem entrar no mérito da discussão da monocultura de árvores exóticas, assunto de amplo debate e que terá o licenciamento regrado pelo Estado do Rio Grande do Sul, mas na citação do episódio de vandalismo em uma unidade de PESQUISA como “ato de denúncia das mulheres camponesas no dia 8 de março deste ano” , sugerindo desta forma que a universidade “apóia” este tipo de manifesto.

Essa é a questão que para mim ficou sem resposta. A Universidade, como instituição de ENSINO e PESQUISA apóia aquele lamentável episódio? Considerando que o Editorial reflete a linha da revista, que deve (ou deveria) refletir o pensamento da Universidade.

Não esquecendo da liberdade de pensamento e expressão, nada mais justo que qualquer posição seja divulgada, mas com a clareza do(s) signatário(s) da posição.

Conhecendo de perto o cotidiano e a dificuldade dos pesquisadores das áreas naturais, esforço, conhecimento e tempo (às vezes anos) para atingir os objetivos, lembrando a posição do Brasil na comunidade científica mundial em todas as áreas e, principalmente, refletindo como mulher, fiquei com vergonha das notícias veiculadas a respeito no dia 8 de março, dia da mulher. As ditas “mulheres camponesas” realmente sabiam o que pretendiam “denunciar” ? Para que e para quem serviu o manifesto? Serviu?

Atenciosamente,

Edenice Brandão Ávila de Souza  
Analista Ambiental da FLONA de São Francisco de Paula  
Rincão dos Kroeff, São Fco de Paula/RS  
IBAMA/RS